

DEZEMBRO

5-1916

Dez. de 1916

1915 tem a sua revista.



Revista
Feminina

Anno 3
№ 31

CALÇADO ROCHA



S. Paulo

pede ao publico desta capital, antes de fazer suas compras, visitar as vitrinas dos seus depósitos, especialmente as da "Casa Rocha" * para afim de julgarem da superior qualidade e belleza de seus calçados, como dos preços módicos, porque estão sendo vendidos, 20% o mais barato que qualquer outro * **CASA ROCHA** Rua 15 de Novembro, 16

Filiaes: Rua Sebastião Pereira, 32
R. 15 Santa Epitaphia, 108
Avenida Rangel Pestano, 269
Avenida Rangel Pestano, 333-B.

P. 5 Neste mez **GRANDE VENDA ANNUAL** com redução em todas as marcas e liquidação de saldos a todo preço

O Protector da Belleza

Dioxogen



Rejuvenece e embelleza
Limpa os póros.
Remove as causas das affecções cutâneas.
Torna a tez bella e saudavel e conserva-a assim.
Sem rival para a hygiene da boeca e do corpo.

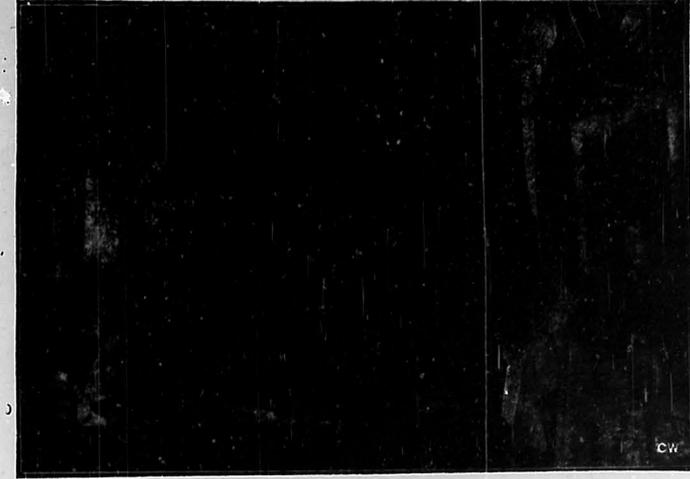
— Pecam pelo nome: DIOXOGEN —

A venda em todas as Pharmacias, Drograrias e Perfumarias.

Unicos Agentes para todo o Brazil:

Paul J. Christoph Company

Rua da Quitanda, 115 - Rio de Janeiro
Rua Quintino Bocayuva, 44 - S. Paulo

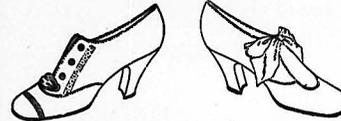


CASA EXCELSIOR

CASIMIRAS E AVIAMENTOS :: FACILITAÇÕES AOS ALFAIATES E REVENDEDORES
PREÇOS EXCEPCIONAES :: IMPORTAÇÃO DIRECTA
A. CIBELLA & CIA :: RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 SOBRE LOJA

Novidades para Verão

CARLOS IX



CASA GUARANY

Telephone, 1501

Rua 15 de Novembro, 17

-- SÃO PAULO --

Exclusivamente para Senhoras e Senhoritas

O CREME DO HAREM

(Nome Registrado)

tem a primasia, porque...
...é uma preparação conscienciosa, séria e não é imitação;
...é o mais antigo, tem o nome registrado, sua formula analysada e aprovada pela Directoria Sanitaria e foi premiado na Exposição de *Bruxellas*.
... tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.
Portanto, todas as imitações que appareceram apparecem, e que apparecerão, embora com nomes differentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estojo 3\$000 Pelo Correo 4\$000
Em todas as perfumarias e drograrias e na

PHARMACIA SANTOS
Rua S. Bento 74-A - S. PAULO

13
19 f

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Brasileira

CHAPEAUX

Esta semana fazemos, nos salões do 1.º andar, uma GRANDE exposição dos novos Chapéus para Senhoras e Senhoritas. Temos muito prazer em convidar as nossas distintas freguezas para visitar esta exposição, pois estamos certos de que até hoje nunca conseguimos reunir tão bella collecção de modelos de todas as qualidades e preços.

Queiram notar que não expomos modelos nas vitrinas.



Fig. 58—Chapéu de Palha e Seda Taffeté
Lago de Palha no lado, estylo chic.
Cores: Branco, Beige, Marinho.

Formas de chapéus desde 15\$000

Chapéus Demi-Garnis desde 18\$000

Modelos nos Estilos, os mais Esclusivos

MAPPIN STORES

26, Rua 15 de Novembro, 26

Caixa 1391. -- Tel. 45. -- S. PAULO

ANNO III

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1916

NUM. 31

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES
REDACÇÃO:
RUA 15 DE NOVEMBRO,
33 — Sobr. loja.
TEL. DA RED. 5001

Preço para venda avulsa:
600 réis

ANUO ANNUAL PARA TODO O
BRASIL 7\$000
TEL. DA RESIDENCIA 8004

DEZEMBRO

DEZEMBRO... Haveria que escrever sobre o Natal, sobre o velho de longas barbas brancas, que entrega ao novo anno — um adolescente adornado de virentes pampas — as chaves da Casa Eterna, do tempo que se succede, mas que não muda, em cujos beirões de granito, meuz vezes cantam as cotovias do riso, do que vezes se ouve o pio, soturno e atro, das aves merencórias.

Outros fal-o-ão, certo; outros, para os quaes a vida se não encerrou ainda no hausto vegetativo da saudade; outros, que comprehendem horas, que comprehendem dias, que comprehendem mezes, que comprehendem annos... Para os corações que ainda não amaram, cada sol que se delta, na ourichamma do poente, é uma semente de ouro, que deve germinar no sonho do luar, para florescer, em flavos esplendores, na messe primaveril da alleluia das manhãs.

Para os corações que amam, não ha auroras, nem crepusculos; o sol, ao meio-dia, é a canção embriagada da cigarra; o crepusculo, um ligeiro fechar de palpebras sobre a almofada do luar, feita com o «maramé» da phantasia, que as estrellas e a via lactea trançam.

Para os corações que já amaram — e que já amaram do grande amor, de raizame profundo que exhaure — auroras e luars são paginas brancas que o tempo dispõe, a seguir, no liquo da vida, para que se nellas inscreva, apenas, o soluço continuo de um crepusculo, que só a noite fechada da morte pôde extinguir. A alma sobre a qual baixou o luto da grande viuvez vae, pelo tumultuar da vida, de olhos baixos e de ouvidos moucos. Ha casquinar de risos, ha bimbalar de sinos, ha ruido de festas e trombetear de fanfarras... E' tudo lá fora... para os outros... Ella vae embevecida e triste, plañando sobre a terra, no vão baixo de uma ave ferida... Que lhe importa a musica da vida?... Ha uma canção que lhe chega aos ouvidos, vinda de dentro, do mais intimo; uma homophonia, em cujas sempre mesmas aguias, silenciosas e eguaes, voga sua alma e mais outra alma, como dois

cysnes negros na esteira de uma evocação... Anoitece... amanhece... E' um outro dia?

Não: é sempre o mesmo! O dia longo, sereno, concentrado. Nada o perturba. Nem ruidos bravos o aggridem, nem ruidos mansos lhe descontinuum o amoroso embevecimento.

Succedem-se os amanheceres e os anoiteceres; alpede, o tempo voa: já com as gazes transparentes das manhãs, que a luz meridiana afesta de falbalás de ouro; já com o veu cinzento escuro do crepusculo, que se desemvela no bailado lancinante da angustia, á luz da lampada que a lua suspende na cupola azul do scenarrio immenso.

São outros mezes?... Não! São os mesmos; o luto é um só; a dor é uma só; a musica serena da saudade nem se interrompe, nem esmaece.

E o anno decorre: e as aguas da vida, para os outros, ora acachoaem e se encrespam em rodopelos, atumtuadas e bravias; ora, serenas, rriem com os nelumbos, nos cantos de sombra feliz...

Natal!... Anno Bom!... Um outro anno? Não; os dias foram os mesmos; os mezes foram os mesmos; os annos são os mesmos...

A precissão da vida canta e passa: — uns alamarados, solennes e graves, na loucura bizarra dos cerimoniaes, sob o pallio do pouco senso alheio; outros, na disciplina obediente das filias, queimando a mão á chammarra incondicional dos dogmas; outros, albardados pela miseria; outros, a rir, a rir doidamente na inconsequencia de um insecto de ouro encasquilhado na esmeralda de uma primavera; e outros a chorar; e outros a dançar... A pobre alma, viuva e triste, achega-se aos beirões; cose-se aos muros de sua saudade; e mais amoucados os ouvidos faz, tapando-os com os dedos, para que o ruido da vida não lhe amossegue a alma. A farandula canta e passa... A estrada fica deserta; o silencio, pouco a pouco, emenda suas aguas... A triste, então, se despega de seu canto. Olha, através do veu de luto, a massa distante da vida, que se atumtua e corre no circulo vicioso de um parodoxo... Arrisca o primeiro passo... e outro... e outro... mais... Se-gue: — olhos baixos, ouvidos mou-

cos... Auroras e luars são paginas brancas para a graphia de seu soffrer.

Ouve-se um sino; estriuge um foguete; espoucan gyandolas; cantam os gallos o hymno da masculinidade; soluçam os violões a dolencia da feminilidade; surgem bandos de pastorinhas, a dançar; e de pastorinhos, a frautar; labios acasalam-se num beijo, ao reverberio tepido dos fogões, onde crepitam as castanhas...

E as creanças — as pequenas e as grandes — sonham com os amoraes nunes que descem pelo luar, atravessam as lobregas chaminés e vão cumulado no sapatinhos da esperança com as dadivas da illusão! Sonham as pequenas com os felposos carneirinhos, com os jocosos bonifrates, com os lepidos coelhinhos, com os saquitéis de confeitos e com os lindos balões que se enchem de cores e que, aos pares, em cordeis, farão dançar no ar, pouco acima da cabeça. Sonham as grandes com outros bonifrates e com outros balões; bonifrates que não cabem num sapato, balões de phantasia que se perdem, ás vezes, na vastidão azul dos scirmares. Sonham todos: pequenos e grandes. E outro foguete estriuge; novos sinos acordam; a farandula da vida canta e passa; soluçam violões; dilue-se nos ares a magua embomelada das flautas... Ouve-se o estalido de um beijo.

Natal! Finda-se o anno? Natal!... Um novo anno? Não. Sempre o mesmo, para as almas tristes, para as pobres almas viúvas, da viuvez do grande amor, do que a morte não extingue... para as pobres almas que, no jardim da vida, são a escabiosa triste, a cineraria dolente, o cinamomo torturado, abrigando na hituca corolla de um seio, o echo triste do ultimo soluço de um amor!...

A todas suas leitoras e collaboradoras a REVISTA FEMININA envia boas-festas e mil ridentes augurios e pede-lhes, pela victoria da causa que defende, que não se esqueçam de angariar-lhe novas assignaturas para 1917, concorrendo assim para se firme de vez a nossa modesta iniciativa.

Anna Rita Malheiros.

AS NOSSAS LEITORAS

CHEGAMOS ao fim de nosso terceiro ano de existência... Basta este enunciado para se compreender o numero de contratempos e de obstáculos que tivemos de vencer: a indiferença de uns, a rivalidade de outros, o scepticismo de ainda outros — durante período de existência nunca anteriormente atingido por qualquer outra publicação do genero da nossa. Diariamente, e de todo o Brasil, chegavam-nos cartas entusiastas pela victoria que vae obtendo nossa publicação. Nossas missivistas porém, nem sempre se lembram da sonima de sacrificios que essa victoria representa e que cada uma dellas poderia minorar, auxiliando-nos na luta — e de modo effizaz — com o angariar de uma nova assignante.

A nenhuma de nossas leitoras será porcerto necessario convencer da real utilidade de nossa Revista. É uma leitora que se impõe, no lar, não só pelo escrupulo e cuidado com que reformamos nossas paginas litterarias e recreativas, como pelas innumeras secções de utilidade domestica e de educação, que vamos mantendo. Nenhuma outra publicação existe entre nós que possa com maior confiança circular entre as senhoras e senhoritas; nenhuma outra existe que mais util seja á formação do espirito feminino, dentro das normas da educação moderna, que sem abandonar o que de bom havia na educação de nossas antigas donas de casa, diffunde a noção real de seus deveres e de seus direitos na sociedade moderna.

Única no genero, feita com carinho e entusiasmo, sem escopo mercantil de lucro, nossa publicação, ao fim de tres annos de existência devia ter pelo menos 20.000 assignantes, entre os 20 milhões de habitantes deste grande paiz. Quão longe estamos no entanto de alcançar aquelle quociente!... Nossas edições, depois que demos maior formato e maior numero de paginas á Revista, são de 15.000 exemplares. Tem sido esta a tiragem normal de nossos ultimos numeros. Não creiam, porém, nossas leitoras, que tenhamos tal numero de assignantes; na tiragem está incluída

a venda avulsa, que estamos mantendo em quasi todas as grandes cidades do Brasil, e uma grande parte, que distribuimos gratuitamente, todos os mezes, a titulo de propaganda, ora num Estado, ora noutro, variando sempre os endereços, de que possuímos larga copia, pacientemente accumulada. A venda avulsa, nenhum lucro traz á Empresa. O que poderia constituir lucro vae em commissão aos agentes e revendedores. A grande parte de nossa edição que se vende avulsamente pode pois ser incluída, como movimento financeiro, entre os exemplares de propaganda. O que nos mantem são as assignaturas e os annuncios. Infelizmente a alta do preço do papel veiu augmentar as despesas, já de si enormes, da confecção da Revista, de modo que, os nossos ultimos numeros têm deixado deficit, pequeno é exacto, mas continuado, o que parece estranho ao fim de tres annos de existência e de franco sucesso! Com uma edição de 15.000 exemplares parece á primeira vista que não devia haver prejuizo; e não haveria, porcerto, se uma grande parte della não fosse distribuída como propaganda, sempre na esperança de vermos vendida a indiferença de noscros patricios por toda a obra social que não represente proventos materiaes immediatos.

Apellamos pois, novamente, para nossas leitoras, principalmente para as que nos têm expresso seu entusiasmo, pedindo-lhes que aproveitem as festas do Natal, nas quaes todas as familias se permitem algumas despesas extraordinarias, para angariarem novas assignaturas. Para uma senhora, é um lindo presente de festas, uma assignatura da Revista. Durante doze mezes a nossa Revista lhe levará, a par de uma noção util, uma pagina recreativa; e durante doze mezes lhe lembrará a pessoa cuja amizade não a esqueceu pelo Natal.

Todos os outros presentes desapparecem ao cabo de alguns dias. A Revista, durante doze mezes seguidos, lembrará vosso nome á pessoa a quem offereceres uma assignatura.

V. de S. S.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL. — 74000

As assignaturas podem comegar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

Todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA para 1917 terão direito ao nosso numero extraordinario do Natal.

Toda Sra. que nos arranjat 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Aviesmos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformar-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada a REVISTA FEMININA deve ser dirigida a Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Rua 10 de Novembro, 33, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

OS NOSSOS CONCURSOS

Só no proximo numero é que poderemos dar o resultado final do nosso 2.º concurso infantil e XV concurso litterario. Isto para dar lugar aos concorrentes dos Estados do Norte, cujas respostas ainda estamos recebendo.

Para ennegrecer os cabelos

Ha innumeras receitas para dar a cor preta aos cabelos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque não á base de nitrato de prata, de suco de chumbo, de cobre, de cobalto e até—parece incrível!—cyanuro de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas todas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cancro do fígado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por necitentes mais graves.

As duas antenas formulas inoffensivas são o *Henné* verdadeiro para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingo desde o castanho até um bello negro luxuante e vivo, que illude á pessão mais esport.

É preciso não confundir o verdadeiro *Henné*—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de suco de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedida de diversas leitoras nos estavam fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro *Henné*—para as loiras e castanhas—mas a guerra veiu annullar os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John Regent & Comp. fizessem vir da Europa e ás nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabelos brancos, poderemos servir de intermediarias enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavarse a cabeça em seguida, e por brillantina ou qualquer oleo nos cabelos. É sufficiente uma applicação por mez e cada tubo de *Petalina* pode durar para um anno ou mais pois é concentrada e vae acompanhada de um preparado expulso sobre a maneira de unha e preparação. Simples, facil, perfeto e inoffensivo. Basta enviar a importancia de dez mil reis e 500 reis para parte e o endereço á Empresa Feminina Brasileira, Rua 10 de Novembro, 33—sobre-lua—S. Paulo.

A "noche buena"

PASSEI na Galizia o inverno de 1911. Doce no verão, grata aos olhos pelas suas campinas cheia de sol, as suas colinas viridentes e os seus pampanos escuros estremecendo sob a brisa cariçosa das serranias, a Galizia é triste e aspera no inverno. Todos os temporales do oceano a fustigam incessantemente. Cordas de agua descem sem repouso dos ceus plumbeos e escurcidos pelos vapores que correm abaixo na atmosphera. O frio e a neve bloqueiam-nos no lar, junto ás chaminas vivas da acha que arde nos fogões, lendo e conversando.

— Já assistiu á missa de *noche buena* em Hespanha? perguntou-me um amigo, que me foi fiel companheiro de exilio, na tarde de 24 de dezembro.

— Ainda não.

— Pois não preza a missa de hoje, na cathedral. Virei buscal-o ás onze e meia.

Consultei os ceus, dos quaes desceia já um mornio e pardo crepusculo. A chuva ruíva nas vidraças; longe, o Aloya furava as nuvens com o seu pinçaro empachado de branco. Ruim noite para excursões! Porém, a sumptuosidade da cerimonia que me prometiam valia bem o risco duma constipação. Decidi-me, bruscamente, com aquelle philosophico desprezo pelas doencas que é o verdadeiro segredo da saúde.

Um pouco antes da meia noite, dirigia os meus passos para a cathedral de Tuy, emarranhando-me naquellas labirynthicas e estreitas e quebradas que imprimem ás povoações um cunho de indiscutivel antiguidade. Tuy é uma cidade velha, cuja origem se perde nos abysmos da historia. Da sua velhice veneranda não se limita a conservar a architectura da idade média, os escaedrios quebrados que lhe dão accesso do lado do Minho, os trinta e tantos conventos quasi desertos, os beccos e travessas que nos obrigam a evocar immediatamente aventuras nocturnas de espada-chins, brigas de adaga, raptos e escapadas de seda, oscillando ao vento, penderes de varandim entrecabertos.

Tuy conserva tambem, desde tempos remotos, costumes saudáveis e patriarchaes, um grande respeito pelas tradições e uma mentalidade indifferente ao materialismo de Zola e ao scepticismo de Anatole.

Aquella hora tardia, grupos compactos desembocavam das ruas recortavam-se vigorosamente, por momentos, no clarão projectado pelos lampes electricos, economicamente distribuidos por algumas esquinas, e distiam-se de novo na penumbra. Os sinhos da cathedral ablavam o ar, chamando os fieis para a cerimonia. E uma procissão apressada de vultos

irreconheciveis debaixo de grandes capotes, das sumptuosas capas forradas de vermelho vivo e dos guarda-chuvas, trepava até ao largo, onde se se ostenta isolada, na sua grandeza solitaria de monumento velho de oitocentos annos, que viu as gerações passarem e os fados cumprirem-se sem sentir estremecções nas suas entranhas de granito. Afrontára as brigas dos homens e as hostilidades dos elementos durante largos seculos; e de toda essa longa historia não guardara mais que a *patine*, com que o tempo reveste a pedra, dando-lhe o tom indeciso grato á vista e aos archeologos.

Sob as vastas naves, sustentadas por columnas de pedra brillante e polida, e violentamente illuminadas de mil chammas que lucilam em todos os altares, a multidão guarda um silencio religioso. São as figuras da burguezia citadina; são os campones acanhados, vindos de longe com um capote de burel e um bordão dorado; são as autoridades; é um povo de clerigos e seminaristas. Soam lentamente as doze badaladas. O organo ataca uma melopeia em que realza a exaltação da fé; e logo de uma das naves desemboca o cortejo dos officiantes, conegos revestidos dos seus carmezins imperiaes, incensadores aspergindo perfumes, o bispo mirrado, muito alto e magro nas suas roupagens de gala, duas filias de antiphonarios, psalmoncando. Um calor morno invadía-nos, enquanto a chuva açolava mais violentamente os vitraes coloridos do templo e, de cada vez que o pesado portão se abria, uma rajada glacial provocava defluxos.

A cerimonia começou. Um povo de clerigos atrava para o ar, juntamente com o incenso, as phrases ardentes e invocadoras da liturgia. Nos intervallos do canto, o organo gemia longamente, com a doçura ternaduma ave mal ferida. Obedientes ao gesto do mestre de cerimonia, fampulos, presbyteros, capitulares e o bispo deslisavam vagarosamente pela egreja, iam junto á porta fazer as saudações do ritual, pisando uma pasadeira macia e escarlate. Voltavam depois numa grave theoria hierarchica, derramando gestos unificos sobre a cabeça dos fieis ajoelhados. Nas voltas das columnas que sustentavam a ampla abobada, rouxinões melodiaes alegremente, despertos pelo ruído da musica e das vozes, nas suas tristes galolhas donde pendiam fitas vistosas. E um forte aroma a edade média, a poesia do passado, ao odor que se desprende das catacumbas romanas, invadía a atmosphera, lançava as almas fatigadas pelo desejo no apasiguamento e na calma.

A missa da *noche buena* terminou ás tres horas da madrugada. Durára

o tempo tradicional, no vagaroso rythmo de ecclesiasticos sabios, que conhecem as regras e são lentos no gesto e na palavra. É, como uma cidade que emigra, a multidão esvauiu pouco a pouco a cathedral.

Fóra cessara a chuva; mas fazia um frio intensissimo. O ceu aclarára e um fio de luar álgido brillhava em estrias na agua empochada. Luzes das veladas familiares desciam das ventanas á rua humida e denunciavam a pequena orgia do chocolate domestico gulosamente sorvido, antes do somno repousado que a fadiga da noite exige.

É, pouco a pouco, a pequena cidade medieval cahiu no silencio. Apagam-se as luzes, tornaram-se desertas as ruas onde serpenteavam agora as lanternas tranquillizadoras dos *serenos*. Tudo se sumiu na sombra e na paz. A massa imponente da cathedral projectava no ceu os torredões do campanario, agora mudo. O rio Minho cantava em baixo, nas penedias, que roçava de mansinho, como se temesse acordar a cidade.

E nunca mais, nunca mais se apugou da minha memoria o primeiro Natal passado no exilio, essa maravilhosa *noche buena*, que reunia as familias mas fazia chorar os emigrados, desenraizados da patria e do lar, expiando em terras longinquoas, no isolamento e no desconforto, o peccado do Ideal e o crime da Revolta!

GOMES DOS SANTOS

A mulher brasileira

fina—e na paz do amor, o seu meigo sorriso
É meigo como um Ideal sorriso de Maria...
Sonia—e no mar de Vido abre um dourado riso
Como, outono, Zesto, no mar de Phoenicia...

Canção—e, ao seu doce canto, o excoelso Paraiso
Beira do saero azul, em lotros de harmonia...
Choro—e, ouvidos o choro, eu sougo e dilato
Nos astros de uma noite os legirimos de um dia...

A mulher brasileira é de deus dos primeiros,
É o sol de formosura, é a graça do Uiteroso,
É o diluio viriude, é a casta líria dos flores...

É o delitico bém do mundo em megue imenso,
É o symbolo do amor—de todos os amores,
É a ventura do poeta e a alma de cada verso!

Benedicto Salgado

Academia de corte Sacchi

No dia 16 do mez p. passado as 20 horas, á rua 15 de Novembro, 29, receberam diplomatas da Privilegiada e Promovida Academia de Corte Sacchi as senhoritas Giovannina C., Carolina G., Evangelina F., e Eponina de C. e os srs. Camillo S., Domingos C., Ezyllo S. e Carlos S.
No dia seguinte, no no Bosque da Sauda os diplomatas offereceram um picnic ao seu professor, o sr. Sacchi em signal de gratidão.
Gratos pelo convite que recebemos.

NATAL DE UM TRISTE

I

Estamos em Dezembro,
O lindo mez das impressões honestas,
Dos Presepes, das Missas e das Festas...

Com que Saudade dolorosa eu lembro
Agora,
Que anda perto o Natal,
O meu tempo de outr'ora
E os alegres Nataes do meu Casal.

Mas corramos um véo
Sobre esse trecho de Felicidade,
Que foi, querida, como um lindo Sonho.
Passemos longe este Natal tristonho
Que nos faz mais Saudade
Das nossas filhas que lá estão no Céu.

Do bulício do Centro vim fugindo,
Hoje que a Vida tanta magua encerra,
Para este canto lido
Dos extremos ruraes da minha Terra.

Vim para aqui, para este canto quieto
E para a paz clemente
Deste humilde tecto,
No meio simples desta boa gente;

Vim para aqui, para esta Aldeia branca,
Onde ha paz de Lavouras e d'Igreja,
Ver e sentir como esta gente franca
O seu Natal festeja.

E fico aqui, na minha Dor immerso,
Longe da Vida extranha da Cidade,
Todo entregue ao meu triste isolamento...
Sinto melhor assim o meu Tormento
E assim canta melior esta Saudade
Na lagrima do Verso.

II

Vem chegando o Natal. Ha noites claras
E a brancura christã da Prece e de Hymnos
Sobe daqui destas paragens francas,
E tudo é branco — estradas e seáras.
Vem chegando o Natal, ouço-lhe os sinos
E o seu lindo rumor de cousas brancas.

Vem chegando o Natal, Flor desolada,
Que em tristezas e maguas te estólas,
Vem chegando o Natal, eu bem o vejo;
Ha já preparos para a Consóada
E chora pelo quintalejo
A plangedora magua das violas.

Vem chegando o Natal, Flor das trigueiras
De Alma dorida toda envolta em crepes,
Ha por tudo cantares e regalos...
Accendem-se fogueiras
E junto á Paz do Lar e dos Presepes
Estala o canto marçal dos gallos.

Vem chegando o Natal, todo coberto
Do Pallio branco de um Luar d'Estios...
E vem achar o nosso Lar deserto
E dois Berços vasilos.

Vem chegando o Natal, ouço-lhe os passos
Lentos e em receios
Como presos de maguas e canções,
Mas, em vez dos que tanto o desejaram
Vem encontrar nossos olhos cheios
Da tristeza de uns olhos que choraram.

Vem chegando o Natal...
Tu bem te lembras, como eu bem me lembro,
Da alegria feliz com que Dezembro
Entrava outr'ora pelo meu Casal.

Dos alegres Nataes desta locanda
Resta a Saudade que nos acabrunha
E a lenda immorredoura
Dos lindos mimos que Jesus depunha
No pequenino berço de Lenôra,
Nos sapatinhos velhos d'Yolanda.

Pela paz desta Noite aiva, aromal,
Vem chegando o Natal... Pura entre as Puras,
Caminheira d'estradas dolorosas,
Festejemos tambem nosso Natal,
Alegrando de cravos e de rosas.
A tristeza daquellas sepulturas.

III

Com que tristeza mórbida eu me lembro
Dos alegres Nataes do meu Casal.

E estamos em Dezembro...
Vem chegando o Natal...

*** MARIO FEDERNEIRAS



O HOMEM QUE ERA MALUCO...

(de George Weston)

Adaptado ao portuguez, especialmente para a Revista Feminina, por ADELAIDE RIMM.

Em qualquer pequena cidade ha sempre um «maluco» e um «engraçado». Certifiquei-me desta verdade ao abrir meu consultorio medico numa cidade do interior de Minas. Logo, nos primeiros dias, conheci um e outro. O maluco chamava-se Juca Rosa; o engraçado, teneite Euzebio. Eram typos populares que toda gente conhecia. O primeiro que appareceu no consultorio foi o Juca Rosa. Uma velha creada, do lugar, que eu tomara a meu serviço, incumbiu-se de prevenir-me, antes que eu o recebesse: — Está ahí o Juca Rosa; E' um maluco!

— Que quer elle?
— Quer consultal-o — respondeu-me a creada.
E, sem que eu lhe pedisse, traçou-me em poucas palavras a biographia do Juca Rosa. Pertencia á familia dos Rosa; era o ultimo descendente.

Os Rosa tinham tido voga no lugar.

Houve um Rosa cabo eleitoral famoso; houve outro que se ordenara e cujos sermões, na epoca, haviam feito o orgulho da cidade; e houve ainda um, o maior de todos, o coronel Rosa, da Guarda Nacional, que chegara a presidente da Camara e que tivera a suprema honra de aper-

tar a mão do Imperador, por ter vencido os mouros e conquistado seis argolinhas... numas «cavalhadas» em honra de S. Magestade. Tinha sido, positivamente, uma familia illustre. Descambara, porém. Muito orgulhosos, Rosa homem, só se casava com Rosa mulher e os botões de Rosa que se succederam, foram aos poucos murchando com as alianças consanguineas. Tinham acabado no Juca Rosa; — pobre e maluco. Era tudo o que restava do roseiral!

— Mande-o entrar.
Juca Rosa entrou, pouco depois. Com olhar gazeo e um sorriso indecifrável, perguntou-me:
— O senhor é o novo medico?
— Para o servir.
— Bonito rapaz! — e estendeu-me a mão.
— Muito obrigado.

Juca Rosa dobrou as pernas e estalou os dedos dos pés. A creada me havia avisado que era seu gesto habitual. Approximando-se de mim e curvando a cabeça á altura de meu ouvido, disse-me, como a revelar-me um segredo:

— Eu não sou maluco, sabe?
— Perdão...
— E o senhor tambem não é!...
Elles me chamam de maluco: pôde acreditar que é mentira. Elles

pensam que eu não sei o que faço; eu sei tudo, entretanto. Sei porque é que o porco tem pello crespo na ponta do rabo... O senhor bem vê que não sou maluco.

— Está se vendo...
— E' que eu penso em coisas profundas. Quando elles me vêm abor-tor, a pensar, dizem que estou man-tendo. Sei porque o grillo canta mais alto em noite de lua cheia. Logo...

— Logo o senhor não é maluco — conclui eu, decisivamente affirmativo.

Juca Rosa, satisfeito com o tom de minhas palavras, correu os olhos pela sala e deteve o olhar sobre minha bibliotheca.

— Quanto livro, santo Deus, — exclamou. Para que tudo aquilo? Minha familia foi toda de gente grande e só o padre é que sabia ler. O coronel Rosa foi presidente da Camara; mal sabia soletrar, mas era o primeiro jogador de xadrez que houve em Minas. Eu nunca quiz aprender a jogar xadrez e foi minha desgraça: nunca se lembraram de mim para presidente da Camara, apesar de ter aprendido a soletrar. Depois que minha mulher morreu...

Neste ponto, vindo que a conversa se prolongava, atalhei-o:



— O senhor quer consultar-me?
— Não, senhor; não é para mim, é para ela...
— Para sua mulher? — perguntou espantado.
— Para minha mulher? Pois eu acabo de dizer-lhe que ella já morreu!... Olhe bem para mim e veja qual de nós dois é o maluco!

— Então para quem?
— Para minha filha Graça. Póde vir vel-a?

— De que soffre ella?
Juca Rosa estalou os dedos dos pés e respondeu-me:

— Hom'essa é boa!... Si eu soubesse de que soffria ella não vinha procurar o medico. Venha commigo; em dois minutos lá estaremos.
Resolvi acompanhá-lo; a clinica ainda era escassa e pelo sim, pelo não, havia que attender a todos.

Na rua, pouco falamos. Chegamos á casa de Juca Rosa, fomos recebidos por Graça. Que lindo, que admiravel typo de mulher! Ao encanto do rosto suavissimo juntavam-se duas rosas de ferro. Examinei-a demoradamente; interroguei-a; suas respostas eram claras, precisas, de notando intelligencia fina e perspicaz. Nenhuma das excentricidades de seu pai.

— Em caso de consumpção tuberculosa incipiente... — pensei commigo.

— Ouvi um estalo. Era Juca Rosa que estalava os dedos dos pés. Elle olhou-me, com absoluta segurança e exclamou:

— Não se preocupe com os fôlles, doutor.
E, apontando para os pulmões de Graça, concluiu:

— Não é nada ali. O que a põe doente é a amofinação.

— Não... pai... ia dizendo Graça.

— Sim... sim! Eu sei! — reaffirmou Juca Rosa — Chamam-me maluco! elle é a filha do Juca Rosa maluco! Quando sae á rua... quando vae á Igreja... quando vae á comprar... é a filha do maluco. E' o desgosto, a amofinação, pôde crer, doutor. Ah, mas tão logo que eu arranjo um dinheirinho, levo-a daqui... E' meu sonho.

Recitei e sahi. Juca Rosa acompanhou-me parte do caminho e tão calmo, tão sensato, tão de equilibrio, que parecia outro. Explicou-me que Graça era sua unica preocupação, que nella pensava nas horas em que ficava absorto e pelas quaes o povo o suppunha maluco.

Quería casar-se mas não havia ali na pequena cidade, rapazes que lhe combessem nas pretensões. Ao separarmos, disse-me elle, approximando-se de meu ouvido, com o seu ar profundamente confidencial:

— Não me julgue, como elles... doutor! Juro-lhe que não sou maluco. Eu vivo sempre a pensar em cousas profundas... Olhe, quer ver? — hontem comprei por vinte mil réis um cavallo que ainda estava vivo!

Soubes, mais tarde, pela creada, que Juca Rosa tinha vida e ganho incertos. Fazia um pouco de tudo: — lavrava, ripava, fazia carpas, apanhava café e tecia balaios. Trabalhava, porém, por dia. Nunca se quizera justar ao mez e pouco serviço encontrava, porque todos os patrões preferiam pessoal fixo.

Uma semana após minha visita, constatei que Juca Rosa tinha encontrado outro meio de ganhar a vida; Elle veiu a minha casa offerecer-se para a retirada do lixo do meu quintal.

Tenho agora um cavallo novo; está ali em baixo.

— Approximei-me da janella, por curiosidade. A carroça do Juca Rosa lá estava; o cavallo devia ser o tal que elle comprara por 20\$000 e «que ainda estava vivo». Tinha os joelhos dianteiros nodosos de rheumatismo, o dorso acorcondado como o de um camello e uma das pernas tão inchadas que parecia a de um elephante. A carroça, era uma carcassa velha que eu vira jogada no canto do terreiro de um cliente meu, dono de um armazem e que, abandonada, apodrecia ao relento! Juca Rosa devia tê-la obtido por nada. Para que ella rolasse era necessario ajudal-a; Juca Rosa escorava por traz com as mãos, para lhe dar equilibrio! E assim iam, aos trancos, o cavallo, a carroça e Juca Rosa...

Em todo caso estava o «maluco» provido de uma «carroça» e de um «cavallo»...

— E dizem que sou maluco!... — affirmava elle, mostrando-me seu trem.

— Então, estamos certos, pelo lixo!

Dei-lhe o encargo da remoção do lixo e por um preço um pouco mais alto do que o habitual, pelo desejo de auxiliar aquelle pobre diabo, que para ali vivia motejado de todos, corrido de todos e que se esforçava, que se multiplicava, para dar algum conforto á sua linda Graça, esbelto e delicado botão que desabrochava ao fim da decadencia dos Rosa. Ao despedir-se Juca Rosa exclamou:

— Estou fazendo tudo, doutor, para tirar-a d'aqui, minha pobre Graça! Não diga nada a elles... Não tarda que eu junte um dinheirinho para mandar-me. Elles... Maldita gente — Nem sabem porque é que o gato espirra quando passa junto de cachorro!...

E dizem que eu é que sou maluco!

— Não conheço lá ninguém; e depois, não tenho dinheiro para a viagem! O novo negocio não me dá grande coisa. Metade do que ganho é para o cavallo e a outra metade mal dá para se comer. Quería, no entanto, encontrar um marido para minha filha; um rapaz forte e intelligente que pudesse repor os Rosa na sua antiga grandezza. Aqui, porém, não o ha; e para sahir d'aqui é preciso dinheiro, que não chego a juntar.

— Porque não vae você para os lados do Baurú? E' uma zona nova; ha falta de trabalhadores.

Juca Rosa espichou-se em altura; que estava preso ao seu craneo pelos

elásticos da maledicencia publica. Morria pouca gente; pelo que pouca gente se enterrava; ainda pelo que, Euzebio preocupava-se mais com a vida do que com a morte alheia. Era a alma do club, e não ha quem não saiba o pelourinho que se levanta á reputação alheia, no que de club tem o nome, em aldeias e logarejos! Foi Euzebio quem deu a conhecer ao club as virtudes do pó para 1.º er espirrar e do «pó de mico», que faz coçar. Foi quem offereceu ao vigário uma fiór que projectava tinta nas narinas de quem pretendia cheirala.

Tinha sempre no bolso a caixa de phosphoro, da qual salta um boncoo quando se vae tirar um phosphoro; o charuto com uma biclia chineza incluída; o cigarro com polvora; uma mosca num alfinete, que se espetta num doce que o amigo vae comer; emfim toda a serie de patifarias comicas de industria histriõna. Encheu uma vez uma botija de genebra com uma solução de alumem e deixou-a na prateleira do armario de um italiano sapateiro, que mais vezes batia no calix do que na sola. O homem adoeceu após alguns calices e o Euzebio só o foi visitar para lhe offerecer uma caixa de pilulas de esponja!...

— Já se comprehende que era o tenente Euzebio a «za negra», do Juca Rosa. Foi quem lhe descobriu a maluquice e fingindo-se sempre amigo delie, ia-lhe fazendo «partidas», emquanto o abraçava.

— A ultima, a mais cruel é a que constitue nossa historia e da qual até hoje se lembram todos os habitantes da referida cidade mineira.

No inverno seguinte fui chamado a ver a filha de Juca Rosa. Encontrei-a mais abatida, bastante emmagrecida e com uma ponta de tosse suspeita. Adverti ao Juca Rosa: — A rapariga não vae bem! E' preciso que mude de clima. Porque não vae você para o Oeste de São Paulo? Podia occupar-se da carpa e da colheita, trabalhando por dia, como é seu genio.

Juca Rosa fazendo o gesto que lhe era habitual de dobrar as pernas e estalar os dedos dos pés, respondeu-me:

— Não conheço lá ninguém; e depois, não tenho dinheiro para a viagem! O novo negocio não me dá grande coisa. Metade do que ganho é para o cavallo e a outra metade mal dá para se comer. Quería, no entanto, encontrar um marido para minha filha; um rapaz forte e intelligente que pudesse repor os Rosa na sua antiga grandezza. Aqui, porém, não o ha; e para sahir d'aqui é preciso dinheiro, que não chego a juntar.

— Porque não vae você para os lados do Baurú? E' uma zona nova; ha falta de trabalhadores.

Juca Rosa espichou-se em altura; que estava preso ao seu craneo pelos

elásticos da maledicencia publica. Morria pouca gente; pelo que pouca gente se enterrava; ainda pelo que, Euzebio preocupava-se mais com a vida do que com a morte alheia. Era a alma do club, e não ha quem não saiba o pelourinho que se levanta á reputação alheia, no que de club tem o nome, em aldeias e logarejos! Foi Euzebio quem deu a conhecer ao club as virtudes do pó para 1.º er espirrar e do «pó de mico», que faz coçar. Foi quem offereceu ao vigário uma fiór que projectava tinta nas narinas de quem pretendia cheirala.

Tinha sempre no bolso a caixa de phosphoro, da qual salta um boncoo quando se vae tirar um phosphoro; o charuto com uma biclia chineza incluída; o cigarro com polvora; uma mosca num alfinete, que se espetta num doce que o amigo vae comer; emfim toda a serie de patifarias comicas de industria histriõna. Encheu uma vez uma botija de genebra com uma solução de alumem e deixou-a na prateleira do armario de um italiano sapateiro, que mais vezes batia no calix do que na sola. O homem adoeceu após alguns calices e o Euzebio só o foi visitar para lhe offerecer uma caixa de pilulas de esponja!...

— Já se comprehende que era o tenente Euzebio a «za negra», do Juca Rosa. Foi quem lhe descobriu a maluquice e fingindo-se sempre amigo delie, ia-lhe fazendo «partidas», emquanto o abraçava.

— A ultima, a mais cruel é a que constitue nossa historia e da qual até hoje se lembram todos os habitantes da referida cidade mineira.

No inverno seguinte fui chamado a ver a filha de Juca Rosa. Encontrei-a mais abatida, bastante emmagrecida e com uma ponta de tosse suspeita. Adverti ao Juca Rosa: — A rapariga não vae bem! E' preciso que mude de clima. Porque não vae você para o Oeste de São Paulo? Podia occupar-se da carpa e da colheita, trabalhando por dia, como é seu genio.

Juca Rosa fazendo o gesto que lhe era habitual de dobrar as pernas e estalar os dedos dos pés, respondeu-me:

— Não conheço lá ninguém; e depois, não tenho dinheiro para a viagem! O novo negocio não me dá grande coisa. Metade do que ganho é para o cavallo e a outra metade mal dá para se comer. Quería, no entanto, encontrar um marido para minha filha; um rapaz forte e intelligente que pudesse repor os Rosa na sua antiga grandezza. Aqui, porém, não o ha; e para sahir d'aqui é preciso dinheiro, que não chego a juntar.

— Porque não vae você para os lados do Baurú? E' uma zona nova; ha falta de trabalhadores.

Juca Rosa espichou-se em altura; que estava preso ao seu craneo pelos



a pelle curtida do peçoço.

— Baurú? Onde é isso? Escreveme ali num papel, doutor... e como se lá vae...

Fiz uma nota a tinta, com explicações sobre a viagem e deli-h'a.

No dia seguinte appareceram na cidade alguns casos de typhoide a epidemia alastrou-se logo, pela cidade e pelos bairros; os chamados multiplicaram-se; vi-me abarbadado de serviço e passei dias sem noticias de Juca Rosa.

Uma semana mais tarde, numa visita a um doente de uma chacara, vi sobre a mesa um cartão de rifa: era o cavallo de Juca Rosa que estava em rifa. Explicaram-me: haviam comprado aquelle bilhete de rifa, como toda gente, por uma esmola ao Juca Rosa, para tratar da filha.

Passaram-se mais alguns dias. Voltava eu, uma manha de uma visita, quando meu carro teve que parar, junto á linha da estrada de ferro, para deixar passar o comboio e — o que vejo? — na plataforma do ultimo carro Juca Rosa com as mãos na grade a despedir-se com o olhar da nossa cidade, da viagem. Para onde?

O tenente Euzebio que, junto á porteira, acenava o lenço, a ri-se, para Juca Rosa, approximou-se de meu carro e contou-me:

— Foi a ultima partida que preguei aquelle maluco. Elle estava certo de ir para Baurú. Rifara o cavallo; estava com o dinheiro da passagem e já tinha encomendado uma caixa de sapatos cheia de pasteis para «virado». Foi então que eu lhe dei a ler uma noticia que eu cortara de um jornal muito velho, de mais de vinte annos e cuja data supprimi. Era a descoberta de uma grande mina de ouro, para os lados da Canastra. O ouro era tanto que, dizia a noticia, quem la apanhava-o aos punhados.

As cidades proximas se estavam despoando; todos os habitantes dirigiam-se para as minas.

— E o pobre Rosa decidiu-se a partir? perguntei.

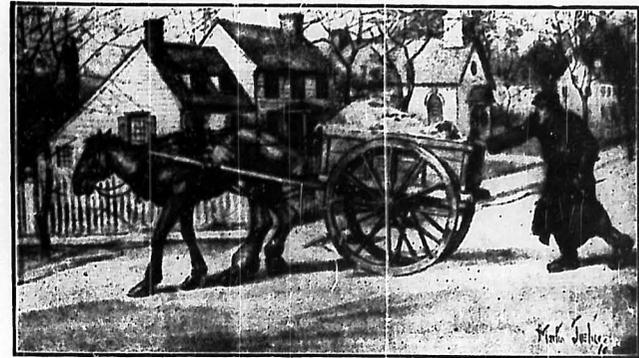
— E' claro! Entre Baurú e uma mina daquellas! Pediu-me que não confiasse a mais ninguém! Para isso não é elle maluco. Que eu guardasse segredo que elle ia buscar o ouro e trazia-o para nós dois!

E, apontando com o dedo para a estrada, concluiu:

— Lá se foi o maluco! Daquelle estamos livres.

— E Graça?

— Ficou á espera que o pai volte com a «grama» — e ria-se o idiota



...O cavallo tinha os joelhos nodosos de rheumatismo, o dorso acorcondado e uma das pernas inchadas como a de um elephante...



... na plataforma do ultimo carro Juca Rosa, com as mãos na grade...

do tenente Euzebio, como se tivesse praticado uma excellente acção. — O Juca Rosa mandou tirar o retrato da filha e levou-o com elle e ao despedir-se, disse-me: «E' o que eu levo para a aventura; uns pasteis para o corpo e o retrato de minha filha para a alma!...» Não vá elle enganar-se:

comer o retrato e pendurar os pasteis á parede! Até logo, doutor!

Fui para casa a pensar no destino que esperava o pobre Juca Rosa, por aquelle gracejo de mau gosto, la desembarcar numa terra desconhecida, quasi deshabitada. Tinha alimento — os pasteis — para dois ou tres dias e não tinha dinheiro para voltar e não havia meio de se lh'o mandar, pois elle se la embrenhar algumas leguas distantes do ultimo povoado. E Graça?...

Chegado á casa encontrei minha tia Emilia que, a meu chamado, viera tomar conta de minha casa, enquanto se restabelecia minha creada que fora attingida pela epidemia.

Contei-lhe o caso: tia Emilia era uma senhora catholica, severa de moral e ficou revoltada:

— Oh, senhor, é incrível! Um idiota desses atirar um pobre velho ao meio do sertão, sem dinheiro e sem recursos, para morrer de fome ou á bocca das feras, deixando ainda a filha doente abandonada! E' preciso não ter coração.

— A pobre Graça, só em casa, sem recursos!... E' o diabo! A rifa do cavallo não podia ter dado mais do que o dinheiro para a viagem!

— E o velho? Vae morrer á mingoa...

Ficamos assim um momento a cogitar da sorte de um e de outra. Tia Emilia levantou a cabeça e exclamou:

— Não! Isso é uma barbaridade! Eu vou providenciar.

— Como?

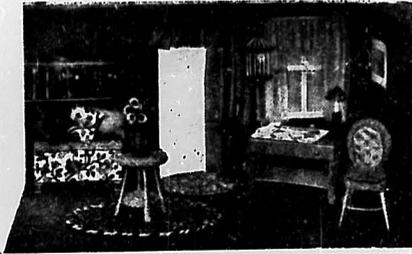
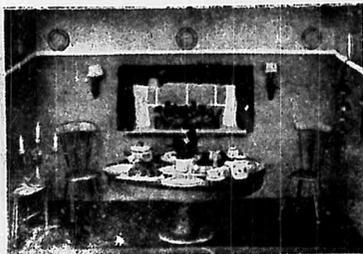
— Deixe por minha conta. E heide dar uma lição ao engraçado... Que não m'o apresentem hoje! Se o encontro na rua, sou capaz de rachal-o.

(Conclue no proximo n.º).

(Nota da A.: — Só é permittida a transcripção deste conto com a declaração de ter sido extrahido da Revista Feminina.)



O QUE TODA CRIANÇA PÓDE FAZER EM SUA CASA



ENSINANDO UMA CRIANÇA A TER EXPEDIENTE

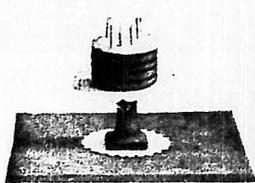
Toda a criança normal é mais feliz quando está fazendo alguma coisa ou fingindo alguma situação, mesmo quando não haja resultado algum que se harmonize com o pensamento que vai por suas cabeceiras. Este instinto creador, pôde ser nutrido e a imaginação inventiva reforçada, desde que as mães, irmãs e irmãos maiores ensinam aos pequerruchos.

Tentaremos fazer os seus brinquedos de matérias comumente encontradas em casa. O trabalho acabado pôde ser imperfecto, mas a criança será beneficiada no desenvolver a sua ideia pelo trabalho de sua mente e de sua mão.

Todos os artigos usados no mobiliário dos quartos, aqui figurados, terraco e circo são feitos de nada mais, nada menos que das seguintes cousas: sal, farinha de trigo, rollas, jorneas, grampos, clumacos de algodão, penas de ave, cartões, palitos, contões etc. Os quartos podem ser feitos de papelão ou de caixas de madeira, revestidas de papéis de parede, frizados de sobre.

Todas as scenas illustradas tornam-se em realidade muito attractantes com suas cores alegres. As louças na sala de jantar e na prateleira são feitas de côa de sal. (Fig. n. 1) Esta se faz juntandose duas colheres de sopa de sal, bem cheias, á uma de farinha, mexendo-se bem para que se misturem. Adicione-se duas colheres de sopa d'agua, até formar da mistura uma pasta, que se levará ao fogo, numa vasilha de ágata, estagand'o e rolând'o, com um garfo de prata até completo aquecimento, sem comtudo queimá-la.

Comence-se por uma pequena bola, a qual se pôde dar a forma que se quizer.



AJUDANDO A FAZER O MOBILIÁRIO

Uma boa maneira de meditar um prato é collocar diante de si um de verdade e copiar a forma e o estylo desejado. Acabando-o collocar-o num lugar fresco para endurecer, depois do que poderá ser decorado com cores temperadas em agua. Capullos de gelatina podem servir de tacas, os tulleiros serão de cartão coberto de papel prateado e a taboa de mesa poderá ser feita duma tampa de caixa.

A cheta do jantar, improvisa-se com botões de farda militar, amarrados superpostos num cordel vermelho.

A maior parte dos moveis representados nas gravuras, a guarda e o porta chapéu e tambem os objectos do circo são feitos de cera e palitos. A cera deve ter sido antes aquecida ao sol ou ao fogão.

A escrivaninha e o sofá podem ser feitos de caixa de papelão cobertos de seda ou cretonne. O chapéu de sol é uma seta envolvida em seda preta; mergulha-se o cabo em lacre derretido, collocand'o em cima uma conta de vidro. Os tapetes são de seda trançada. Os livros são cortados da espessura de jorneas, dobrados, costurados e cobertos.

As vestimentas do palhaço e da dançarina são feitas de papel de cor que se colla aos mesmos.

O elephante é tambem de cera, com presas de palitos e colhos de afilnete de catuca preta.

Si se souber trabalhar com agulha e linha, pôde-se fazer a rede que nada mais é senão uma tampa de caixa, bem coberta; os supportes de arame podem ser fazer de dois cordões de ché para isso adaptados.

A boneca faz-se duma estrutura de arame coberta de algodão hydrophilo. Os cabellos são de linha de bordado, sendo a casa pintada num pedaço de meia.



CORAÇÃO DE MÃE

(CONTINUAÇÃO DE MARYALE)



"Tout áme passe en differente mains; Tello est la loi de la metempsychose."

LA FONTAINE.

DEVIA que lhe morrera o filhinho, alli se deixava ficar, acobrinhada, horas, de braços sobre e a mesa. Carlos, vendo-a assim, não vivia mais: contrangia-se-lhe o coração; e muitas e muitas vezes la arrojara-se aos seus pés, procurando consolal-a. Fazia-lhe mimos, tomava-lhe as mãos, e dizia a transbordar de amizade:

— Meu bcm, consola-te! Que havemos de fazer?..

Foi a vontade de Deus.

E accrescentava com a voz embargada, as lagrimas na garganta:

— Acaso, imagnas que soffro menos que tu?

Carlota, então, apertando as mãos na cabeça, tinha um choro convulsivo, balbuciava:

— Meu Deus, meu Deus, que fiz para merecer tamanho castigo?

— Nada, não fizeste nada, meu amor... Mãe melhor, mais carinhosa tu não poderias ser... O pequeno morreu: é uma dessas fatalidades que não se comprehendem! Já te disse: foi a vontade de Deus.

E acobrinhada, com uma ruga na testa, os olhos postos no chão, deixava-se ficar um pedaço; por fim exhortava-a de novo:

— Tem coragem! Pensa em todas aquellas infelizes que, a estas horas, na Europa, vêm desfeitos os seus lares: morto o marido, os filhos trucidados... Quantos corações de mãe não estão a sangrar neste momento?!

Mas, bem o sabia, eram inuteis as suas palavras: nada havia que lhe apaziguasse a dor; Carlota continuava a chorar, soluçando baixinho. Elle, então, considerava amargamente quão triste era a sua existencia agora; como tudo em tão pouco tempo se lhe finha mudado, e, depois de muito hesitar, pagava do chapéu e alli a deixava, encaminhand'o-se vagorosamente para o seu trabalho.

Subia ao quarto a fazer companhia a Carlota, miss Kena, a velha nurse ingleza, que viera com elles da Inglaterra, pagando o desventurado babe.

— *My darling*, (minha querida) — dizia-lhe comovida. — *Yes, indeed, we are very unfortunats!* — com effeito, somos bem desgraçadas!

E quedava-se tristemente, relanceando o olhar pelo quintal que se avistava através da janella engraidada de rosas trepadeiras. A agua, na almacega, cantava frescamente á sombra de um arbusto silvestre: lá estavam os peixinhos que tanto babe apreciava; e aquelle sol nos telhados dos cascos, ao longe; aquelle céu azul onde boiavam farrapos de nuvens, — tudo aquillo lhe dava uma saudade que lhe fazia pequenino o coração.

Numa das vezes que esta scena se repetia, alguem batera timidamente á porta do quarto.

— Entre, quem é? — ordenou Carlota.

E Maria, a filha da lavadeira, entrou, escondendo a belleza do seu rosto com a cabeça baixa.

— E' você, Maria?

— Sim, sou eu... Vinha pedir-lhe uma cousa, mas tenho tanta vergonha, tanto medo que a senhora me recuse...

E, como que para se desculpar, ajuntou logo em seguida:

— Foi mamãe que insistiu, que me disse que viesse, porque a senhora é tão boa...

— Diga, onde, não tenha vergonha!

— Eu queria convidal-a desde já para madrinha de meu filho; queria pol-o debaixo de sua protecção.

— De seu filho? Então você vai ter um filhinho?.. E Carlota teve-lhe inveja; Maria respondeu-lhe muito simplesmente:

— Que quer a senhora?... é a riqueza dos pobres...

— A maior das felicidades!

— Para os ricos, talvez; mas, para mim!... Meu marido, ha seis mezes que está desempregado; sou eu e a minha mãe que trabalhamos para o sustento da casa, e são tantos os meus irmãosinhos... Ah! Deus por vezes parece bem injusto!... Porque havia elle de lhe levar o seu filho, e dar-me um a mim que sou tão pobre!...

Carlota sentiu um aperto dentro em si, franziu as sombrancelhas; censurou-a depois docemente:

— Não falle assim, Maria; Deus sabe o que faz!

— *Yes, you have reason!* — (sim, tendes razão!) — approvou-a lá do seu canto miss Kena.

Passado um momento, Maria indagou novamente:
— E a senhora aceita?
— Se eu fôr viva até lá, serei, sim, madrinha de seu filho!

Correram os mezes: o Natal agora estava próximo. A alegria ali não tornara mais. Carlota definhava e os médicos tentavam-lhe uma tuberculose.

Miss Kená preparava as suas malas; deixaria dentro em breve o Brasil: voltava para a Inglaterra e de lá para o Canadá. Carlos que se habituara à sua pessoa, a vel-a sempre na sua companhia, sofria silenciosamente com a idéia dessa separação. Era por assim dizer mais um retalhinho daquelle doce passado que se apagava: a velha nurse com que lhe lembrava pedaços da Itália, pedaços da Suíça... Quantas e quantas vezes a não encontrara pela manhã, a empurrar o carrinho de seu filho, debaixo das tiliás que beiravam o lago Lemán?... Para se dominar, elle repetia entre si estes versos que aprendera em pequeno:

... Quand le mal est certain
Le plaint ni la peur ne changent le destin.

Agora havia noutes em que Carlota se punha a gritar como se fora doída; e era impressionante vel-a muito pallida, ajoelhada na cama, com os olhos no fundo, os zabellos desgrenhados. Chamava pelo filhinho, e gemia em seguida:

— Roubaram-m'o, roubaram-o!...

Carlos, coitado, já não sabia mais que havia de fazer: começava a perder a cabeça...

Na vespera de Natal, ella despertara de repente, sacudira-o pelo braço:

— Carlos! Carlos! acorda!

— Que é? Que tens?!

— Sabes, eu estava a dormir quando me veio uma pessoa dizer, — um homem já velho, — que o pequeno tornava ao mundo, hoje, agora, na creança que acaba de nascer a Maria, a filha da lavadeira...

— Estás a delirar, meu amor!

— Não, não estou; escuta: Deus nol-o tirou, porque não pôde haver na terra felicidade perfeita, e, segundo me segredou o homem, a sina do nosso filho era ser summamente feliz... Vae, vae á casa d'ella, vae busca-o, que elle não lhe pertence: é nosso, sim é nosso, — e o coitadinho está a tirar de frio: é tudo lá tão miseravel!... Vae, Carlos, se ainda me queres bem...

— Estás a delirar, meu amor!

— Não, não estou, já te disse: vae, senão, vou eu! E Carlos, com o espirito alheado, levantou-se ás pressas, vestindo-se quasi automaticamente. Não lhe haviam recommendado os medicos que a não contrariassem? Iria pois, até lá e pediria a Maria que o acom-

panhasse; talvez, assim, conseguisse acalmá-la, demonstrando-lhe, ainda uma vez, que tudo não passava de um pesadelo atroz.

Sahiu, sentiu um arrepio; levantou a gola do casaco: estava fria a madrugada: a brisa que soprava punha um leve tremor na folhagem das arvores da alameda; passava o homem do gaz a apagar os candieiros, e lá ia a rodar vagarosamente um automovel de praça. Carlos chamou-o, deu o endereço ao chauffeur.

Momentos depois parava o vehiculo enfrente a uma casinha humilde, n'um dos arrabaldes operarios da cidade. Havia luz no interior: Carlos percebera-a pelas reixas da janella. Ia a bater quando a porta se lhe abriu: Bernardina a mãe de Maria conversava com uma velhinha de mantilha que falava com uma voz roufenha: — E agora muito cuidado n'estes quatro ou cinco dias esteja de pé... Até logo.

— Até logo, sã dona Perpétua.

E dando de rosto com o marido de Carlota, Bernardina mostrou-se admirada, perguntando-lhe:

— Que anda o senhor a fazer por aqui á estas horas?

E elle, sem saber por que, ficou confuso; em lugar de lhe confessar a verdade, procurava agora uma mentira:

— Vou á estação acompanhar um amigo... passando por aqui, vi luz: ia pedir-lhe um lenço; esqueci-me do meu.

Bernardina, então, convidou-o a entrar, — que fóra estava frio e tinha o café quente... a casa era pobre; elle desculparia: estava tudo n'uma grande desordem: Deus lhe dara n'essa noite um netinho!

E rematava alegremente:

— Ai, Jesus, que lindo que elle é!... e que bello Natal nós tivemos!...

Como havia Carlos de explicar a coincidência entre o sonho de Carlota e o que se passava alli? Não o sabia nem procurava saber-o: tinha medo! Só lhe restava agora uma certeza: é que um coração de mãe é sempre o mesmo, vibra sempre do mesmo modo, pouco importa que seja n'um palacio ou n'uma choupana... Por ventura, aquelle sorriso, aquella alegria de Maria, não lembravam o mesmo sorriso, a mesma alegria de Carlota outr'ora?...

— Olhe para elle, — dizia-lhe a rapariga, — veja-o como é lindo!

E lamentava:

— Que pena que o seu tivesse morrido!... Que pena!

Mas... não repetira mais a queixa que fizera a Carlota, — "de que Deus por vezes parece bem injusto".

Réné Thiollier

(Villa Fortunata)

WENCESLAU DE QUEIROZ

Inicia neste numero sua collaboração em nossa REVISTA o Dr. Wenceslau de Queiroz, um dos mais brillantes poetas paulistas. Não é preciso enarecer o valor de nosso novo collaborador, nome feito nas letras patrias e cuja obra, vasta e sempre notavel, está consagrada pelo successo e pelo applauso publico. É mais um nome de merito indiscutível que se vem juntar á pleiade de escriptores notaveis, cujos trabalhos têm dado valor a nossa modesta iniciativa e entre os quees figuram Olavo Bilac, Coelho Netto, D. Julia Lopes de Almeida, D. Presciliano Duarte, Amado Amaral, João Luiz, Magalhães de Azeredo, nosso ministro em Roma, Garcia Redondo, Waldomiro Silveira, Clau-

dio de Souza, Cyro Costa, Gumes dos Santos, Anna Rita Malheiros, cujas chronicas têm sido transcriptas por Jornaes de todo o Brasil, Bêbé de Mendonça Lima, Chrysanthème, Julio Cesar da Silva, Felix Pacheco, René Thiollier, etc.

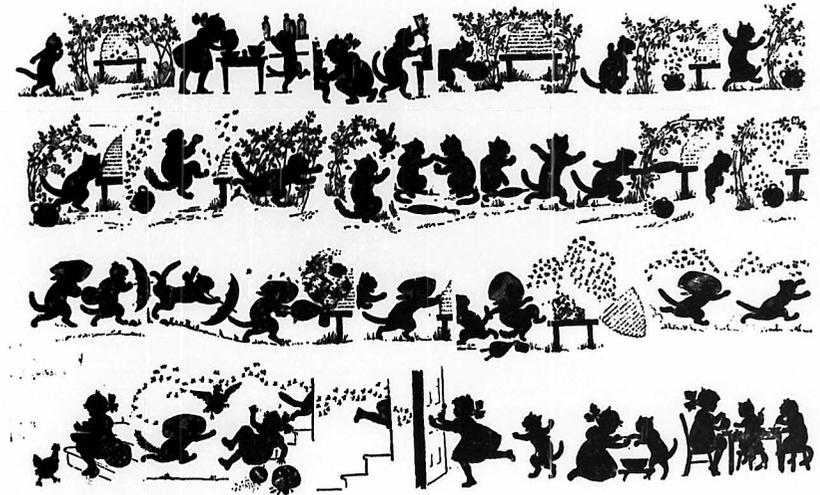
O inicio, no presente numero, da collaboração de Magalhães de Azeredo e Wenceslau de Queiroz, prova a sympathia com que está sendo recebida no nosso mais alto, mole intellectual, a tentativa das senhoras paulistas. É preciso que com equal sympathia nos auxiliem nossas leitoras, diffundindo nossa REVISTA, por meio de novas assinaturas, para que possamos atingir plenamente ao ideal a que nos propuzemos.

CECILIA DE LYS, é o pseudonymo de uma das mais graciosas senhoritas da nossa sociedade elegante. O que della hoje publicamos não se destinava a publicação. É quasi que uma pagina íntima. Mas, depois desta viciosa outra nas quevas a nossa nova collaboradora por em relevo a seu fino espirito e a sua alma delicada e versatil.

LEITERIA CAMPO BELLO. — Os srs. R. Bernardes & Cia., proprietarios da Leiteria Campo Bello, inauguraram em 16 do mez p. passado o seu estabelecimento, instalado á r. S. Bento, 14-B. O acto reventou-se de solemnidade, comparecendo grande numero de convidados e representantes da imprensa. A nossa REVISTA fez-se representar.

OS GATOS E AS ABELHAS

(PARA CRIANÇAS)



O gatinho Tommy vendo a Colmeia pensou que devia haver dentro della; era preciso, porém, fazer que as abelhas sahissem para colhe-o. Teve uma idéa: foi a saleta onde a Candinha estava preparando um bolo e enquanto ella se abaixou para acender o fogo, agarrou um assucareiro que estava sobre a mesa, despejou-lhe umas gotas de agua de flor e foi collocar-o junto á colmeia. Não tardaram as abelhas a sahir da colmeia e a entrarem no assucareiro. Tommy alegre, foi roubar o mel, mas tão desatradamente o fez, que bateu com o rabo no assucareiro, alvoroçando as abelhas, que cahiram sobre elle! Coitado do Tommy! Sahiu a correr e a miar e quando se viu a distancia, coçou-se todo, em pé, a gemer. Remmy, o outro gato da casa, acudiu-lhe e depois de o haver esfregado e de o ver mais alliviado, combiuou com elle irem os dois a roubar o mel. Tommy iria na frente, com um guarda-chuva fechado, para empurrar de longe a colmeia e quando as vespas levantassem, abriria o guarda-chuva para se livrar dellas. Remmy iria com o chapéu de palha do patrão e com o veu da patrôa, a cobrir-lhe o rosto. Assim fizeram, mas quando derrubaram a colmeia, as vespas eram tantas, que Tommy largou o guarda-chuva e poz-se a correr. Remmy que ficou mais atras, sentindo as picadas das vespas pelo corpo, seguiu a gritar. Correram a bom correr, sempre perseguidos pelas vespas. Ao passarem no quintal, ondato de Tommy! Sahiu a correr e a miar e quando se viu a distancia, coçou-se todo, em pé, a gemer. Remmy, o outro gato da casa, acudiu-lhe e depois de o haver esfregado e de o ver mais

Candinha, para livrar-se das vespas, entrou após elles e fechou rapidamente a porta. Disponha-se já a castigar os dois bichanos quando Remmy, que era o mais experto, contou-lhe uma historia, dizendo que os dois, sabendo que ella estava fazendo um bolo tinham ido roubar o mel para lhe trazer, para que o bolo ficasse mais gostoso!... Que não era para elle; era para ella! Candinha comeu a peta e com muita pena dellas, lavou-lhe as mãos e convidou-os para comerem juntos o bolo, qua já estava assado. Sentaram-se os tres á mesa e comeram alegremente. Vê-se á mesa Tommy comendo gulosamente, enquanto Remmy, muito amavel, gesticulando com ambas as mãos, conta a Candinha uma outra mentira!

APPLICAÇÕES de todos os formatos para centros de mesa e outros trabalhos, procurem a CASA GUERRA R. S. BENTO, 84 e 86 S. PAULO



—JESUS—



O christianismo começou vendo pela poesia. Se isto já foi dito alguma vez, só neste dia incomparável é que podemos sentir, flagrante, esta verdade. Foi comovendo, dourando, embellecendo, abalando as almas de um encanto novo, suggerindo-lhes ideias e esperanças, abrindo-lhes auroras subitas e imprevistas na grande noite — foi assim que o Evangelho começou a entrar, seductoramente, nos corações.

Esta psychologia da creença é mais complicada e mais admirável do que parece. Pódem-se-lhe marcar as phases, como se assignalam as épocas da vida.

Primeiro, é o Jesus pequenino, que falla á candura das almas — o presepe, os pastores, a estrella, os magos, aquelles arredores de Bethlem, onde a natureza parece haver ficado na infancia — tudo falla á candura das almas, e põe-lhes no fundo do instincto como um luar doce, luar sereno e suggestivo de praia, com todas as ancias absorventes do mar. Depois, é o Jesus feito homem, o Jesus que instrúe, que abre e clareia os caminhos, que evoca e proclama a era nova, que vem abrir, enfrenta com a consciencia dominante e vence o mundo. Este Jesus adulto, bello e augusto, impressiona, faz pensar, e logo exalta e transfigura. Dir-se-ia que, ainda hoje, lhe sentimos aquelles assomos, aquelles arrebatamentos de alto de montanha, e que seu verbo, solemne e temeroso, nos penetra, como uma fulguração, toda a nossa vida interior. É a unica palavra de pregador, segundo a definição do grande e maravilhoso Vieira, porque é, realmente, — «um como trovão do céu que abala e faz tremer a terra.»

Em seguida e por fim, vem o Jesus que nos espanta, o da tragedia sobrehumana; o Jesus que ficou eternamente lá no cimo do Golgotha, como um testemunho e um signal com que a humanidade desperta e revive. Os velhos, isto é, os que têm soffrido, ficam na presença do Crucificado: os velhos, os martyres, os ascetas, todos os que vivem de consciencia e de esperança.

Os philosophos — quer dizer — os que na vida buscam a verdade, e cujo espirito se dilata, em força e visão, á medida que meditam, esses param e pasmam ante Jesus Proclamador. Esses têm certeza que cada instante de meditação lhes acrescenta alguma luz nova á consciencia. Para as almas ingenuas é que se teceram todas as lendas do Jesus menino.

E' por ellas que o mysterio da Redempção vai entrar na consciencia das nações.

Por isso é, que as crianças, os selvagens, todos os simples, conhecem sómente o Jesus de Bethlem, enquanto os grandes espiritos estudam o Jesus do Thabor, e os padecentes emudecem ante aquelle Jesus da collina sagrada. Por isso o missionario, aqui na America, entrava nas fazendas levando consigo uma multidão de crianças, entoando hosannas ao Jesus menino...

Foi assim que o christianismo começou: accordando nas almas tudo o que têm de mais candido e formoso. Neste dia sagrado é que podemos senti-lo profundamente. Ha-de ser muito raro o lar — por mais pobre, por mais humilde, por mais batido de amarguras — que não tenha flores, em que não resóem cantos e risos de crianças, por esta noite deliciosamente evocadora do mais risonho trecho da mais florescida estancie da existencia humana... E esta alegria das meigas creaturas é o primeiro testemunho que a humanidade daquelle Deus tem na terra.

Em torno da arvore tradicional, o arruado de corações, o perfume das flores, a cór dos cyrios, o matiz das folhagens e das fitas, a meia luz do ambiente, o cheiro de incenso ou de cera queimada — tudo isto faz de cada lar um templo, onde, no meio das alegrias infantis, ha um como farfalar de azas de anjos, num delirio de resurreição. E é mesmo um templo cada lar, e um templo onde esta noite augusta se celebra, com uma pompa celeste, o maior facto, o acontecimento extraordinario e grandioso que a historia de todos os tempos

registra como um hymno de consolação suprema.

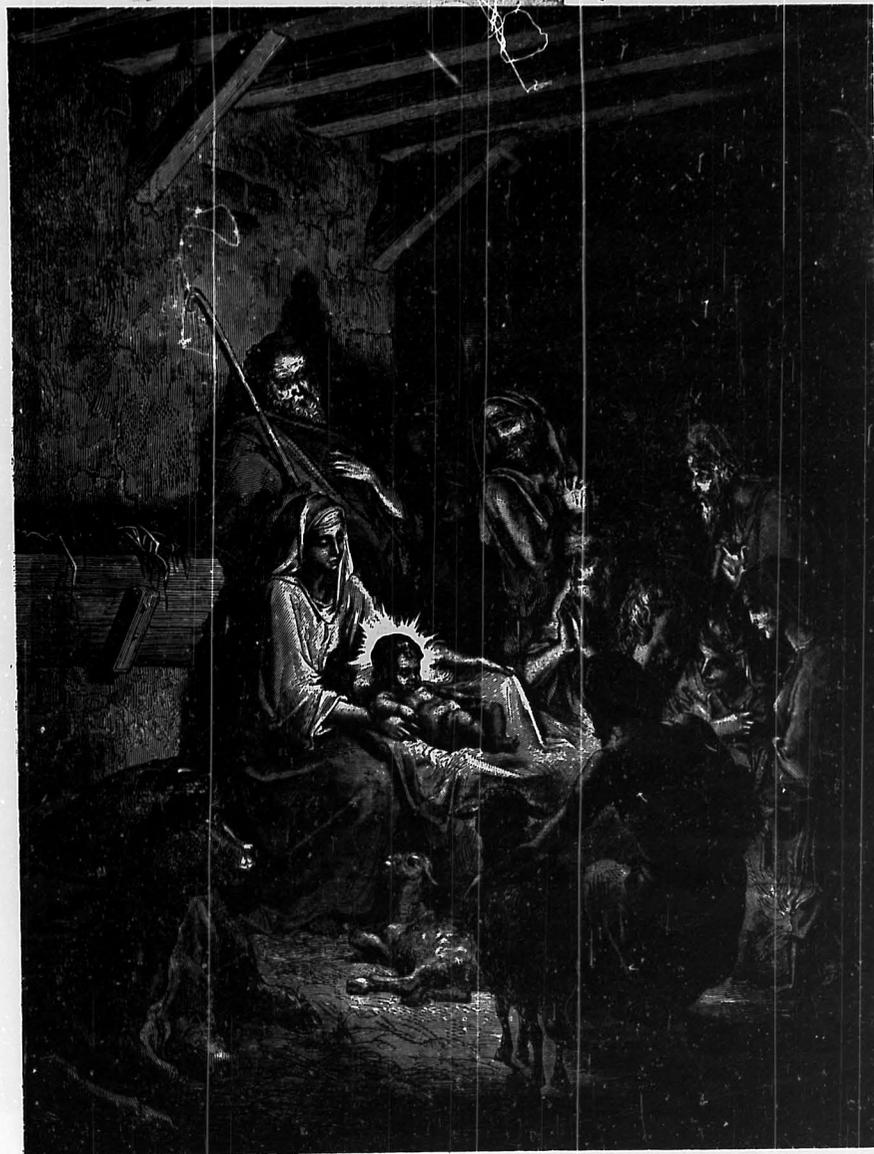
Ah! diante do presepe, em volta da arvore de Natal, o culto não tem pontífices, a liturgia é o rosario de lendas em que andam vibrando os corações. Oh! poesia do pequenino Deus das crianças — quizera ter no peito commovido toda a ternura e innocencia das almas maternas, para cantar aos teus enlivos um hymno que fosse digno de Ti; um canto que expressasse toda esta infinita saudade, toda esta suave melancolia com que recordo as castas alegrias da minha primeira meninice, que a enternecedora bondade de minha Mãe espirituallava, e que se foram, com tu-multo e tristeza, para a dolorosa dispersão das venturas extinctas...

Oh! noite de Natal! oh! sabbado da Alleluia! pólos immortaes da vida de Jesus — que nasce numa estrebaria, que attrae, humilhados, reis poderosos; que accende no céu uma estrella, que maravilha os doutores, que reabilita uma mulher, que expulsa os vendilhões do templo, que multiplica os pães, que santifica o amor e que, em extase perpétuo, queda a humanidade diante dessa cruz veneravel, que é um profundo e mysterioso aceno das coisas imponderaveis — oh! noite e dia igualmente luminosos e doces, como dourais os corações de esperanças e as almas de conforto!

Lindo, inconfundivel Jesus, que operas a conversão de Magdalena, que resuscitas o Lazaro, que fazes abrir para a luz, como uma magnolia flores, a cór dos cyrios, o matiz das dentes samaritana, e que, volvidos seculos após o teu martyrio, abala as legiões formando as cruzadas impetuozas para a libertação do teu sepulchro — com que bronze argamasaste a tua doutrina que, ha quasi já dois mil annos de distancia, ella ainda lá está como um oceano sem ballas, coalhado das náos da Fé, sob a benção dos astros refulgentes?!...

LEONCIO CORREIA.

O NATAL



SABONETE AMYRES

De perfume suave e qualidade superior.

A VENDA EM TODA

A PARTE

Depositaríof:

CASA LEBRE

RUA DIREITA, 2

SÃO PAULO



As Alegrias do Natal

DEANTE das expansões de ingenua alegria, com que o povo se prepara, todos os annos, para solemnizar o nascimento de Jesus, sem me impressionar com a opinião daquelles que não vêem no fundador do christianismo, senão um mytho solar, acodem-me ao espirito impressões diversas, onde se misturam sedimentos da educação recebida na infancia, reminiscencia de leituras e reflexões de quem se habituou a pensar sobre as coisas da vida.

Entre essas reflexões, prepondera a seguinte: Si a religião surgiu do pavor, que, no homem primitivo, infundiam a insondavel immensidade e a força esmagadora da natureza, a intelligencia e a sensibilidade fizeram della a expressão mais pura do amor: a que se traduz pelo sentimento de veneração, pela coragem que desconhece os sacrificios e pela esperança, que illumina os arduos caminhos da existencia.

E tam extensas raizes ella creou na alma humana, que o corypheu do positivismo, não podendo manter-lhe a substancia intellectual por incongruente com o ensino da sciencia, lhe conservou a essencia emocional e as formas cultuaes.

Por isso as festas do Natal são para mim, ainda hoje, tão gratas e enternecedoras, como eram na minha adolescencia. Sugere-as a fé, mantem-nas o idealismo do povo. E as alegrias, que resaltam dellas, são alvorços de uma esperança, sempre renascente. Fecha-se o periodo das decepções com o findar do anno; era nova approxima-se, cheia de promessas.

Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.

CLOVIS BEVILAQUA
(Da Academia Brasileira de Letras)



PARA MENINAS



NADA ha de mais gracioso e pratico para brincar, do que a gambola usada pelas meninas de uma idade (colocando a esquerda). Passos um novo clero abotoado na frente e atrás conservando-o em ordem. A segunda menina que parece estar dizendo: advinhem o que tenho escondido, tem um vestido em estylo russo. Deve ser de cambraia cor de rosa desamido, com colarinho de bordado inglês e punhos em lã. A sala se corta em tres peças, inclindo-lhes, além disso, um fôlo.

Logo ao lado vê-se o outro vestido em uma só peça, desde o collarinho até á barra que chega a altura dos joelhos, disposto em tres peças na frente e uma de cada lado. Nas extremidades as mangas são franzidas para fortalecer os punhos.

Enfoca-se o vestido com bordados e bainhas, à jour. Outro problema de não menos importancia para as mães é o da confecção de chapéus adequados ás suas filhas.

Logo acima no canto á direita vê-se um chapéu chinês cujo unico defeito consiste em lães que caem no lado, servindo para crianças de tres annos ou quatro.



Vê-se á esquerda, um lindo chapéu de abas largas e caídas que vai muito bem á menina de oito a quinze annos. A aba deve ser de lãstão branco estampado de flores e a copa de fazenda lãnea. Realise-se de um corypo formado em flores e lães cor de rosa escuro.

Para variar de feltro apontamos o lindo chapéu de aba curta no canto da esquerda acima, em que a fita faz-lhe-se atravéz de suas próprias peças, em forma de roseta, terminando atrás, bem no meio, por um laço.

De abas mais largas é o ultimo chapéu, vestido de corypo de Saxe azul, do mais lindo effeito. Dê-lhe encantadora graça os fructos e as flores agrupados na frente.

Promptinha para uma reunião está a menina, ao centro, com seu vestido de mangas curtas e faixa de seda bem marcada. Deve ser da mais pura musselina branca e feltro para ser abotoado atrás, sendo guardado com souchete e alguns lães de perola.

O figurino só tem esses defeitos, que se pôde substituir por um suspensorio. Á sala de pãis franziada.

Para um bonito voile, ou fazenda escocesa a modo de abas, adapte-se bem, pois permite debruar numa cor simples e usar uma fita de cor viva para combinar, na frente.

A roda da sala é de uma peça, unida a uma pala de duas peças.



SERENATA

Sobre a alva casa tua,
sobre o negro jardim,
preguiçosa flutua
a lua.

Mas ao quieto recanto
da rua,
onde abrigar-me eu vim,
não chega o olhar da lua...
Como estou bem assim!
Deus! que silêncio!... Em tanto,
O meu mais doce canto
te eu dera,
se comigo tivera
guitarra ou bandolim...

«Antes calada e fina
gazua
— uma voz sibilina
fala, e tremer me faz —
Lá, branca e semi-nua,
divina,
ela no sono jaz...»
Muda é no céu a lua.
Todo o bairro é deserto.
Invisível, de certo
(que o misterio lhe apraz),
ronda por esta esquina
da rua
o Mau sempre desperto,
o arguto Satanaz...

Em vão é arguto e astuto,
brutal.
Pode mudar de rua!...
Apaixonadamente,
bem outra voz escuto,
idílica, inocente,
ideal.
Do teu sono impoluto
ruins sonhos afugente
a lua
leniente e maternal.
Sim; que em tua alma flua
Sua luz, piamente,
como uma água lustral...

Sobre o jardim, rendido
ao hipnótico olvido,
no silêncio da rua,

uma palmeira vela,
sua forma singela
no céu a perfilar...
tão bella!
E ora um galho estendido,
como um braço a chamar,
trêmulo se insinua
no arco de uma janela,
da tua!
Olha, e sorri, a lua,
como a dizer: «Sentido!
que também tu, no ar,
por ela
vives a suspirar!»

Oh! esse gesto amigo,
que lento se insinua,
no silencio da rua!
esse tímido apêlo
de amor!
Em teu noturno abrigo,
onde só entra o albor
da lua,
estivesse eu contigo
a ameigar-te o cabelo,
novelo por novelo,
num gesto assim de amor!
dílcta! sem perigo
da casta graça tua,
do teu meigo pudor!

Mas tu dormes... Ignora,
calma na noite calma,
tua alma que minha alma,
no silencio da rua,
em sonhos se extenua,
sem fim!
Dormes, na mística hora,
como dormem cá fóra
lírio, rosa, jasmim...
Ainda está longe a aurora
de cobalto e carmim...

Sobre a alva casa tua,
sobre o negro jardim,
preguiçosa flutua
a lua...

(Do livro, de proxima publicação, *Vida e Sonho*)

Carlos Magalhães de Azeredo

O PRIMEIRO BILHETE

Personagens:

JULIETA, ingenua. UMA VOZ.

Quarto em desordem, indicando que
uma mulher acaba de sair para o baile.
No meio, uma pequena meza; perto uma
cadeira. Sob a meza varios objectos de
toilette; alguns outros cahidos no chão,
sapatos de baile, luvas, etc., etc. A' es-
querda, uma porta aberta pela qual se
entra; á direita outra porta que dá para
o quarto de cama. Ao levantar-se o pan-
no, a scena está vazia. No corredor ou-
vem-se passos e o fim de uma palestra.

JULIETA

(*Entrando pela esquerda, com um castiçal na mão, falla para fóra*)

Sim... Perfeitamente. A's onze justas, o almo-
ço. Muito bem, minha querida tia... Boa noite. Póde
dizer á criada que não me traga o chocolate. Boa noite.
(*Altra um beijo, depois entrando, vae collocar o castiçal
sobre a meziinha e volta logo para fechar a porta, dando
duas voltas á chave.*)

Eis-me tranquilla agora, com a minha porta assim
fechada...

Não tenho medo de ladrões. Entretanto, se não
tivesse uma fechadura tão solida, não poderia dormir
descansada, não poderia dormir nem um minuto.

(*Accende outra vela*)

No escuro, eu tenho um medo horrivel, principal-
mente agora com estes crimes pavorosos. Se viessem
e me assassinassem, pobre infeliz! Lucraria muito em
gritar!... Que poderia eu fazer contra um grande dia-
bo de homem, como deve ser um assassino. Porque,
parece-me, para ser assassino ou ladrão, é preciso ser
alto e gordo, muito gordo, muito alto, enorme.

Como me sinto corajosa! Quando as minhas por-
tas estão hermeticamente fechadas, comprehendo admira-
velmente as pessoas que enfrentam com sangue frio
os perigos da guerra.

(*Ouve-se rumor no aposento á esquerda. Julieta ame-
dronha-se. O rumor vae aumentando. Julieta corre para a
porta e agarra-se á fechadura com ambas as mãos.*)

Quem será! Ah! meu Deus! Quem está ahí?
E meu tio que dorme na extremidade do Palacio! Que
fazer? Como salvar-me? Onde está a minha cora-
gem?

(*O rumor augmenta. Ouve-se cahir um objecto*)

Nem ousou mover-me? Vou chamar...

(*Tenta chamar, mas a voz não lhe sae da garganta*)

UMA VOZ

(*no corredor*)

Boa noite, Julieta. Sou eu... não tenhas medo.
Vim buscar a carteira de teu tio, que a havia esquecido
na sala.

JULIETA

(*com voz tremula*)

Ah! é a senhora, minha tia? Não tive medo,
não.

(*Com o rumor*)

Mes eu 'sou maluca... Onde tinha a cabeça?
Não podia ser outra senão minha tia.



... *Strap-me sua imagem aos doze annos...*

É um momento antes, eu fallava em ir á guerra!
Como o avô havia de rir de minhas pretensões milita-
res! Ah! aquelles pobres soldados!

Estimo-os porque são muito infelizes! Sempre a
cavallo, sempre assim expostos... E depois tão cora-
josos!... Ah! é bella a coragem... nos outros...
E as condecorações? Estas sim, agradam-me!

Se eu tivesse um irmão, queria que elle fosse um
bello official, como papae.
Somente, como não se póde ser logo coronel, eu
havia de lhe prohibir que fizesse como todos os outros
soldados, que vivem sempre nas cosinhas.

Nunca pude comprehender esta paixão. Quando
perguntei a papae porque os soldados passam horas in-
teiras a conversar com as cosinhas elle me respon-
deu rindo:

«Aquelles pobresinhos são tão mal alimentados
no regimento!»

E' verdade: sempre sópa e carne. E sabe Deus
que sópa e que carne! Parece que é peor do que no
convento. (R) Tem toda a razão em se collocar sob
a protecção dos *cordões bleus*.

(*Senha-se*)

Como faz bem descansar depois de ter dançado
das onze da noite ás tres da manhã.

Dancei muito... Mas foi para isso que eu fui
convidada. Margarida é que não parecia muito satis-
feita de estar peito de mim.

Entretanto, não lhe fiz nada de mal... E' ver-
dade que ella só dançou duas vezes e... com o irmão.
Mas porque tem uma bocca tão grande? A senhora



minha tia pode ficar certa de que em sua casa, sempre se está alegre. Todos os dias, festas...

Ha dois dias, soirée musical em casa da Sra. de Varselles; hontem grande jantar aqui em casa; hoje baile da generala!

Oh! é delicioso!
Palavra que não tenho saudade do convento. Habituar-me-lheia perfeitamente a ser sua filha.

Não que eu não ame muito a minha querida mãe... Mas a nossa casa é tão triste. Sempre doente a pobre mãe.

Finalmente, espero que esteja melhor, porque todos dizem aqui que ella está curada e para sempre.

Parece-me que me trará, do campo, um lindo irmãozinho, gordo e corado. Pelo que diz minha tia, não será de admirar.

(*Mette a mão no bolso e retira-a bruscamente*)

Ah! meu Deus! Os doces que eu tinha trazido para meu irmão, derreteram-me no bolso.

(*No momento em que tira o lenço para limpar os dedos do seu carnet do baile, cae no chão*)

Que foi! Ah! o meu carnet!

(*Spanha-o*)

Ha aqui notas importantes. Eis, um objecto insignificante, de cuja importância e utilidade, os homens não suspeitam. Dos jovens dançarinos, este é o cadastro mundano. Aqui é que se escreve se têm bellos olhos, mãos bem tratadas, dentes brancos; se estão elegantemente vestidos, se são graciosos nos gestos, emfim, se dançam bem. Tranquilisem-se, senhores. Se foram amáveis com o seu par, em vez de vulgar como a maior parte, ella saberá não desmentir-o. No carnet ha sempre uma nota a seu respeito. Tanto melhor, se é boa. Se é má, não tentem renovar o convite;... seria recusado sem piedade, porque não se pôde ter nada de commum com um par, cuja annotação fosse por exemplo como esta:

«Estúpido. Dança como um urso; anda sempre fóra de tempo e pisa muito os pés do seu par.»

E acreditam que o carnet de baile é, para nós, apenas um meio de recordar as nossas danças e que, terminada a noite, apressamo-nos em passar sobre elle a esponja ou a ponta do lenço ligeiramente humedecida.

Qual! Para evitar confusões, temos necessidade de pontos de reconhecimento.

(*Mostração do carnet*)

Aqui está o ponto de reconhecimento! Com estes os rapazes podem ir ao fim do mundo.

Conservamos o seu passaporte de homens do mundo.

(*Folheação do carnet*)

Estes são vulgares... Não ha nada que dizer; nem bem nem mal. Mas como é aborrecido ficar sentada, é melhor aceitar um par como este.

(*Continúa a fallar. Depois, de repente, põe a rir*)

Aqui está um extremamente comico.

(*Lendo*)

José Prê... Prê... está apagadado... Ah! Prêville. Nota especial: roga-se não confundil-o com o irmão menor, Sinforiano Chrysostomo.

Dois nomes graciosos, na verdade... para figurar em um calendario, mas não em um carnet de baile.

(*Apaga os nomes com o dedo. Continúa a ler: depois rindo.*)

Aqui está outro que me diverti muito. Gastão! E nada mais, porque sendo de origem hespanhola, é

possuidor de oito nomes em os e as, todos ligados por um Y.

(*Lembrando-se*)

Dancei tres vezes com este Gastão. Agradabilissimo.

(*Continúa a ler*)

Jorge e nada mais, este tambem, mas não é pela mesma razão.

Conheço-o muito para precisar informações. Quantas valsas, quantos polkas dançamos juntos... Ah! é um dançarino de fama.

Como está alto e como o bigode lhe fica bem. Tem todo o aspecto de um homem, na minha opinião. Surge-me sua imagem aos doze annos.

Recordo-me daquelle tempo feliz; eu tinha oito annos. Nossos paes passavam juntos, o verão no campo e nós tínhamos os mesmos professores.

Como brincavamos no grande parque de Chesnaye! E como sabiamos nos esconder nos pequenos bosques, para deixar passar a hora das lições de mathematica e de latim. A tarde quando começava a ficar escuro, quando a sombra descia sobre aquellas arvores seculares, povoadas de legendas, não ousavamos sair mais. O murmúrio calmo e melancolico das folhas, dava-nos um medo assassino e acreditavamos ouvir a voz dos defuntos que dizia-se, moravam no fundo do poço grande.

E' um lindo cavalleiro agora eu me sentiria orgulhosa se elle me quizesse para esposa. Era o mais elegante de todos, hontem, na casa da minha generala...

Sim, o mais elegante e o mais pretencioso. Que differença entre elle e o irmão... sempre desconfiado, sempre calado, só pensando em coisas sérias. Algarismos, sempre algarismos. Hoje attingiu ao cumulo de seus desejos! Alumno da Escola Polytechnica! Como é bello este título! Mas eu não amarei um marido que me colloque em plano inferior ás suas ambições, aos seus livros e ás suas descobertas.

Oh! Jorge nunca será assim! Era muito travesso no collegio. Que fará elle neste momento? Dorme com certeza. Dançou tanto.

(*Com ar afflicto*)

Sim, dorme, estou certa disto... sem pensar em mim, talvez. E eu que penso tanto nelle...

(*Comando o carnet abrirlo na pagina em que está escripto o nome de Jorge*)

Adeus, meu pequeno companheiro de infancia. Adeus Jorge... Naquelle tempo eu te beijava e tu tambem me beijavas... Mas hoje não ouso mais, porque mamãe me disse que não é conveniente beijar os rapazes.

Mas ha dias, em que eu tenho uma grande vontade e se tivesse a certeza de não ser reprehendida... Mas, sim; eu te beijarei e muito, muito! Boa noite, Jorge.

(*Leva o carnet aos labios*)

Oh! não! Se alguém me visse! E sua mãe não quer...

Mas, não faz mal. Depois este carnet é mudo, não dirá nada a ninguém. Toma Jorge, como quando eramos creanças.

(*Beija o nome delle com ardor de uma creança; mas no momento em que torna a fechar o carnet um pedaço de papel dobrado muitas vezes, sae do livro e cae*)

Ah! que será isto?

(*Spanha o papel*)

Oh! como está ainda docemente dobrado. De onde pôde ter cahido? Do meu carnet, naturalmente. Mas quem o collocou aqui?



(*Olhando atencamente*)

Parece um bilhete! Não emprestei o meu "carnet" a ninguém... Mas... sim... a Jorge que queria inscrever-se, elle mesmo, para todas as marcas disponíveis... e ao pequeno hespanhol, Gastão.

(*Dispõe-se a abrir o bilhete*)

Mas, se eu encontrasse neste bilhete, qualquer cousa que não posso ler! Ficaria bem punida pela minha curiosidade, porque, quem me diz que não ha aqui um segredo e que eu pratico um acto condemnavel, um peccado? Seria melhor consultar o meu confessor a este respeito.

Demais, elle não faz muito caso dos peccados commettidos por indiscreção, o bom padre.

«Peccados de mulher, disse-me um dia, se não fossemos indulgentes neste ponto, o inferno só seria povoado por mulheres.»

A minha culpa não será muito grave; será venial quando muito. De resto, confessar-me-hei depois.

(*Fibre a carta*)

Oh! uma letra quasi igual á minha. E' como se fosse escripta por mim. Vejamos a assignatura. Jorge.

Hein? Qualquer recommendação para o irmão, do general commandante da Escola e amigo de papae; ou então uma daquellas charadas, que costumavamos fazer antigamente.

(*Faz por ler, mas fica indecisa*)

E' extranha, entretanto, esta semelhança de letras. Se alguém visse, havia de encontrar nisto, uma denuncia de grande sympathy, uma grande semelhança de amor. E' verdade que ambos, tivemos o mesmo professor de calligraphia e que empregavamos todos os nossos esforços para conseguirmos escrever da mesma maneira, com a letra igual, para que assim eu pudesse fazer o exercicio do outro. Era divertido ver a ingenuidade daquelle excellenter Durmerain, que não percebia as nossas tratantadas. Mas que pode querer de mim, o amigo Jorge?

(*Lendo*)

«Julieta»

(*Fallando*)

Começa como antigamente; vejamos para diante.

(*Lendo*)

«E' preciso que perdês a minha culposa audacia de ter ousado amar-te e ter a ousadia de te dizer».

(*Fallando*)

E' uma brincadeira, não ha duvida.

(*Continuando a ler*)

«Ha muito tempo este amor, que escondo, me peza; é um segredo que me soffoca. Abre-me o teu coração tão fresco, tão casto, para que nelle possa viver a minha felicidade, cuja existencia depende de ti».

(*Fallando*)

A historia vae-se tornando seria. Cuidado, Sr. Jorge!

(*Lendo*)

«Esqueceste aquelles dias felizes da nossa infancia, quando, conversando eu porque, tu me chamavas teu marido e eu te chamava minha mulher? Sonho de creanças, que se pode realizar. Hoje sou um rapaz».

(*Fallando*)

Oh! és um rapaz... na tua opinião.

(*Lendo*)

«E é o homem que vem confirmar o desejo do menino».

(*Falla a ndo*)

Isto é violento! Fazer-me uma declaração aqui, sem saber se sua mãe permitiria. Está louco.

(*Lendo*)

«Não procures o medalhão que perdeste outro dia na casa da Sr. de Varselles. Achei-o e o escondi sobre o meu coração. Desde aquelle instante não cêso de cobril-o de beijos, beijos que eu te queria dar».

(*Fallando com raiva que vae augmentando*)

Muito bem! Não contente em incomodar-me, escondendo o medalhão, que eu pensei ter perdido mesmo, o que me fez derramar tantas lagrimas, ainda faltas a todas as nossas convenções, desobedecees á mamãe e queres beijar-me. Bem sabes que é prohibido.

(*Continuando a ler*)

«Não querem que nos beijemos e tu mesma te offenderias se eu viesse como antigamente, isto é se tomasse a tua cabeça entre as minhas mãos e te beijasse na testa».

(*Fallando*)

Oh! certamente. E para te castigar contarei a mamãe.

(*Retomando a leitura*)

«Amo-te, Julieta, adoro-te e é de joelhos que espero a tua sentença».

(*Julieta, amarrotando o bilhete com a mão, atira-o ao chão*)

Oh! é muito! Ousar escrever-me assim. Impertinente.

(*Começa a chorar*)

Vir dizer-me cousas destas e gritar-me: «Amo-te». Como se isto me causasse muito prazer. Quem sabe como mamãe ralhara comigo quando eu lhe contar? No entanto eu não tenho culpas.

Só em pensar na colera de papae eu tremo... Porque em vez de escrever-me taes tolices, não me fallou. Ao menos não era obrigada a ouvir-o. Tel-o-lhe feito callar; dir-lhe-ia que fazia muito mal em abusar assim da minha fraqueza.

Dizia-lhe cousas muito razoaveis e mamãe nunca saberia. Estúpido!

(*Cessando de chorar. Ao seu espanto succede um sentimento de ironia*)

As minhas grandes amigas já me tinham previnido. São todos os mesmos, os rapazes nessa idade. Apenas sahem do collegio, vão logo para a sociedade, e ell-os... apaixonados. Mas, antes de tudo, que quer dizer estar apaixonado? Não sei, na verdade.

(*Com ingenuidade*)

Se, ao menos, me tivesse explicado, aquelle estúpido!

Mas... nada; só impertinencias. «Amo-te, amo-te!» Eis tudo o que me disse. Muito bem; e depois? Então basta dizer ás mulheres: «Eu vos amo» para desposal-as? Então casar não é muito difficil. Mas, como é que ha tanta velha solteirona?

Deve haver qualquer cousa que eu não sei e que tu tambem ignoras, Jorge. E' por isto que considero imprudente o teu passo.

De resto, para seu governo, Sr. Jorge, é bom que saiba que já fui distinguida por um homem muito mais experimentado do que o Sr., um velho general que deve conhecer muito mais do que o Sr., o capitulo dos esponsaes.

Se pediu a minha mão, o fez naturalmente depois de madura reflexão, e não ás carreiras, como o Sr.

RENDAS valencianas, linho de todas as qualidades para enfeite de vestidos e roupas brancas, procurem na CASA GUERRA R. S. BENTO, 84 e 86 S. PAULO

PLACAS DE CRYSTAL TABOLETAS, LETREIROS RUA DO CARMO, 19 — Caixa Postal, 1244
TEIXEIRA, RUSSO & COMP. DECORAÇÕES — São Paulo —

(Com crescente ironia)

O Sr. ainda é muito moço e eu serei obrigada a fazer a sua educação: porque, enfim, eu tenho quinze annos e o Sr. dezoito. Ora, uma rapariga da minha idade, já é uma mulher, enquanto que o Sr. ainda é um rapazola.

Tanto peor! Era preciso ter nascido dez annos antes. Porque deve convir que, nada conhecendo absolutamente, do casamento, a respeito do qual a sua ignorancia é igual á minha, não hade ser consigo que eu heide fazer o meu tirocinio.

Assim, Jorge, raciocinemos um pouco. Tudo o que, até agora tenho dito, a respeito do matrimonio, me dá, desta instituição, uma ideia das mais graves.

As minhas amigas que casaram assim que sahiram do collegio, disseram-me, todas, a mesma cousa: "Cara Julieta é um casamento de razão. Hoje não ha outro".

Devem saber desde que o dizem. Assim, Jorge, deves convir que és irreflectido. Mas se promettes devolver-me o medalhão, esquecerei o teu erro e não direi nada a ninguém.

(Torçando-se sentimental)

Parece-me que não fui justa, revoltando-me contra ti; qualquer cousa me diz, que a tua tentativa audaz, é o resultado de um sentimento generoso de teu coração. E' preciso que me ames para que desafies de tal modo as consequências de um acto temerario.

A tua audacia quasi me seduz e já te vejo afrontar mil perigos para provar-me o teu amor. Mas o medalhão? Tu m'o devolverás, não é assim?

Sem ti, eu o teria perdido, o medalhão de mamãe. Como seria reprehendida!

(Enxugando os olhos)

Meu Deus! Uma lagrima! E' a alegria de saber que não esqueceste a pequena Julieta, que parecias amar tanto, antigamente. Sabes? Estou arrependida de ter ficado zangada contigo.

Quiz fingir de pessoa grave, cheia de susceptibilidade e ofendida na sua dignidade!

Mas vejo que só consegui enganar-me a mim mesma.

Estas lagrimas são a prova de que, a primeira castigada com o meu subterfugio, fui eu mesma.

(Jorna a aparhar, no chão, o "carne!" e abre na pagina onde está o nome de Jorge).

Se me tivesses visto, ainda ha pouco, depor sobre estas pagina de marfim, um beijo no lugar onde estava escripto o teu nome, comprehenderias que as nossas almas são irmãs. Ah! como o teu bilhete é grato á minha memoria.

Parece-me que é a propria expressão das recordações que tambem eu guardei da minha infancia.

(Curva-se e guarda o bilhete)

Olha, Jorge! Quero reparar o mal praticado com um longo beijo.

(Leva o bilhete aos labios)

Sim, pequeno pedeco de papel, todo perfumado de vida e de felicidade, tu és o bemvindo e eu te amo...

(Ouve-se novamente rumor fóra)

A VOZ (fóra)

Como? Julieta ainda não esta deitada? Ainda de luz accessa?

JULIETA (á parte)

Ah! minha tia!

(Alto)

Sim, sim, minha tia, já estou deitada.

(Vae apagar a vela e com a pressa alira com o'cas-lizal no chão.)

(Á parte) Que fracasso meu Deus!

A VOZ

Mas que fazes na cama para produzir semelhante barulho:

JULIETA

Oh! nada. E' porque... adormeço.

A VOZ

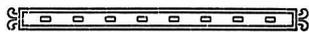
Tens um somno barulhento. (Ri)

(JULIETA)

(Correndo para a porta do quarto de dormir e olhando para o bilhete que, tem na mão)

E a causa de tudo isto, és tú, bilhete indiscreto.

G. de Biez.



Festival Literario e Musical promovido pelo Centro Monarchico D. Manoel II. em homenagem pela data natalicia de S. M. el Rei D. Manoel II.

Commemorando este Centro com uma sessão solemne e um fino concerto, executado pelas distintas alumnas da provecção e gentilissima professora de canto, M.^{me} Mauricio Bensaude, e senhorita Isaura Pinheiro, que executou ao piano varias numeras de fina musica, não teve outro fim do que prestar uma alta homenagem commemorativa pelo anniversario de Senhor D. Manoel 2.^o e tambem proporcionar nos seus sedos e innumeris convidados varias horas agradavel e de delicioso entretenimento. Salgado do Carmo, o tão querido e extraordinario guitarrista portuguez, e o seu tão sympathico companheiro, Armando Duque, tambem vieram prestar o seu valioso concurso, abrilhantando tão magna festividade. O programma executado foi o seguinte:

O discurso official feito pelo senhor dr. Mario Henriques da Silva sobre o thema: "Hontem, hoje e amanhã", foi magnifico, sendo o jovem orador muito ovacionado.

Abriu o concerto M.^{me} Zilda de Macedo, cantando uma canção portugueza de Proves; "Minha mãe" bella canção, que fez vibrar os corações daquelles que estão longe da patria querida. Heitor Prates, apesar de ser um principiante, já mostra que será um primoroso cantor: foi folio e cantou com sentimento a aria da opera Don Carlos de Verdi. Salgado do Carmo tocou uma doente valsa de sua composição, intitulada "Nuney", primorosamente executada. A seguir M.^{me} Emma Ery cantou dois trechos da opera Tosca e Vally interpretando com sentimento o fina intuição musical. A senhorita Isaura Pinheiro executou dois numeros de musica, sendo muito applaudida. Santino Giannattasio, o já tão querido tenor paulista, cantou com alma duas canções: uma napolitana: "Mamma mia, c'ché vuoi sapé", e outra portugueza: "Canção do exilio", arrancando farta messe de palmas. Mais uma vez fez-se ouvir a tão festejada e brilhante amadora D.^{ma} Zilda de Macedo, na difficillima valsa da opera Dinorah de Meyerbeer, onde pôde mostrar mais uma vez a sua alta escola de canto e maravilhossissima voz. Ao terminar foi saudada com uma calorosa salva de palmas e de bravos. Logo a seguir foi cantado o duetto da Carmen, ansiosamente esperado pela selecta assistencia e maravilhosamente interpretado pela mesma senhora e Santino Giannattasio, conseguindo os jovens e distintos amadores um grande successo e commoção tantas almas portuguezas alli reunidas com os fadidinhos, que tão bem sabem falar á alma portugueza. A terceira parte do programma foi preenchida por duas engraçadas comedias, sendo os seus interpretes bastante apreciados. E assim terminou tão eloquente e encantadora festa. Parabens enviamos aos promotores de tão delicado festival.

D' Arlegnan.

Um autographo precioso



S. Excia. Revma. o Sr. Arcebispo Metropolitano teve a suprema generosidade de enviar-nos o precioso autographo seguinte

S. Paulo, 22 de novembro de 1916

D. Virginia

Tem merecido o successo que vem alcançando a "Revista Feminina". Citar as familias paulistas leitura de, útil e deliciosa é, de certo, programma bastante para ser encorajado, e á elle se não afastará jamais o seu espirito profundamente christão. Meus parabens e minhas saudações.

Servo em S. C.

+ Euário, Arceob. Metropol.

LOUÇAS E VIDROS

CASA FRANÇA DE
L. GRUMBACH & COMP.RUÁ SÃO BENTO, 81
— SÃO PAULO —

AVENTURAS DA FAMILIA CAMONDONGO



Fig. 1

Fig. 1. Pae Zé Camondongo tem um pé aleijado. Era uma vez, uma encantadora familia de camondongos, que morava n'um confortável chafiz perto de pestil. O melhor não contar onde, pois, ali por perto póde estar algum malvado gato e su elle topar com a casa, ai da linda familia que já tem dissabores de secura, pois pae Zé é aleijado de um pé: Como é triste, dizia elle, á mulher, ser assim manca, mormento quando ajuda os mantimentos para o inverno estão por se arranjar! Que será de nós?



Fig. 4

Fig. 2. Ora meu velho, retrucou a senhora Rítica Camondongo, enquanto enleava n'uma tira de pano o pomarilinho, havemos de nos arranjar! Promittiu, disse ella, dando um ultimo retoque na atadura. Agora, Janjão, traga o jornal para o Papae e você Tonico, conduza-o, pelo braço no terraco. — Você meu caro pre-aventual começou a dar suas ordens: Janjão vae ficar em casa enquanto eu e as crianças vamos buscar mantimentos.



Fig. n.º 3. Janjão vae ficar em casa enquanto eu e as crianças vamos buscar mantimentos.

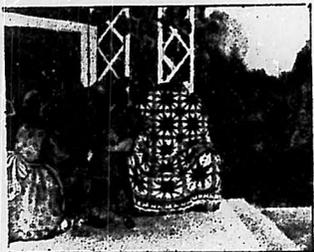


Fig. 2

Fig. 2. Tonic que é muito servicial, subiu uma das mais bonitas arvores e começou a aitar para baixo as fructas, muito atrevido, sem prestar attenção a dois bezorros, que encovam de suas calças azues. Uma abelha, que sugava as flores, disse bom dia, amavelmente, a Tonic e escutou com attenção o que elle contou da doença do pae.



Fig. n.º 5. Depois de ter apinhado muitas fructas desceu e foi ajudar a mãe a separar os segmentos de uma porção de paina que ella tinha arranjado. "Que bons travesseiros não farei para o quarto de hospedes, dizia ella toda contente, enquanto socava o algodão nos seus eos. Nho-nhô e Lulu não estavam ajudando como deviam e, em vez de collocarem as sementes nos saccos, estavam mordendo-las nas extremidades.

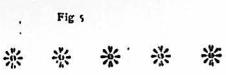


Fig. 5



Fig. n.º 6. Trabalhem mãe, senão o bichano comereá você.

Fig. n.º 6. Trabalhem mãe, senão o bichano comereá você. — Que seus primos tinha sido comido por um e o nome de bichano era o bastante para os conter. — Hoje, porém, não se importaram. Vejam só que mão comportamento o d'elles. Ficaram até mais travesseiros e enquanto a mãe estava muito occupada, fugiram ás escondidas, levando a faguinha de Tonico. Jam correto do o mais depressa que podiam e brigando por causa da face.



Fig. 6

(Continua no prox. mo. n.º)

O Natal e

HA muitos annos, lá para os lados do velho oriente, foram os olhares do mundo surpreendidos uma noite pelos brilhos fascinantes d'uma Estrella que, descerrocando de si os seus fios de luz, os atrou pelo espaço para que se fossem prender á ramagem hirta e ás pedras rugosas de uma choupana miserem.

Illuminados por essa irradiação mysteriosa desceida do Azal e atirados por cantidos divinos desceidos do Ceo alguns pastores abandonaram o somno e as faldas verdes d'uma montanha, e foram caminhando fóra, sob os frios do inverno e sob as caricias da lua, aconechegando á face o seu manto grosseiro, em busca d'uma creanga, que vozes angelicas diziam ter nascido nos arrabaldes d'uma cidade vizinha.

Caminharam e chegaram lá. Era alli que a Estrella prendia os seus raios e que os coros angelicos se ouviam mais vibrantes. Transpozeram o limiar esboracado da mansarda, arrastaram-se e cahiram de joelhos. Jesus recebia pela primeira vez a adoração dos homens.

Nada mais natural do que o nascimento d'uma creanga. E nada mais extraordinario, assombroso e grande que o nascimento de Jesus.

O seu primeiro vagido marcou uma epoca. E o primeiro osculo materio que poisonou sobre a sua fronte inicia uma redempção.

Até alli o reconhecimento apparecia como uma coisa inutil, como um objecto enfadonho. O berço não tinha as enrustações e os encautos que o lar e a familia lhe começaram a dar nas alvuras do Presepio.

Se a nação era guerreira e o filho apparecia de-feitoso cortavam-lhe a vida atirando-o de encontro ás pedras, porque não indicava a animalidade precisa para defender a patria. Se o povo era commerciante collocavam-no nas mãos enrodilhadas dos escravos para que o fossem depositar á beira dos caminhos ou entregal-o ao mercador que lhe offercesse mais dinheiro.

Depois veio a lei e sancionou o crime. E está ainda de sangue negrejante de iras e de maldições rotou mancrambente, sinistraimente, através as velhas eras, por entre os crystaes gritantes dos ricos e as paredes nhas dos pobres.

Entrou em Roma e entrou em Athenas: desdobrou-se, pejada de gemidos e vociferações, ululante e feroz, por sobre a Judeia e por sobre a India, por sobre a Persia e por sobre a Syria; e depois absorveu o mundo.

N'este comenos ouviu-se para os lados da radiosa Belem um bater de azas vertiginoso e um canteio estranho nos Alturas.

Eram os mensageiros de Deus transpondo o azul do Ceo para virem estender sobre a terra a luz forte da resurreição, a luz pura do amor. *Christus natus est!*

Desde então o Natal começa a ter as seducções que ainda hoje tem. Desde então os pequeninos começam a sentir sobre a sua fronte as caricias confortadoras da civilisação.

Natal! Natal! como tens sorrisos de virgens e como tens suspiros de alvoradas que a nevoa da philosophia desdenhosa ainda nao ousou amortallar! Como tens sol e como tens murmúrios que envolvem e espiritalisam tudo, e dos quaes os anjos arrastavam irradiações leves com que voltisam as almas e illuminam os lares!

...a estrella

Natal! Natal! Como arrastas sanidades e como abres esperanças nas tuas madrugadaes poicrentas de oiro e no teu crepusculo agonisante de beijos! Se o tempo me obdecesse, dirhe-la que passasse para que fossem immortaes os teus sorrisos, perpetuas as tuas sanidades figuradas, e eternas o teu sol, o teu oiro divinos!

Mas tudo passa, e a humanidade, retomando o seu caminho, continúa a amarranhá-se pelas inda-recursos do futuro.

E a galera branca em que todos nos remamos, entrando de novo no grande mar dos sonhos, leva dentro de si os cantidos da esperança tecidos nas alegrias do Presepio, onde os pobres são os mais felizes porque se contentam apenas em levar consigo um pedacinho de pão para cada dia e um agasalho de farrapos para cada filho.

Enquanto a barca corta as espumias e se desvia dos escolhos, todos nós vemos unidos como irmãos de olhos fitos nos horizontes que se riscam de claridades, porque o anjo do amor ocolou as nações e o afflicto christão enlaçou as familias.

O amor dos conjuges já não arrefece e está pronto a resistir ao peso de todas as dores, porque lhes surgiu um filho que lhes prende os corações com os seus encautos e lhes enleava as almas com os seus bracinholos brancos e tenros.

Se está no berço amos se approximam d'elle, á laia de cherubims em adoração, para o protegerem com as suas azas e lhe perfumarem o ambiente com os seus beijos. Se brinca no regazo da mãe e se expande sobre as rendas como um cysse se expande sobre as aguas, o pae contempla-o, com duçura, e depois debruça-se sobre a cabecinha loira para lhe humedecer com lagrimas de jubilo o oiro dos seus cabellos.

O nascimento de Jesus, sem duvida, veiu completar, amparando a creanga, a grande instituição da familia.

E para que os direitos definitivos dos pequeninos fossem fixados nos endices e nos marmores, o meigo Nazareno vir um dia nas cercanias de Jerusalem «deixar vir a mim os pequeninos, porque d'elles é o reino dos céos».

Então todas as creangas do mundo, ouvindo a sua voz, voaram para Elle, e todos os povos, escutando a phrase estranha, ouviram pela primeira vez á proclamação solemne dos direitos dos que vivem na primaverda da innocencia.

Ouviram-na e reconheceram-na.

Não é mais a força, mas sim a alma que d'oravante veu medir a individualidade infantil. A morte, a exposição publica dos filhos infelizes despedaçam-se e encontro ao influxo brando da palavra do Resolmptor.

A creanga começa desde então a rasgar deante de si horizontes de luz como as estrellas rasgam no espaço pedaços do ego, e o amor avança arfante de anseios como uma aza de fogo que corta todas as tyrannias e dilue todos os elos da escravidão.

Mas o direito dos pequeninos está realisado na extensão em que foi concebido? Não.

As manhas das velhas leis foram apagadas pelas pineladas de luz cabidas do



presepio, mas surgiram outras que a moderna civilização tenta encobrir com o manto diaphano d'um progresso fermentado e corrupto.

Todos se associam para defender o corpo e o dinheiro, mas poucos se unem para defender o espirito e a honra, o coração impoluto dos que nascem e as almas de crystal dos que surgem para a vida.

Criações amarfanhadas e rotas, definhadas pela fome e perseguidas pela desgraça, pejam ajuda as ruas e vagam pelas vielas, deixando a pedação pelas arestas de todos os vícios os melhores sentimentos que Deus lhes hafjou o peito.

Mulheres desaturadas e perversas, desganhadas pela voluptia e zurdidas pela vida, ousam ainda, á maneira das gentilezas dos tempos barbaros, abandonar no acaso o fructo dos seus amores para não lhes opprimir o regaço de-vassado, ou não lhes perturbar as orgias malditas.

Paes e mães, de habitos adquiridos nos segredos do boulevard e de educação moldada nas grosserias do materialismo, existem ainda que preferem a solidão do th-

lamo no alvoroço e cantador dos ninhos, para que "o peso de mais de uma existencia não lhes venha abreviar os dias ou apagar os traços de sua formosura.

Quando desaparecerá de vez este mal e quando deixarão de existir estes crimes?
Quando a civilização moderna se nortear pela Estrela de Belem; e quando o Estabulo benedicto sentir junto a si o poisar do seu ceptro vencido e o rojar do seu manto de raiuba.

Então o paiz de familia terá no seu lado um anjo, nas horas de cansaço para lhe tocar os olhos, para lhe enxugar a frente e dilatar o coração.

Este anjo é a recordação da esposa que ficou á sombra tranquilla da sua casa para lhe embalar o filho e para lhe dar com um beijo o melhor salario do seu dia. Este salario era o do santo esposo de Belem que Maria pagava com um olhar ineffavel e que Jesus retribuía com uma caricia meiga senelhante ao brilho suave da Estrela que lhe illuminava o rosto.

Paulo de Tharso

VERSOS Á VISINHA

Das "Cantigas"



WENCESLAU

DE

QUEIROZ

Sempre tentei occultar-te
Este amor que me espesinha;
Mas em vão; por toda a parte
Via teus olhos, visinha.

Sim! em vão... Porém, que queres?
Amar-te foi sina minha,
Entre todas as mulheres,
Sem que o soubesses, visinha.

Noite e dia, dia e noite,
Nesta existencia mesquinha,
Calado, soffria o açoite
De teu desprezo, visinha.

Bem junto de teu postigo,
Onde só chega a andorinha,
Meu olhar pediu abrigo...
Mas o enxotaste, visinha.

Em vão! não me sai da idéa
Teu corpo que é, linha a linha,
O de uma venusta deá...
Como esquecer-te, visinha?

Meu sonho mates, embora!
Como garrula avesinha,
Morrerá, cantando a aurora
Desses teus olhos, visinha.

(Para a REVISTA FEMININA)

NOSSOS NOVOS COLLABORADORES

S. Excn. o Dr. Carlos Magalhães de Azeredo, Ministro do Brasil junto ao Vaticano e membro da Academia Brasileira de Letras.



PODEMOS hoje anunciar ás nossas leitoras um regalo maximo: a collaboração do Dr. Magalhães de Azeredo, que, com uma generosidade que nos deixa por tal modo penhoradas que não achamos expressões bastantes para agradecer-a, promette-nos collaboração assídua, que se inicia neste numero pela carta que abaixo publicamos. Entre os modernos escriptores brasileiros é Magalhães de Azeredo um dos mais brilhantes e de mais justa consagração. Sua arte é a expressão exacta de sua alma: feita de uma emotividade suave, de uma esthesia que se abebera de azul e de ouro. Sua frase é attica e as impressões que ella traduz, têm a pureza dos grandes espaços. E sua arte é principalmente grande porque é de uma meiguice que adormece os corações soffredores. Tão seus olhos de sonhador a vida só se revela pelas suas bellezas; não ha em toda ella nem espinhos, nem miserias. Sua alma se libra nas alturas e quando baixa até a vida, passa por ella docemente, como as notas brancas de de uma barcarola, impregnada de um mysticismo encantador e delicioso. A nossa Revista sente-se orgulhosa de poder offerrecer ás suas leitoras, que tanto apreciam o eminente escriptor, os primores de tão brilhante collaboração.

Badia Prataglia (Arezzo) 25 de Setembro de 1916

Exm.ª Srr.ª D. Virgílima de Souza Salles

Minha Senhora,

Perdoe-me a demora com que respondo á sua bondosa carta de 10 de Julho; a de meu caro amigo Claudio de Souza nunca me chegou ás mãos, o que devéras sinto, pois bem me teria alegrado, após tantos annos de reciproco silencio, receber noticias directas do excelente companheiro, que nunca esqueci nem deixei de prezar.

A razão deste atraso está no da Revista, que só ha poucos dias me foi entregue. Não exagéro dizendo que a aguardava com impaciencia. Era grande a minha curiosidade por ella. A sua carta me dava o direito de imaginal-a fina e brilhante. Mas seria ella, além de feminina, simultaneamente feminista? Algumas expressões da sua missiva, mal interpretadas, me induziam a receal-o...

Um órgão de reivindicções do sexo injustamente chamado debil? um libelo em regra contra o despotismo, a brutalidade, a iniquidade do rival hereditario? uma torrente de tinta e de fel, de lágrimas e de sarcasmo, sobre a cabeça humilhada do eterno inimigo? Isso por mais que as galas do estilo me obrigassem a admirar-o, me teria, em suma, entristecido...

Mas, que deliciosa surpresa! folheava um periodico muito elegante e bem elaborado, que a par de artigos literarios cheios de interesse, trazia amostas de rendas e outros trabalhos de agulha, modelos de mobilia para um lar gracioso e confortavel, e até uma página intitulada "o menu de meu marido!" Vive Deus! que estas são mulheres, são damas, e não viragos decididas a pôr-nos todos na porta da rua, por intteis ou perniciosos! Atesta-o ainda com eloquencia e complacencia a lista dos colaboradores illustres ou distintos, de cuja solidariedade ativa a Direção timbra em ufanar-se.



Direi mesmo que, se um defeito, ou antes, uma deficiência, nota-se neste único fascículo que conheço da *Revista*, consiste ela na relativa escassez de escritos de colaboradoras, entendendo, está claro, na parte propriamente literária. E' de desejar e de esperar que as não muito numerosas, mas tão pouco muito raras, escritoras brasileiras contribuam com assidua diligência para garantir à *Revista*, o caráter peculiar que o seu título indica: tanto mais que, numa publicação d'essa natureza, todas as manifestações daquela especial mentalidade, desde que sinceras, têm seu lugar próprio e sua razão de ser: observações, fantasias, meras expansões sentimentais ou místicas, ainda em formas singelas e familiaríssimas, sobre tudo nessas cartas traçadas com o coração no bico da pena, em que — coisa sabida há séculos! — são as mulheres mestras incomparáveis...

Como não daria eu, pois, a sua *Revista* a minha simpatia, e ainda a minha colaboração, já que me quer altamente honrar, solicitando-a?

Agora se, minha Senhora, lhe interessa conhecer mais a fundo os motivos pessoais d'esta simpatia, e da tristeza que me teria causado a hostilidade acerba de um manifesto feminista, eis-me pronto a explaná-los — e com que agradável prazer!

Começarei declarando que devo muito às mulheres: muito como homem, muito como artista.

Dou o primeiro lugar neste preito à influência materna, tão preponderante em mim, que justo é chamá-la verdadeira criação do que há melhor, mais elevado no meu ser; assim como a felicidade doméstica, perfeita, em cujo ambiente ideal o meu espírito, como o meu coração, atingiu a plenitude do seu valor.

Mas ainda, abrangendo num vasto relance todas as faces da minha existência, todo o seu horizonte, oh! de quantas mulheres tenho eu recebido dons geniais ou sublimes, inefáveis! Parentas, companheiras de infância, de adolescência, companheiras de sonhos, companheiras de amores, simples amigas... quantas d'ellas — ou me apareçam remotas no passado com alegres carinhosas de meninas, com frontes puras e pupilas cismadoras de donzelas, com meditativas e enternecidas fisionomias de jovens mãis, ou tais mimos primaveris se hajam transmutado em graves presentes do outono sob os cabelos betados de branco em torno aos semblantes que nada perderam todavia da antiga suavidade, ou, finalmente, sobre seus rostos venerados haja caído o veu da eterna ausência... quantas me têm enriquecido a imaginação, o pensamento, quantas, com uma palavra, com um olhar, com um gesto de graça, de virtude, de heroísmo humilde e quasi ignaro de si próprio, me têm deixado na alma alguns d'esses germens imortais que permanecem florescendo e frutificando até o último instante da vida!

Assim, nessa galeria de figuras diletas, de figuras vestidas e donairosas, ou nobres e imponentes, que todo o homem capaz de sentir o prestígio da formosura e da elegância se compraz em evocar nas suas horas de recolhimento, não há para mim apenas traços autobiográficos ou motivos estéticos; há, também, genuínos valores morais...

Que do assíduo contacto com tais naturezas femininas decorre uma particular delicadeza de critério moral, nem é preciso demonstrá-lo; decorre, certo, no menos, a impossibilidade de libertinagem e do cinismo... Não me apresento com esta constatação, candidato a um prêmio de virtude, que outros merecerão mais do que eu, mas unicamente a um atestado de bom gosto. Quero dizer que um homem com esses precedentes pode, sem dúvida, ceder a muitas tentações, cometer muitas faltas; mas nunca desconhecera nas mulheres a sua dignidade original, nunca as rebalzará no próprio conceito ao papel de frívolos manequins falantes, ou de meras fornecedoras de ebridade sensual. Nunca entenderá, em suma, a famosa

boutade de Baudelaire contra aquelas que, desde o primeiro momento, é de presumir, em que a humanidade teve consciência de si mesma, ou saram

aux choses de l'amour mêler l'honnêteté:

antes confirmará plenamente a reflexão profunda de Stendhal, que, estudando a influência do Cristianismo sobre o sentimento amoroso, chamou lindamente o pudor — pai da felicidade...

Que direi das vantagens que nascem do trato das mulheres superiores, para a compreensão das artes, especialmente da música? Haveria todo um capítulo assás curioso a escrever sobre isso... e quem sabe se o escreverei um dia?

Nem se creia que d'ahi possa provir uma limitação, uma tendência unilateral, pelo menos em quem, amando as almas femininas, tenha para contrapós um caráter essencialmente variável. Quanto a mim, pois que nestas coisas o depoimento da experiência própria tem particular alcance, sei que, a par com Teófilo, Praxíteles, Virgílio, Petrarca, Rafael, Tasso, Bernardin Ribeiro, Racine, Schumann, Lamartine, Garrett (tomando ao acaso alguns nomes característicos, como a crítica, talvez arbitrariamente costumada agrupar-os), compreendo e intensamente prezo Homero, Sófocles, Dante, Donatello, Miguel Ângelo, Camões, Shakespeare, Cervantes, Corneille, Beethoven, Gœthe...

Risco de alimentar, de cultivar um excesso de sensibilidade, que é fácil tornar-se mórbido e extenuante, para quem a ele se reconhece propenso? Há sempre a companhia dos homens, naturalmente preponderante, para corrigi-lo com o instinto da luta e o oportuno cepticismo — se isso é necessário... Mas as mulheres são mestras de energia (ao menos de energia *centrada*, de *endurance*, onde nós, mais fortes talvez na energia *impulsiva*, mais depressa nos cansamos), e mestras igualmente de clarevidência (exceção quando a paixão as desvirtua, quando, diria Schopenhauer, o Genio da Especie as fascina para os seus fins occultos).

De resto, se o excesso de sensibilidade duplica ou decuplica não raro o sofrimento, não faz o mesmo ao gozo? não é, neste como naquele, um penhor de plenitude ardente, fremente, e no fundo, deliciosa de vida? Que dano há nele, aliás, para quem não segue a carreira do comércio ou da industria, e deliberadamente soube sempre recusar-se ás lisonjas da polítagem?

Mas vejo, minha Senhora, que estou divagando, e, sobre tudo, eternizando-me, num assunto que singularmente me atrai. Seria bem este o lugar, mas não bastaria o espaço, para o "hino ás mulheres". Diz-se que Luiz XIV, nos seus parques e jardins de Versalhes, cortejava, tirando o chapéu, todas as mulheres, conhecidas ou desconhecidas, que encontrava em seu caminho, quaisquer que fossem as respectivas condições sociais. Eu muito venturosamente repetiria o gesto gracioso, se, da parte de um humilde admirador, ele pudesse imitar mesmo de longe o prestígio de uma homenagem do Rei Sol...

Depois d'esta análise, extensa, embora, talvez desordenada, do meu culto pelo "Eterno Feminino", serão precisos longos arrazoados para explicar a minha antipatia pelo movimento feminista? Feminista? *masculinista* se deveria chamar, e nesta substituição de epítetos está o segredo da minha aversão.

Não sou tão cego, nem tão injusto, que desconheça a existência e a importância do problema feminino. Numa época, em que dois factores essenciais, além de outros — a multiplicação ao infinito dos meios de transporte e a comunicação, e a crise do princípio da autoridade — não transformando radicalmente as idéas e os costumes, seria absurdo exigir somente para as mulheres, a imobilidade física e espiritual.



Mas era desolador e irritante a um tempo que as *paladinhas* da propaganda feminista tão mal entendessem e propuzessem — ou impuzessem — a questão. Como? pois o único modo de elevar e libertar as mulheres deveria consistir na cópia servil, aí na paródia das atitudes masculinas, isto é, na abdicção, lamentável e grotesca, da *feminidade*?

Não, deverás! mulheres de cabelos curtos, como os homens, mulheres metidas em casacos ou fraques, como os homens, mulheres eleitoras e eleitores, mulheres políticas, como se não bastassem os homens? Mulheres esforçando-se, em nome da própria fealdade, ou da propria aridez de sentimento (que a tanto chegou a audácia impudente d'aquelas anarquistas) por impedir-vos, a vós, ó verdadeiras, ó divinas mulheres! de serdes formosas, delicadas e sedutoras, de alegrades a terra e responderdes á luz cariciosa do céu com o festivo garbo e o profundo encantamento das linhas harmoniosas, dos gestos de suave soberania, de vos ornardes para nós com essa arte superior, da qual os monumentos gráficos e plásticos das mais antigas civilizações atestam a origem augusta e sagrada? Mulheres proclamando a luta dos sexos, a mais cruel de todas e a menos natural, como se já nos não affligessem a das classes, a dos povos, a das raças? Mulheres berrando em comícios pela emancipação feminina, quando as concientes do seu valor pela beleza e pela virtude tão longe estão de desejar uma emancipação d'esse gênero, e dariam de bom grado os tão trombeteados direitos feministas pelo de amarem, de serem amadas, de garantirem pela educação da prole adorada o proseguimento d'aquella obra prima do sexo, a que séculos e milênios nada tiraram da incomparável gloria?...

Nesta hora, a guerra atroz, que cobre de sangue e luto a Europa, está demonstrando com assombroso relevo as aptidões das mulheres para substituírem, em quasi todos os ramos da actividade social, os pais, os maridos e os filhos chamados para a frente pela terra lei do serviço militar geral e obrigatório. D'essa prova maravilhosa derivará, apenas restabelecida a paz, um elemento completamente novo para a solução do problema feminino. Seria deplorável e horrível que ele se desleiasse no sentido de agravar a luta dos sexos, nutrida antes da guerra, em grande parte, por uma literatura tendenciosa e perniciosa. Mas não: é de desejar, é de crer que de tantas angústias, de tantas esperanças sentidas em comum pelos dois sexos, num período heroico para ambos, saia consolidada, robustecida a instituição eterna da família, fonte, base da nação e da humanidade.

Voltemos, para concluir, á elegante *Revista*: a questão da actividade intelectual feminina em a encara em termos muito mais simples, em termos direi quasi, incontestáveis, hoje para toda a gente de bom gosto e bom senso. O direito das mulheres á cultura? o direito de revelarem e aperfeiçoarem os dotes do seu espírito? de serem insignes e famosas, as que o puderem, nas artes, na literatura, na filosofia, na ciencia?...

Mas para isso o Feminismo não era necessario. Sem ele e muito antes d'ele, mulheres de talento ou de genio brilharam nos salões e nas côrtes, ensinaram nas universidades, governaram ducaados, reinos e imperios. Sem ele, e pela só evolução natural dos costumes, se teriam ampliado, multiplicado para as mulheres de merecimento os meios de se distinguírem, de se imporem á admiração do público. O erro capital do Feminismo consiste em tirar de alguns casos mais ou menos numerosos uma regra geral, franqueando as profissões masculinas a todas as mulheres, e substituindo a idea de concorrencia implacável á de colaboração pacífica e cordial...

Sem dúvida, devemos reconhecer a algumas (questão de temperamento e vocação) não só o direito de ganharem a propria subsistencia como o labor independente do seu espírito, mas o de confinarem-se no celibato para melhor servirem o seu ideal. Mas cumpre sustentar que se tratará sempre de exceções, que a formação da familia será sempre a mais bela, a mais alta, a mais santa missão do sexo feminino.

De resto, o cumprimento zozelo e integral dos deveres maternos nunca foi obstáculo serio á criação de uma obra intelectual nas que têm a força de concebê-la e realisá-la.

A maior das presadoras brasileiras, a primeira que da notoriedade subiu á gloria, a minha prezada amiga Dona Julia Lopes de Almeida, dizia-nos um dia, ha muitos annos: "Escrevo quando os meus filhos me deixam tempo para isso..."

Palavras são estas muito para meditar, sobre tudo recordando quais e quantos livros ella tem sabido escrever. Outras mais nobres e mais justas não poderia eu encerrar para encerrar esta já tão longa carta.

Beija-lhe as mãos respeitadas, minha Senhora, o seu servo obediente e admirador

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

(Da Academia B. de Lettras)

LIVROS RECEBIDOS

O poeta rio-grandense Plínio Borgego deu a gentileza de enviar-nos, com generosa doação, um exemplar de seu livro *Vegetação poética*, no qual revinha suas melhores produções poéticas. Não se trata de um livro novo. É a edição de 1914 e sobre ella já a imprensa se pronunciou, de modo que não cabe aqui noticia mais minuciosa sobre a obra poética de Plínio Borgego. Registamos pois o recebimento do exemplar que nos foi enviado e que de ora avante nossas leitoras encontrarão em nossa bibliotheca; e agradecemos, muito penhoradas as captivantes frases com que o poeta, na dedicatoria de seu volume emittiu nossa REVISTA e nossa illustre directoria.

Judicador Commercial — O sr. Antonio M. Franco teve a gentileza de ofertar-nos um exemplar d'esse interessante manual — 1916, 147. É uma publicação devaras interessante e util, contendo grande cópia de informa-

ções da vida commercial, industrial e administrativa de nossa capital. Gratos pelo exemplar offerecido.

Machinas para a lavoura — Com este titulo os srs. F. Upton & Comp. acabam de editar um luxuoso catalogo illustrado, com nitidos clichés de machinas para a lavoura e industria de sua exclusiva importação. É um catalogo de muito interesse para todos e especialmente para os lavradores e industriaes.

Recomendamo-lo tambem as nossas leitoras pois nelle encontrarão muita coisa de utilidade domestica. Os srs. F. Upton & Comp. remettam gratis este catalogo ás leitoras da REVISTA. Pedidos para o largo de S. Bento, 12, S. Paulo.

Das melancias da boca — na primeira e segunda infancia receberam e agradeceram um exemplar de seu autor o directoria dentista sr. Osorio Cozar.

Jesus e a Peccadora

A tucba hostil exercida a peccadora pela phlogente coroa de obediencia, educada a Peccadora de impoçencia, em suspiros a misera se exalta...

Para o longo cortejo, a'nuia exalta, por insidioso do Mestre a Magistria; pois si o peccado da coroa é debedera, repugna, á lei do mestre, combatendo.

"Ficou quem sempre teve a mente alienada um crime", diz Jesus, e a visibilidade fronte inclina, escrevendo sobre a creva.

Vão se enloura os Judios e ninguém teve... Ficando a sós Jesus e a Peccadora, a compunção em face do misericordioso.

Leão d'Éça

TRABALHOS DE AGULHA

(Continuação do nosso numero 28)

Bridas a ponto de festão (Fig. 5.) — A principio se estendem 3 fios, voltam-se da direita para a esquerda, com pontos de festão. O fio que serve para executar os pontos de festão deverá sair do laçet na distancia de um ou dois fios, dos fios estendidos para a brida, o que impedirá ás bridas de ficarem com o comprimento desigual.

Bridas a ponto de festão com pontinhas (Fig. 6.) — Depois de terminados os pontos de festão até o terço ou até o meio, de uma brida, se passa o fio, sem fazer anneis, sob o fio estendido, prende-se o anel formado pelo fio, por um alfinete que se passa debaixo do trabalho, passa-se a agulha da direita para a esquerda debaixo dos 3 fios, fig. 6 e se aperta o ponto de maneira a aproximar tanto quanto possível do ponto de festão da brida.

A figura 7 ensina a maneira de fazer o picot, por um com 2 pontos de festão entre o anel e a brida festonada.



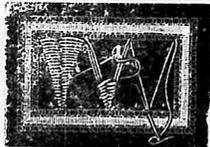
(Fig. 5.) Bridas a ponto de festão



(Fig. 6.) Bridas a ponto de festão com pontinhas



(Fig. 7.) Maneira de fazer o picot



(Fig. 8.) Dentes ou pyramides a ponto de seguimento



(Fig. 9.) Pontos de seguimento com duas nervuras

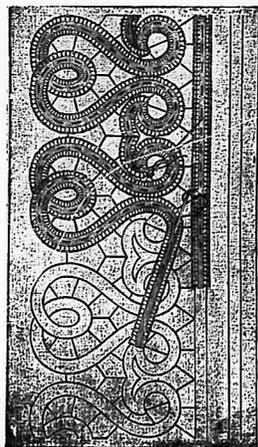
Dentes ou pyramides a ponto de seguimento com nervura (Fig. 8.) — A figura 8 indica a maneira de executar pyramides com ponto de seguimento com uma só nervura por debaixo dos fios estendidos obliquamente.

Partindo a esquerda do laçet superior, se leva o fio no laçet inferior à direita, que formará o alto da pyramide, em seguida sobesse à direita, no laçet superior, e se volta ao ponto de partida pelo mesmo lado. Desta

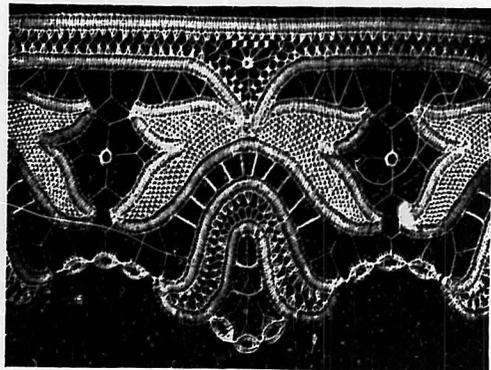
maneira os fios estendidos serão duplos. O ponto de seguimento deve ser começado na ponta; é preciso allí voltar ainda com o fio afim de que o fio esquerdo torne-se triplíce. Quando as pyramides forem maiores devem ser feitas com duas nervuras; para isso se ajunta à linha do meio do triangulo, mais um fio duplo vertical.

Para a execução do ponto de seguimento com duas nervuras: ver a fig. 9. É preciso observar ainda que para todas as pyramides a executar sobre armação, é preciso unir tanto quanto possível os pontos, afim de que a armação não appareça.

Ponto para execução da renda fig. 10. Fazese este fido executando uma serie de anneis no laçet bem unidos, depois estende-se um fio em paralelo a esses anneis, e voltando do ponto de partida vae-se passando a agulha em cada um dos anneis e em cima do fio estendido; o resto do desenho é feito com pequenas aranhas conforme já ensinamos.



(Fig. 11.) Maneira de trabalhar o laçet sobre o desenho



(Fig. 10.) Renda Renaissance

Exposição de trabalhos: a Revista Feminina, mantem, annexo aos seus escriptoricos, uma exposição permanente de trabalhos de Senhora: bordados, rendas, desenhos, pinturas, artes applicadas etc. Aceitaremos com muito prazer quasquer trabalhos que as nossas assignantes queiram enviar-nos, não só para figurar na referida exposição como tambem para ser vendidos mediante modica commissão.



a pyjama. Um furor de pyjama devia ser um furor masculino; hoje em Nova-York é um furor feminino. Os figurinos trazem lindas moças de pyjamas bordados. Assim vista, a moda através um «modelo» joven e bello, parece-nos menos exotica.

É, no entanto, que nem todas as senhoras são aquellas lindas moças que se vêm nos figurinos.

Ora eu tenho uma parente muito gorda. Digo «eu tenho», por modestia, porque todas nós temos. É uma senhora que gosta muito de modas novas. Foi a primeira que comprou um pyjama. O marido estava ausente; guardou o pyjama para estrear-o no dia da chegada d'elle. O pyjama era côr de pello de rato; outra extravagancia de minha parente que tinha quezilia com os gatos. No dia da chegada, ou antes, na noite, porque o trem chegara as 22 horas, metteu-se no pyjama, côr de rato, poz uma touca e deixando a saleta de «toilette» em meia luz, esperou o marido.

A 22 1/2, um toque de campainha: marido derreado de uma longa viagem, empoeirado e sonnoento, foi direito a «toilette», lavar o rosto.

Minha parente, ao ouvir o ruído dos passos, levantou-se para recebê-lo, amorosa. Enorme, côr de pello de rato, com as pernas disformes pelas calças largas do pyjama que se dobravam, estendeu os braços no ar, para abraçá-lo.

Meu pobre parente deixou cahir as malas e tranzido, sahii a berrar: — Acudam... acudam... Um elefante!...

Foi a correr até ao primeiro soldado de ronda. Voltaram, ambos, para prender o animal. Já não havia mais elefante. Minha parente se tinha mettido no leito, com sua linda e fresca camisola bordada.

Ao canto da «toilette», jogado com desprezo jazia a pelle do elefante...

Eis ahí porque não recommendo, nem accetto a pyjama feminina.

Continuam as saias muito amplas, e até as mais simples trazem na barra uma guarnição qualquer para que sua amplitude pareça maior. Fazem-se de differen-

tes modelos as barras das saias de maneira a poder se por de lado os babados já tão vulgares. Evita-se os mesmo, salvo nos casos, onde as saias são todas cobertas de babados.

Para os vestidos de linho é enghoso e novidade fazer-se um bordado a uns 10 centimetros da barra, tendo como cercadura uma orla formada por um cordão fino da mesma côr, quando é branco o vestido, mas em outro ton nos vestidos rosa ou azul.

A linha direita é o caracteristico de nossa Moda. As saias começam nas cadeiras, tendo as cinturas muito baixas atraz, lembrando os vestidos da edade media.

Actualmente aquella epocha é a inspiradora da Moda, somente com algumas variantes por parte de alguns costureiros, que gostam de mostrar suas habilidades emquanto que outros a seguem em todos os seus detalhes.

Dos tecidos para o verão mais em voga está em primeiro lugar o organdy branco, de côres, com flores listados e bordados o oppal, a cambraia de linho. O setim liberty é a grande moda; o velludo liberty,



aharmeuse e a faya usam-se para vestidos mais ricos. Es-tão muito em voga as rendas bordadas a ouro e a prata para os vestidos de noite. Estes são folgados com grandes caudas delgadas, salvo alguns caprichos de estilo como particularmente o vestido «Française» de faya azul pallido, com arregaços presos por guilandas de rosas, deixando apparecer um fundo de renda bordada a prata.

De grande efeito e elegancia será um vestido de musselina de seda azul do Maine, cujo corpo largo seja de musselina de seda mazila bordado no mesmo ton. São lindos os vestidos de filô com bordados metálicos, com um arregaço de filô azul bordado a prata sobre filô dourado.

Outro modelo bonito é o vestido *Chimera* com larga e u-da em ponta, e um arregaço de renda verde e ouro. Um modelo que chama a attenção pelo sua originalidade é feito em velludo *chagze* misturando esse tom ardente, com um cinto alto de prata que cinge as cadeiras e desce para formar uma segunda cauda.

As gollas variam conforme os vestidos, sendo portanto muito difficil dizer-se qual a moda. Parece entretanto que a golla bretã gosa



ainda de favor. Ella se compõe quasi sempre de um simples babado do linon plissado susido nos lados para deixar sem enfeite a frente do corpinho. Para os vestidos cuja abertura é oval em vez de rodondas, a pequeno «ruche» plissado ou de renda vae muito bem.

Emfim eis um modelô bonito que se pôde usar com um vestido de linho, e consiste em uma golla «fiché» orlada de uma pequena franja de linho, adelgadas em duas faixas que cruzam na frente e vão atar atraz, formando um laço.

Nosso calçado continúa sendo alto enquanto uzarmos saia curta.

Elle é atacado na frente o qual não só é mais pratico como mais elegante, pois dá uma forma mais bonita ao pé; as pontas vão afinando até ficarem pontagudas. Os burzéquins de botão caíram de moda.

Para a tarde temos uma affinidade de modelôs de sapatos com passadores. Os mais lindos são de verniz, enfeitados com um botão e preso com duas ou tres tiras de verniz abotoando por cima do tornozello. Para a noite usam-se os sapatos de seda recamado de bordado a ouro, ou então com perolas.

Marinette.

Impressões de um technico sobre a moda em S. Paulo

Pelo espirito que prende a organização de nosso Revista é sempre com prazer que transcrevemos as noticias que se reflectem directamente ás nossas leitoras, muito principalmente quando tées noticias dizem respeito o assumpto de modas. Eis porque transcrevemos e seguimos as impressões de um technico e de um tecnico de valor sobre o bom gosto das paulistas impressões estas publicadas pela imprensa do Rio!

(N)ão desagradará, certamente, as leitoras conhecer as impressões que de São Paulo trouxe o sr. Paulo de Siqueira Queiroz, socio e director da «Casa das Fazendas Pretas», a respeito da elegancia, e do modo de vestir das paulistas.

A todo o pretexto, surgem elogios ao adiantamento e progresso de S. Paulo. Faltava porém, a opinião de um entendido, de um tecnico a respeito da «moda» em S. Paulo.

Ninguém melhor do que o sr. Queiroz, para dizer com verdade a respeito dessa face da civilização paulista. Ouçamos-o:

— Sim. Não ha duvida. As paulistas adoptam admiravelmente os usos e costumes europens. As senhoras sabem perfeitamente que as «toilettes» escuras são melhor indicadas para o uso matutino, para os passeios pelos arrabaldes; para ir ás compras á cidade; para o «footing» na lindissima Avenida Paulista; no bem cuidado jardim publico; no parque Antartica, etc.

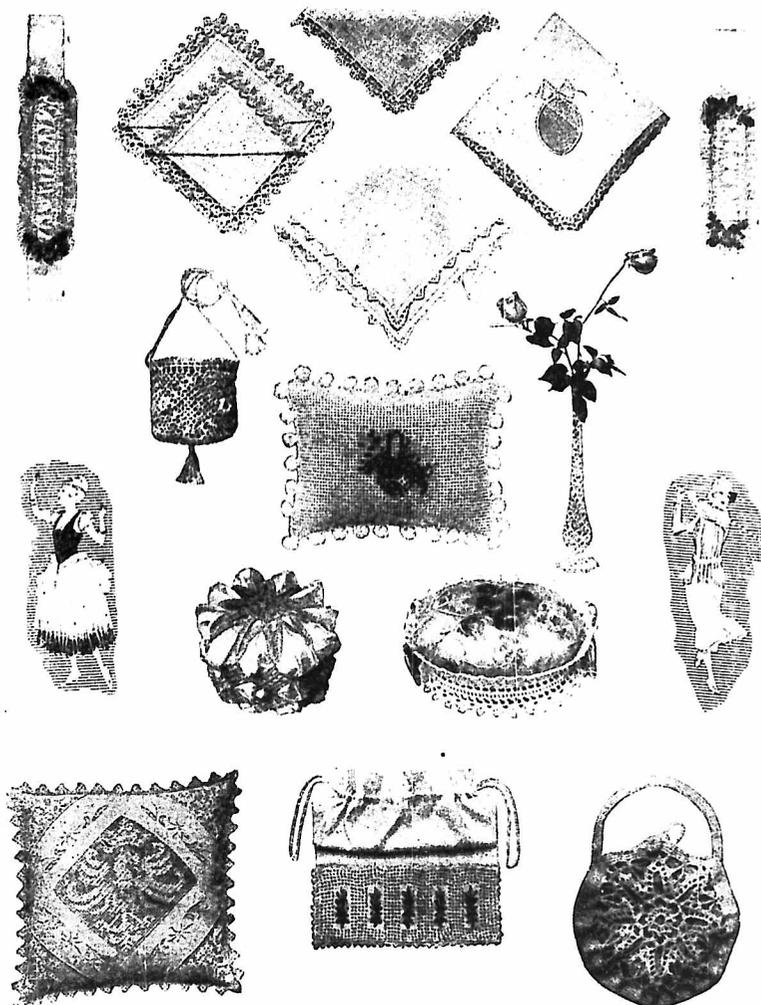
O «tailleur» vale em S. Paulo o que vale em Paris. As senhoras paulistas usam os «tailleurs» tal qual como as parizienses. São esses vestidos os verdadeiros uniformes da elegancia da senhora quando sae durante o dia, a comprar ou a passeio.

— Sim. Usam os ultimos modelôs; quer para o dia, como as grandes «toilettes». Conhecem os melhores figurinos. Em S. Paulo se distingue perfeitamente a «toilette» conveniente para a manha, para as visitas, para as grandes reuniões nas «soirées».

— Havia muito que era meu intento criar uma casa filial das «Fazendas Pretas» na capital paulista, o que só agora levei a effeito, installando-a na rua S. Bento, 35-B. Estou satisfetissimo. As senhoras paulistas com o seu critico e bom gosto, facilitam a tarefa de quem traz novidades para «toilettes». Ellas lem as chronicas. Conhecem perfeitamente a ultima exigencia da elegancia pariziense. Acredite, por isso, que nesse particular como em todo mais, S. Paulo é uma capital que honra ao nosso paiz. Lá como aqui, a nossa casa é preferida pela «elite» social.



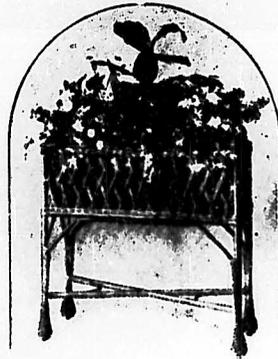
Trabalhos de senhora



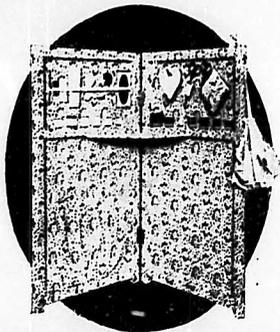
COMO ENFEITAR MINHA CASA



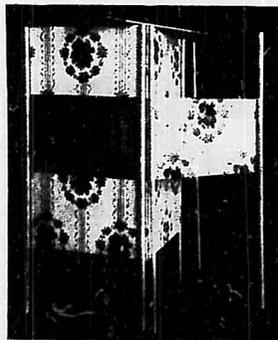
Lindo paravento
feito com uma ar-
mação de sarrafos,
cobertos de cre-
tone.



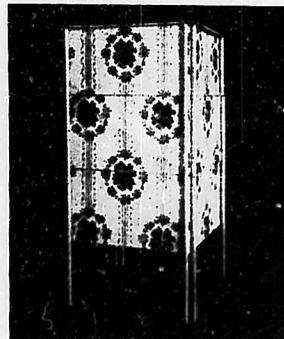
Com um tronco toco de
árvore e duas tinas de barro,
com palmeiras, faz-se um lindo
centro de esplanada.



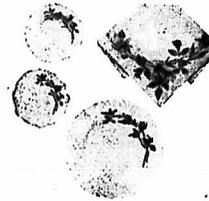
Jardineira, que pode ser
feita de palha trançada ou
com sarrafos, ou ainda com
ripas.



Um porta cha-
peus de senhora
ou guarda rou-
pa de crianças.
Sarrafos e creto-
ne. A' esquer-
da o movel fe-
chado; á direita,
o movel aberto.
Pratico e ele-
gante.



Terraços e jardins



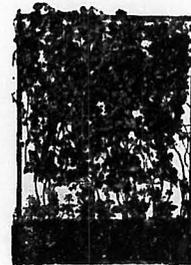
REALMENTE a última palavra em
matéria de vestidos para jardins
(podendo se utilizar de retalhos consi-
ste no emprego de riscos de cor;
as malvas em musselina crua, (usar
um chapéu que combine) e a guir-
landa de flores de cores diversas, em
fitas de cor parida. Com isto, usase
um chapéu de palha preto enfeitado
com serpis das mesmas flores que as
escolhidas para o vestido.

Os cretones d'este verão, para
almofadas são de cores vivas; quan-
to nos tapeteiros, introduziram redes
de lona listada de preto e branco,
com assento de moita, escaço dobra-
digo e saqueta.



vista. O vaso deverá ser munido de
carretinhos para poder ser facilmen-
te deslocado.

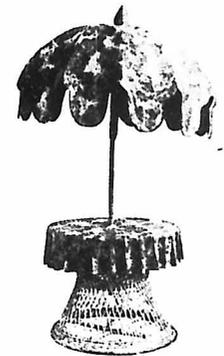
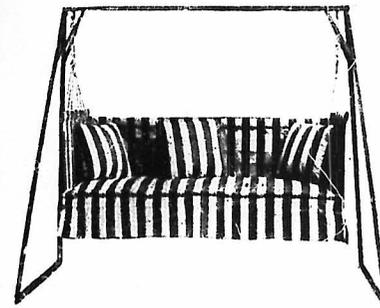
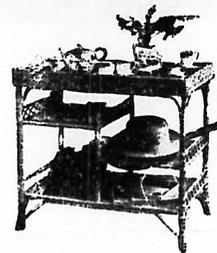
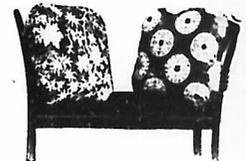
Um *luzã* no ar livre, pôde ser
servido n'uma bandeja grande com
santinhos e outros pequenos choi-
sias de frutas e bombons variados. Linho
grosso de cor natural, usase sempre
n'essa ocasião, conforme a amostra
de guardanapo, supra, que pertence
a uma linda garnição, acedida com
franja e tres séries de fios de cor
(vermelho, azul e preto) que o cor-
rem em lugar de bainha, tendo se
previamente puxado fóra os fios de
linho.



Para o terraço descoberto ou Prado do jardim uma
umbrella combinando com o panno da mesa subja-cente, adap-
ta-se admiravelmente a estação. Uma mesa commodã con-
tribue para o conforto da família: vasos de flores tração do
jardim perfumes suaves.

Para o terraço o melhor de todos os tempos é o verão.
No seu arranjo não se desprezam minúcias assim: a mesa
para chá ou lunch arranjarse-á atrahentemente usando se
papel *crêpe* e papel *maté*, com riscos de flores. A serie em
rosa, acima (na gravura) é uma das mais decorativas.

Para tapar um canto do seu terraço, uma trepadeira,
de preferença éra, conviã admiravelmente a doher a



CRIANÇAS DE S. PAULO

(Dist. Rio Grande)



Filhinho do Sur. Everette Sands
gerente da casa Dyngton & Com.



Netos do Dr. Alfredo Ellis



Filhinhas do Sur. Antonio P. d'Almeida



Filhinhas do Colchido Co.
João Pereira Buono



Exma. Esposa e Filhinhos do Dr. Alvaro
Liberato de Macedo

MADEISENE, RAYMUN-
DO E GERARD, filhi-
nhos do Sur. Ar-
mando Womms



Filho do Dr. Fran-
cisco Estevão de
Amatã



Filhinhas do Dr. Abi-
lio Martins de Castro



Filhinho do Major Ramiro de
Araujo



Netinha do Sur. Pierre Duchem



Filhinhas do Sr. Willian L...



Filhinha do Sur.
Mar' de Macedo



Filhinha do Sr. e Mrs.
TODOS



Netinhos do Dr. Moyses Dias



Filhinha do Sur. Speers,
Superintendente da Com-
panhia Inglesa



Filhinha do Dr. Vicente
Garcanglin



FERNANDA E MARIA
DA LUZ, filhinhas de
nosso illustre colabo-
rador Dr. Gomes dos
Santos



Filhinhas do Sur. Arthur Jardim



O peralta Amaury filhinho do Sur.
Gallien Couto de Magalhães



Filhinhas do Dr. Eduardo Guinle



Filhinho do D. Manoel da Costa
Aguiar



Filhinhas do Sur. Lehfeld



Filhinhas do Sur. José Ferreira
de Oliveira chefe da firma
Ferreira & Comp.



MARIA ERULIA
netinha do Dr. Rodrigues Guinle

A MODA



UMA das modas mais extravagantes é, sem dúvida, o pyjama de dormir, para senhoras.

Appareceu em Paris, ha dois annos, e' como tudo quanto é inutil e de mau gosto estendeu-se logo, atravessou o oceano, com sua larga calça, amarrada á cima e foi installar-se, muito a seu commodo, no caracteristico *boudoir* dos norte-americanos que, como o *boudoir* de nossas elegantes — é claro que não me tenho nesta conta — não passa de um *des-bordado*, onde os caixeiros-viajantes da moda franceza despejam todos os alcaides e artigos deteriorados para a hasta publica de nossa ansia de civilisação.

Estive em Paris quando se pretendeu introduzir a moda dos pyjamas para senhoras. Nos figurinos, nas caricaturas, nos theatros, appareciam as senhoras de calças larga e de pyjama, ao deitarem-se.

Lembro-me até que em uma revista de anno, na elegante e minuscula saleta dos Capucines, a lindissima Bordoni apparecia de calças e de pyjama e que o "compê-re", como marido, surgia



ULTIMO MODELO
DA
CASA LA SAISON

logo em seguida, vestido de saia e de corpinho, para dormir!...

— Já que me invades o pyjama, dizia elle, permite-me que me appose de tuas saias! — E ambos muito atrapalhados, elle com a roda da saia, ella com a calça que não se atinha, dansavam um tango.

O que se via, porém, nos theatros e nas caricaturas, nuns e noutras ficava. Não me consta, que nenhuma senhora *per bene*, como dizemos italianos, tenha adoptado a nova moda. Excepção feita, naturalmente de algumas excéntricas o de algumas escravas demasiado submissas da tyrannia, as quaes nem prestando consular, nem descrecer a virtude, porque como muito bem disse meu poeta Filii, tanto uma senhora pôde ser virtuosa de saia como de pyjama...

Aparte essas respeitáveis excepções o pyjama feminino teve a duração das rosas de Malherbe e seu minuto de reinado sempre efemero do *boudoir* das artistas em voga.

Vejo agora, porém, nas revistas *yankees* um futur

CEGA

Por
Mario Sette

NA virencia dos dezeseis annos quando os encantos da puberdade accentuavam-lhe as curvas do seio, moldando-a para o amor puro e fecundo, a penumbra traiçoeira duma cataracta annuviou de todo os seus lindos olhos pardos, muito calmos, muito severos, lembrando dois bureis castissimos de moijas.

Cega em pleno alvorecer de vida, Christina resignou-se cedo ás trevas, enquanto o rapazão que enrodiando a sua graciosidade de mulher vivia avido de merecer-lhe um sorriso ou uma promessa, dispousou ao ver-lhe os olhos apagados e as mãos alabastrinas tactearam no espaço em procura de rumo.

Só um de todos, ficou: o Jorge, e este era o menos ardente, o mais tímido, o sempre esquecido na cartilha das phrases com que ella acenava voluvemente ao sequito de admiradores.

Tornou-se então, pacientemente, o guia a conduzi-la pelos jardins, levando-a á igreja, recitando-lhe ao pé, constricto, as phrases do brevário, arrastando-a, carinhoso á tarde, pela orla do mar, fallando-lhe das jangadas que, ao longe, velejavam, tallhando a turqueza das aguas, e, depois, enchendo-lhe o regaço de conchinhas e buzios caprichosos e coloridos quando ella, fatigada, repousava um pouco no comoro da praia a afagar a areia muito loura e macia.

O oceano plangia sempre, na sua eterna orchestração, um cantico de vagas espumejantes, de marulhar gemente, aquelle idyllio extranho, pueril, purissimo, em que um olhar namorava um outro que se extinguia.

Um dia elle fallou-lhe em um remate digno para os seus affectos, e, Christina, após lembrar-lhe que seria uma cega a trazer o seu nome, e não uma esposa vivaz e captivante, Jorge assegurou-lhe, com a firmeza de seu coração, com a lealdade de seu espirito masculino, que a guiaria para sempre na existencia como até então o vinha fazendo pelas digressões piedosas á capellinha local.

Uniram-se para que podessem melhormenter-se afortunados no seu amor e eram-no em verdade, olvidados do que não fosse o seu lar, os seus carinhos, os seus beijos.

Certa vez, Jorge ajoelhando-se aos seus pés aconselhou-a a operar-se para recuperar a visão, e ella, rissonha, althou-o:

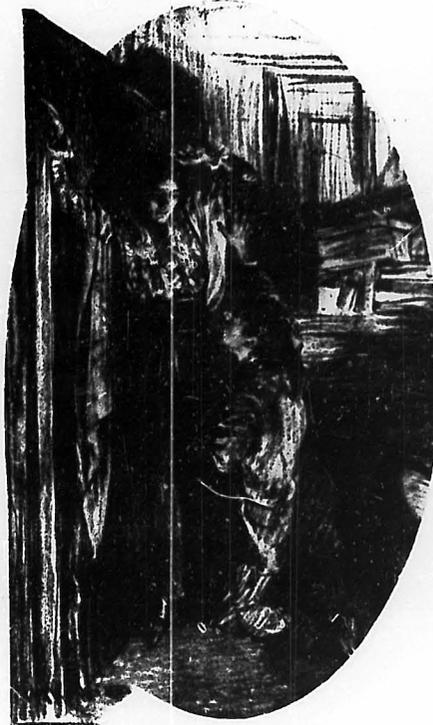
Só se fosses tu o operador...

E elle, estoicamente, valorosamente, num *tour de force* de cinco annos repartidos com inaudito esforço, entre os estudos e os seus afazeres de funcionario de Estado, fez-se brilhantemente medico...

* * *

Naquella manhã radiosa de estio, a claridade golpava-se pela sala pequenina e alva da vivenda de Jorge.

A um canto, na caminha rendilhada, dormitava ainda a Jeanny, a pequerrucha que ha quatro annos lhes engalanava o lar, e a quem, no escuro das suas retinas, Christina creára, sem conhecer-lhe os traços, sem nunca



ter tido a suprema ditosidade das mães de olhar os sorrisos divinisantes da filhinha.

Era-lhe a unica magoa na vida, a primeira tristeza que experimentara desde que possuía a dedicação nunca desfallecida do esposo e a algaravia, intantil do rebento de seus flancos.

A's vezes, no collo, Jeanny amimando-lhe o rosto com as mãosinhas gorduchas e setinosas, indagava ingenuamente:

Porque é que tu não me vês?

E de outra feita, vestindo um trajesinho novo, a pequinita, esquecida da gecueira materna, vinha enviada, perguntar-lhe:

Estou bonita, mamãe?

Rematavam chorando, enlaçadas.

Jorge, medico, ella foi a primeira a pedir-lhe a intervenção cirurgica, ansiosa então de contemplar os entes extremamente amados, e, naquella manhã radiosa de estio, dias após, o afastamento das ataractas, elle ia tentar a experiencia final, ia deixar cahir a venda negra ante a luz soberana do dia.



Todo o seu coração de esposo, todo o seu encorajamento de cientista vacillava naquella instante: -- seria o triumpho ou seria a treva para sempre?

Da alcova, elle trouxe pela mão, como de costume, a esposa idolatrada, e ali, depois de ter semicerrado as janelas em frente ao leito da pequenita que despertara e assistia, entre curiosa e admirada, a scena, poz-se a descoser vagarosamente as faixas de velludo negro que envolviam por completo os olhos da cega.

Christina sorria-se no apego da sua immensa esperanca de mãe; Jorge tremia visivelmente na sua irrepresivel commoção de medico.

Cahira porrem de toda a venda.

Na meio penumbra que se fizera no recinto, Christina revolteou o olhar ainda turvo em torno, para depois, precisando-se de todo a visão, avistar a filha de braços estendidos, em pé, na caminha, no primeiro dos sorrisos que ella colhia.

la correr a estreital-a, avida de miral-a demoradamente, mas, ao seu lado, pleno de jubilo, coroado de triumpho, estava o seu esposo, o seu

guia de tantos annos, abnegado, affectuoso, votado ao sacrificio como ao amor, e, então, enlaçando-o, beijando-o, a chorar de alegria, balbuciava:

Já, sim, em primeiro lugar, foste o anjo bom, és bem dentro de minha alma essa luz que vez de me dar de novo ás pupilas apagadas...

E, depois, já quando a claridade matinal jorrava pelos postigos franqueados, tomou a pequerrucha ao collo, bebendo-a com o olhar, acariciando-a com a intensidade amorosa de seu coração de mãe, tagarellando como si fosse ella propria a creança:

Agora sim, filhinha, verei os teus vestidos novos, irei contigo passear, ao cinema, aos jardins, á beira mar para olhar tambem os barquinhos e as ondas, apampanço conchinhas para as tuas boçecas...

Jorge, de pé, extatico, contemplava empolgado o quadro bellissimo, a apothose de sua ventura e do seu valor, galvanizado por uma corrente continua de emoção que o vinha vibrando desde a operação, até que, repressadas demais, as lagrimas forçaram-lhe os olhos e tombaram.

Porque a felicidade tambem contee a volupia do pranto, e, no tumultuar de sensações que experimentava, no contraste de sentimentos a abalarem-no, elle, agora, quando a contemplava ditosa por completo, olhos illuminados, sentia como que saudades, como que ciúmes dos annos vividos na tarefa de guia agarrando-a pelos caminhos, condazindo-a pela beira mar, paciente, resignada, confiante, toda sua, cega das pupilas e cega de paixão...



SAUDADE

Saudade! palavra suave e dura que representa a mais doce e suave sentimento de nossa vida! Tu tens a magia de manifestar intimamente as varias formas do nosso sentir!

Tu nos lembras a alegria que já gozamos, e a dor que já sofremos.

Es um traço de união entre o presente e o passado. Saudade é receber quem não te conhece, viver uma só vida!

Quando nos revives ás alegrias, ás glorias -- tu és doce; quando nos transportas ás grandes distancias -- tu és alívio, lenitivo; quando nos rememoras as feridas d'alma -- tu és balsamo, e quando te esculpem, tão singela e tão significativa, na lápida de um tumulo -- tu és um grito de dor!

Já te cantou famosamente Garret, chamando-te

... gosto amargo de infelizes

Delicioso pungir de acerbo espinho.

Oh! quanto te sentia esse grande poeta, ao desferir de sua lyra esse hymno extasiante!

Tão linda te achamos que te escondemos no fundo do nosso peito, como que fazendo parte do nosso coração.

Pronunciamos-te com um suspiro!

Desde tenra infancia te temos como companhia e, tão habituados estamos contigo, que a tua ausencia nos traria saudade de sentir saudade de ti, oh! Saudade!

CECILIA DE LYS.

CASA DOLIVAES

J. Azevedo & C., proprietários da casa Dolivaes concessionário das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federaes continuam a encarregar-se de enviar nos cambistas do interior qualquer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre á venda bilhetes das grandes loterias com grande antecedenção e attendem aos pedidos com a maxima promptidão.

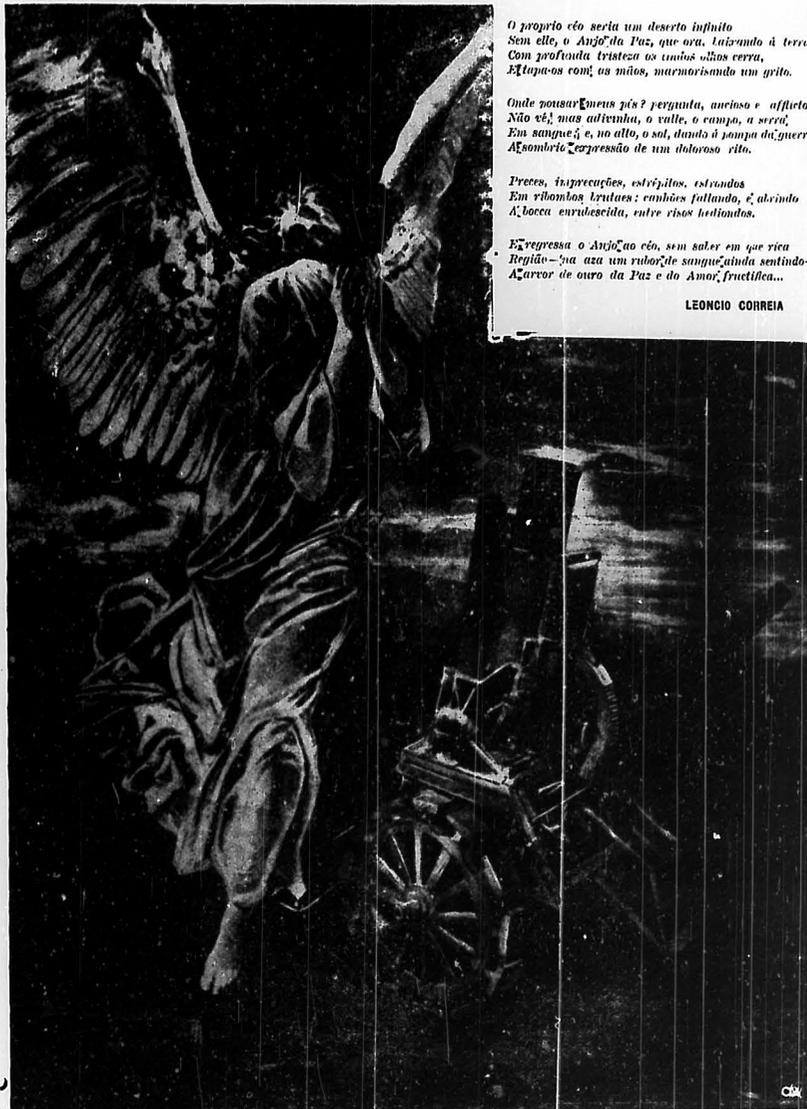
Os pedidos de fora devem ser dirigidos a

J. AZEVEDO & COMP.

10 -- rua Direita, 10 -- Caixa, 26 -- S. PAULO



O ANJO DA PAZ



O proprio céu seria um deserto infinito
Sem elle, o Anjo da Paz, que ora, latando á terra.
Com profunda tristeza os cunhos d'as cerra,
E tapa-os com os miolos, marmorisando um grito.

Onde nosuar Eneus pis? pergunta, auriso e afficto;
Não vé, mas advenha, o valle, o campo, a serro,
Em sangue é e, no alto, o sol, dando á pompa da guerra
A fôrça expresso de um dolavoso rito.

Preces, imprecações, estripilos, estrondos
Em viltambos brutas: canhões fallando, e abrindo
A bocca enrubescida, entre risos hostilidos.

Es regressa o Anjo do céu, sem saber em que rita
Região -- na aza um rubor de sangue ainda sentido --
A fôrça de ouro da Paz e do Amor, fructifica...

LEONCIO CORREIA

ROSAS

Edvard CARMILLO

Os teus lábios são uma corolla de rosa que o beijo de duas pétalas formou e as tuas mãos são também rosas de cinco pétalas...

Num sonho de amor, emballava-me a alma o teu beijo aromatlssimo e as tuas mãos, num milagre de perfume, toda a noite despetalaram rosas sobre mim.

É a minha camera pobre ficou toda cheia do noivado de uma primavera. Desde o limiar até o alto das paredes brancas, atufavam-se rosas, numa promiscuidade aromal, numa confusão colorida.

É eram pétalas brancas, alvissimas, como nevadas, como pequeninos farrapos da neblina: de pétalas rubras, tremulas, palpitantes, como que manchadas de sangue da pelle mysteriosa que espinhos feriram.

Rosas maguadas, abertas, desfallecidas, humidas, a soltar, voluptuosamente, a ultima gota de orvalho; rosas concavas, timidas, em botão, onde nunca uma aza adejou, onde nunca um insecto adormeceu.

Rosas de todos os canteiros, rosas de todos os jardins, trescalantes da essencia embriagadora de todos os jardins, murmurando o epithalamio secreto de todos os canteiros...

Rosas... Subito, um estremecimento. Um raio de sol... Fulguei o adejo lu-



minoso de um vagalume, a lampada cadente dos rosas. Acordi...

É como é forte chimera do teu amor, ó fada deslambadora! Acordado, tive a illusao de que toda a minha camera pobre, sem uma unica flor, trescalava e senti, apaixonadamente, nas minhas mãos, o perfume de rosas esmagadas...



O MENU' DE MEU MARIDO

CAMARÕES EMPANADOS

Descensem-se os camarões crus. Abrense no melo, deixam-se unidos pelas costas com o rabo. Põem-se durante uma hora com molho de limão, sal, pimenta e azeite e depois fritasse no azeite.

LINGUA

Sovasse bem a lingua e ferve-se em agua e sal, tirasse a pelle e está prompta para qualquer prato.

BATATAS COM LEITE

Cozilhame-se as batatas n'agua com sal e cortam-se em pedacinhos pequenos. Põem-se mantiga em uma frigideira e estando derretida refogasse em um pouco de cebola. Põem-se as batatas, desmanchasse uma gomma de ovo cozido, no leite, põem-se sobre as batatas e deixasse ferver até engrossar.

CASADINHAS DE CAMARÃO

Aferventam-se os camarões; faze-se um molho com limão, pimenta do reino, sal e um pouco de azeite. Deixam-se os camarões de molho durante uma hora; depois espetam-se de dois a dois em palitos, empanam-se em massa de vinho e fregem-se em azeite ou banha.

BIFE EUROPEU

Melo kilo de colchão mole (carne de vacca) passasse na machina, junta-se um pedago de pão molhado n'agua cheiros á vontade, 1 ovo luteiro, 1 colher de farinha de trigo. Frita-se, enfeitando-o com ramos de salsa para ir á mesa!

BOLO PRATA

Dois chiearas de assucar, uma mal cheia de manteiga fresca, batam-se bem até ficar como creme. Uma chieara de leite, cinco claras batidas em neve, tres chiearas mal cheias de farinha de trigo, essencia á vontade, uma chieara de coco, uma colherinha de soda, duas ditas de cremor dissolvidas, separadamente num pouquinho de agua fria. Mistura-se muito bem e vae ao forno quente em forma untada e forrada com papel.

PUDIM DE YORK

Dois ovos batidos, duas chiearas de leite, seis colheres de farinha de trigo, um pouco de pimenta do reino moída, sal. Mistura-se bem e assa-se na frigideira com o molho da carne assada.

BOLO DE NATAL

Bate-se tres claras como para suspiro e junta-se as tres gemmas; adicionam-se meia chieara de leite e uma colherinha (das de chá) de fermento inglez. Em outra vasilha bate-se tres colheres de assucar, tres de mantega derretida, depois junta-se tudo e mais tres colheres de trigo batam-se até ficar branco, cal em forma amantejada e fregem-se passas e nozinhos no forno bem quente. Deixasse esfriar para tirar-o da forma.

CRÈME Á LA REINE

Quatro gemas mexidas, um copo de leite frio, assucar a paladar, mistura-se tudo, coze-se em panela fina; junta-se raspa de limão e vae-se no banho maria em uma tigella coberta com um prato esvulfo em um guardanapo. Depois do esvulfo e frio o creme despeja-se num prato fundo e cobre-se de neve. As quatro claras são batidas com quatro colheres grandes de assucar, casquinha de limão, pouco de suspiro. Despeja-se no creme tendo o cuidado de dar uma forma alta, torcendo no cima á formar uma flor. Vae ao forno corar.

BOLO "FEMININA"

Bate-se quatro claras bem batidas e deite-se uma colher (das de chá) de canella em pó e junta-se duas colheres (das de chá) de calda de citra ou laranja, bate-se bem e põesse uma colher (das de sopa) bem cheia de manteiga, e quatro de trigo peneirado, cinco colheres de assucar, uma de fermento inglez e depois de muito bem batido até fazer bolacas, leva duas colheres (das de sobre mesa) de coque fino e torna-se a bater muito e despeja-se em forma amantejada; forno bem quente.

MOLHADOS FINOS

CASA PEREIRI COUTINHO
MARCQUES, ROSSI & COMP.

S. PAULO

CARTAS PARA A ROÇA

PELO ENSINO DOMESTICO AGRICOLA

Minha querida Dulce:

Beijo ainda com indelzível prazer, os ultimos periodos de tua mimosa cartinha bafejada desse aroma *sui generis* que te rodeia ahi no Engenho, onde placidamente repousas, no seio da familia, o teu espirito de moça estudiosa, — cansada do bulicio da cidade e das fadigas dos exames.

Da minha secretaria, d'onde te escrevo, na direccão de nossa terra, a janella descerrada deixa ver desanuviado um pedaço de ceu azul.

Imagino-te então nessa *Jussara*, que dizes aridamente tediosa, despreocupada inteiramente da natureza opulenta e vivificadora que te cerca, com a attenção presa e somente presa aqui na cidade, onde pelo que deixam transparecer as tuas phrases polidas, deixaste alguma cousa de ti mesma, algum pedaço d'alma, um retalho do teu coração...

As duas cousas juntas talvez. Assim é que posso comprehender o tedio que se apodera de ti, quando o encanto da paisagem, que ahi "se vê e não se descreve" não basta para te prender.

Ao contrario, minha Dulce, quando eu desejará, na tua amavel companhia, gozar as delicias desse refumado recanto de Timbaúba onde te encontras em contacto dessa natureza regeneradora e boa, bem longe do borborinho da cidade em que vives!

Ah! minha amiga! Bemdicta seja a roça onde se não passou ainda a concepção artistica do engenheiro formando "ruas e praças com a rectidão geometrica dos quadrilateros" mas tambem onde não se sente tão intensamente o desejo "de abarcar a vida" na desharmonia que a desigualdade tece...

Pelo que me dizes em tua carta, vejo que, longe do prazer e do entusiasmo ante essas campinas ferteis — berço teu e reliquia dos nossos an-

(PARA A REVISTA FEMININA)

tepassados — sentes como que um grande desapontamento.

O Engenho não te offerece mais, os prazeres d'outra ora, dos bons tempos infantis, povoados das mais fagueiras esperanças. Não! E sabes porque minha querida amiga?

Perdôa ainda uma vez a minha rude fraqueza, atavica e caracteristica dos nossos roceiros. E' porque o amor que tinhas a nossa *Jussara*, que devia ser para nós, sempre um pedaço de nossa alma, feneceu ainda em embryão.

Quando d'ahi vieste para a cidade, para as quatro paredes de um collegio pobre de ar e de luz, encetar o curso que agora terminaste, n'uma visita que te fiz no velho casarão da Soledade onde estavas internada, eu me sentia bem quando me fallavas com ardor, da vida do campo, que tu dizias encantadora, da tua terra querida, dos teus cafesões em flor...

Quatro annos passados e tu esqueces tudo ou melhor, o collegio tudo te fez esquecer.

E' quando eu affirmo, que o ensino da mulher ministrado entre nós é falho e deficiente.

Falta-lhe o essencial, o alvo a que se destina a mulher ou melhor ao que se devia destinar. N'um paiz como o Brasil, cujo progresso depende unicamente da cultura dos seus terrenos uberrimos e das suas industrias conexas, n'um paiz como o nosso em que a mulher muito pôde contribuir para o seu engrandecimento, não deve a sua instrução ser moldada nos programmas actuaes.

Educa-se, minha Dulce, a mulher essencialmente para a atmospheria dos salões. D'ahi o abandono dos

campos que serão eternamente deshabitados enquanto a mulher brasileira não comprehender a necessidade do seu povoamento e do seu amanho.

Não posso perfilhar tuas ideias nesse particular; amo o campo cada vez mais, e alimento a doce esperanza de ver um dia, os nossos roceiros instruidos, nessas terras habitadas e com cultivo racional, as industrias agricolas desenvolvidas e que a mulher possa ser um factor dessa evolução.

Infelizmente, minha amiga, não chegará esse dia venturoso enquanto o ensino da mulher fór ministrado de modo tão deficiente.

Falta na educação o estímulo do amor aos campos, falta a jardinagem, a direcção e economia das fazendas, a assistencia aos doentes, o estudo das multiplas industrias em que poderia ser aproveitada a actividade da mulher, como acontece em muitos paizes, numa palavra, falta o ensino domestico agricola que faz da mulher a dona de casa por excellencia.

E' como se educassemos na Siberia... para a vida do Hindostão.

Não ha exaggero de comparativo. Dous dedos de musica, futeis trabalhos de agulha em maioria inapplicaveis as necessidades domesticas, rudimentos de portuguez, uma mal feita salada de linguas e Arithmetica, eis minha Dulce, o contingente que leva a mulher para a vida pratica...

O essencial, já se sabe, é a *taillette*, para a continua exposição das avenidas. Não quero externar-me em outras considerações nesta carta.

Pelo correio de hoje receberás um livro da eximia escriptora Julia Lopes.

E' o meu presente de Natal. Que ella faça minha amiga renascer em ti, todo o amor ao campo, onde está a prosperidade do Brasil.

Por hoje abraça o teu

LUIZ DE FRANÇA ARAUJO PEREIRA.
Agronomo e professor da Escola de Agronomia do Estado — Pernambuco.

Artigos Photographicos
«CASA HELIO»

Secção especial para Amadores. Revelação de chapas film, e copias em qualquer qualidade de papel. R. da Quitanda, 14 — Caixa Postal 1293 — Telephone 1404 — S. Paulo

PARA UMA SENHORA GANHAR DINHEIRO EM CASA



Fig. 1 — Coloca-se a caixa sobre uma folha de papel phantasia, que se compra em qualquer casa de papéis pintados.



Fig. 2 — Dobra-se o papel nas margens e corta-se aos cantos.

de nosso fornecedor, que quasi sempre é o «armazem da esquina» ou por intermedio de um menino, que vac de casa em casa.

O doce custa pouco, quando feito em casa. As caixinhas custam mais caro que o doce. Éis a razão pela qual achamos util ensinar nossas leitoras a fazer as caixinhas.

Como material caixas velhas de papelão que se pedem nas lojas ou que se compram muito barato, quando se trata de cai-

PRENDAS DOMESTICAS

Uma linda e rendosa occupação é fazer artisticas caixinhas, como as que vêm do Estrangeiro, para vendel-as aos fabricantes de *boubons*, ou ainda para enche-l-as de doces feitos em casa, tijolinhos de marmelada, de goiabada, de doce de araçá, etc. e fazel-as vender por intermedio



Fig. 3 — Vira-se cada um dos quatro pedaços, alisa-se e ajusta-se.



Fig. 4 — Deve-se deixar uma margem de 1/2 pollegada, para ser voltada para dentro.



Fig. 5 — Uma folha de papel branco, bordado, é insinuada por baixo da tira e servirá para cobrir os doces.



Fig. 6 — Feita a caixinha e cheia de doces, completa-se com uma fita.

vas de papelão commum, sem fôrro. Além das caixas ha a comprar, apenas algumas folhas de papel phantasia, que se encontram em qualquer casa de papel pintado para parede.

Com a variedade de doces que possuímos o arranjo interno dos tijolinhos pôde ser muito artistico, variando as cores, o verde da goiabada, o amarello da marmelada, o verde do araçá, etc. com os quaes se pôde formar um lindo mosaico.

AGUA DE COLONIA DIVINA
É A MELHOR, aroma magnifico

DEPOSITARIOS:
CASA LEBRE

RUA DIREITA, N. 2
— SÃO PAULO —

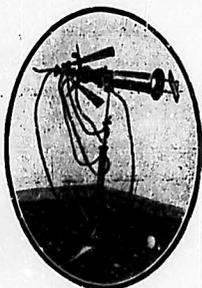


Este aparelho sendo também o único em todo o Brasil, achou-se instalado no gabinete do Dr. Chaves, por meio de sua, e faz qualquer trabalho sem a mínima dor.

A Beleza dos dentes



VISTA DOS MODERNÍSSIMOS APARELHOS ELECTRICOS DE UM DOS GABINETES



Este aparelho por meio de reflexões é destinado a tornar claros os dentes escuros e a dar-lhes a cor e o brilho naturais. De género é o único no Brasil.



N. 1

A bocca com tres raios para receber um Bridge inteiro e fixo sem chapa.



N. 2

Este é o Bridge prompto para adaptar-se ao clichê N. 1.



N. 3

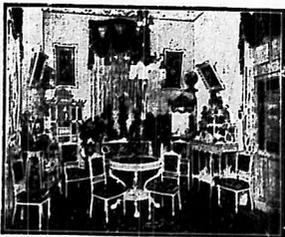
O Bridge collocado e prompto, trabalho perfeíssimo imitando o natural.

ENTRE os ornamentos naturais da beleza feminina occupa lugar de destaque a belleza dos dentes, que se podem comparar, quando perfectos, cuidados e polidos, a um fio de pedras ao esculpto contorno dos labios.

Não são poucas as oportunidades as multiplos causas que temos recebido de dentistas, alguns praticando conselhos sobre a conservação dos dentes e indicação sobre os profissionais a quem devem recorrer. E, effectivamente, de diversos praticantes não saem a parte de seus dentes, ao acaso dos amuletos populares e dos charlatões de todo o genero, com que seus sempre condiz a perfeição dentaria dos amuletos. O dente ama res, perdido por que não tem cuidado, é uma riqueza que nunca mais se recupera. E, a parte de todos os progressos da hygiene, e a parte de um dente natural em sua boca oculta a verdadeira de repulção.

Recomendamos pois, ás nossas leitoras, e com perfeita realimentação de causa o gabinete dentario do Dr. Chaves, por cujas gravuras que a esta unida acompanhamos é o mais luxuoso e o mais completo que existe nesta Capital, fazendo honra aos altos factos de nossa civilização. Por ser na actualidade o gabinete dentario da America do Sul, possue todos os modernos e não tem substituição de aparelhos servidos pela profecia respaldada e notoria do Dr. Chaves, que já tem sido premiados em diversos exposições e, que tem por attenção a perfeição, a exactidão de tanto quanto, da nossa sociedade. Da vista que fizemos no gabinete do Dr. Chaves e do exame que fizemos dos trabalhos attentivos de trabalho que ali se tem effectuando, podemos concluir a valor, realmente notavel de tão distincto profissional. O gabinete está situado á rua da Boa Vista, 30 esquina da rua do Rosário, 109, 111, e recomendamos ás nossas leitoras que o visitem e que continuem os seus trabalhos.

N. B. A especialidade dos Drs. Chaves é o trabalho de Bridge-work, conforme demonstram os clichês ns. 1-2 e 3.



TRECHO DO SALÃO DE ESPERA



TRECHO DE UM DOS GABINETES DENTARIOS

A MULHER PERNAMBUCANA NA HISTORIA PATRIA

PARA A REVISTA FEMININA

FOLHEANDO a vasta e gloriosa historia da Patria querida, encontram-se dois nucleos, que serviram de pontos principais de partida, d'onde irradiou a civilização para mor parte dos nossos Brasis.

Não precisamos declinar nomes: comprehendem-se que nos referimos ao Pernambuco, em o Norte e a S. Paulo, no Sul.

E' conhecida bastante a historia dessa gloriosa capitania sulista, d'onde partiram outr'ora, os numerosos bandeirantes, que exploraram tão amplamente os nossos sertões desconhecidos e incultos e que, posteriormente e até os nossos dias se tem desenvolvido cada vez mais e tão assombrosamente, que occupa, sem contestação, um lugar de destaque na federação brasileira, oferecendo, assim, aos demais Estados seus irmãos, de a região amazônica até a região platina, um exemplo vivo, digno de louvor e imitação.

Na historia do Norte, destaca-se Pernambuco. Pode-se afirmar que o leão das armas do egregio Duarte Coelho e a aguia do valoroso D. João de Souza, passando, por assim dizer, de braços de familia, de braços de governo, para servir de expoente indicativo da cidade e da capitania, sintetizam a força material e a força intellectual, apanagem do Leão do Norte e da Aguia do Atlantico.

O continente americano parece que, sequito da luz, que irradiaria primeiro da civilização do antigo Oriente, não se conteve nos limites que lhe foram traçados no planeta, quiz, em seculos que se perdem na obscuridade dos tempos, espratar-se para além, em procura da Aurora, e conseguiu, por ingente esforço e permissão do Eterno Geometra, avançar alguma cousa pelo salsó elemento.

Foi na região meridional da terra que devia ser de Colombo que isso succedeu, e uma parte desta consanguini ser banhada pelos raios luminosos do Astro-rei, antes que as suas dilectas irmãs, e esse magno acontecimento, fez com que a região beneficiada, a região por excellencia oriental do Novo-Mundo, onde pontificam Maria de Souza que perdeu em com-O assumpto só pôde, portanto, ser encarado nas suas linhas geraes. Quem se referir a restauração da capitania não poderá esquecer o patriotismo da respeitavel matrona D. Olinda e Recife, se considerasse na obrigação de depositaria e transmissora da grande idéas e das grandes

conquistas do entendimento humano, da Ponte de Pedras ao Javary e do Oyapós ao Chuy.

Quão rico de tradições é esse pedaço de terra abençoada, a quem o Brasil deve a sua unidade conseguintemente a sua grandeza, conquistada a força dos mais ingentes esforços do Leão pernambucano contra o Leão neerlandez.

Mas, deixemos, por momentos, os seus heros, para contemplarmos as suas heroínas, que de modo algum, ficaram em plano inferior áquelle conquistado pelos grandes homens, a quem a Patria ainda hoje presta o culto do seu reconhecimento.

A mulher é sempre mais poderosa do que o homem, pelos seus atrativos e pela sua graça. Mas, as nossas heroínas não ficaram ahí; mostraram-se verdadeiramente mulheres fortes.

Ha epochas, ha factos na historia de um povo que assignalam o seu caracter, o seu valor; não nos estreitos limites do tempo e do lugar, mas, além, muito além, de idade em idade, de região em região, até mesmo na comunhão internacional. Os feitos gloriosos perpetuam no tempo e persistem através dos povos, por mais diferentes que sejam as suas origens, as suas tradições e as peripécias das suas accidentadas vidas.

Em quatro acontecimentos notáveis e de interesse geral tem-se celebrizado a mulher pernambucana: na restauração da capitania do dominio hollandez, nas primeiras idéas de independencia e constituição de nossa nacionalidade, na abolição da escravidão, e na defesa de seus sentimentos eminentemente religiosos.

A natureza do presente trabalho não comporta uma resenha biographica das principaes heroínas pernambucanas, nem a enumeração dos seus mais notaveis feitos: ficaria demasiado extenso.

Quando se referir a restauração da capitania não poderá esquecer o patriotismo da respeitavel matrona D. Olinda e Recife, se considerasse na obrigação de depositaria e transmissora da grande idéas e das grandes conquistas do entendimento humano, da Ponte de Pedras ao Javary e do Oyapós ao Chuy.

J. N. Fonseca de Oliveira,
(do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.)

GENEALOGIA PAULISTANA:

Do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, com a descripção das principaes familias de S. Paulo. A venda á Rua da Liberdade, 47.

CARTAS A ESTHER

Querida Esther

Grata pela doce e amável cartinha que me enviaste, peço-te relevar-me a falta de t'a retribuir com tão enfiadonhas, quão amargos considerações.

Não obstante, o meu habito de recalar no imo d'alma, os amargores que d'ella transbordam, hoje ouso derramar-os nestas insulsas tiras fatigantes e enviart'os.

Que, ao menos, elles sejam para tua alma a penitencia imposta, rigorosamente embora, á culpa de não avaliares com devida justiça, da magnanimidade da sorte para contigo.

Impedida de satisfazer um simples capricho — futil talvez — julgaste a mais infeliz das creaturas e dizes-me: «desejaria ser como tu: — só, independente sem peias, fazendo tudo quanto quer».

Sí — não calcules o triste significando que esta minuscula palavra exprime, no cenario da minha vida, Minuscula — ella traduz, contudo, immenso deserto maninho na existencia, sem o refugio sequer, de um pequenino oasis.

Independente — «automato, vassalla dos preconceitos sociaes, escrava do dever», o que, aliás, é nobre escravidão.

Mas, acaso, não é mais nobre o teu grilhoão? Es escrava do doce dever sublimado que te liga ao esposo adorado e aos filhinhos queridos. Eu, sou, por assim dizer — escrava mercenaria do dever.

A tua grilheta, de precioso metal purificado no cadinho do coração, tem, na inquebrantavel cadeia, os acrysolados elos do instincto, do affecto, do sentimento ineffavel.

A minha, laborada na forja d' razão, agrilhoou-se, emtanto, ao debil tronco encoimado das convenções sociaes.

Como te compensam teus senhores? Com o apego, com o carinho, com o ideal da vida — o amor.

E a mim, como compensam a inquitissima servidão espinhosa?

Com a soldada, com o meio de vegetar, por bem dizer, neste vasto ermo da vida.

Qual a mais bem remunerada? Não m'o dirás?

Que nunca mais, querida Esther, te passe pela mente, ventura em quem, só, vegeta, em quem, só, transitou por este mundo vão.

Dizes que faço tudo que quero, que almejo. Clamorosa inverdade!

E que papel representam as arraigadas convenções sociaes, os preconceitos fatuos e a maledicencia, na vida de uma mulher que tem a felicidade de viver só?

Ella precisa estudar como viver, e, mesmo assim, raras vezes se furta ao olhar strabico e a lingua viperina da intrujice e da calunnia. Como desejaria como tu, expandir o affecto que me enche o coração, como o fuzil outr'ora, quando era ditosa, sem, contudo, ser independente.

Digo-te, talvez um paradoxo, mas as severo-te que os mais pesados e insuperáveis grilhões são os que nos proporcioenam o exilio da plena independencia. Que é ser independente no ermo, na solidão?

E' ter azas e não poder voar. E' não ter peias e estar inhibido de ser moel E' a triste irrisão proferida na palavra «voa!» á ave que se atira ao vacuo. E' sopitar n'alma os mais ternos sentimentos.

E' ser debil plantula em immenso areal, longe de um arroyo que amenise, distante da fresca aragem, longe dos osculos dos insectos e passaros canoros. E' viver numa solidão immensuravel!

Quão doces os laços que nos prendem aos meigos sorrisos, aos ternos carinhos de uma mãe adorada, de um esposo querido, de um filho idolatrado! Triste de quem não tem, a prendel-o ao mundo, nenhum d'esses fortes liames sublimes, porque não é mais nem menos que um des-terrado do mundo, no proprio mundo. E, triste exilado!

Condemnado a pouco laborar com o coração, trabalha demasiado com o espirito e, este, aperfeiçoando-se, passa a divagar, a divisar por entre as espessas nuvens do presente, os tenebrosos bulhões do futuro.

Assim eu, quando busco prescrutar o porvir, não imaginas o que de tetrico nella se me antolla.

Vejo-me, valetudinaria, só, no catre de um hospital.

Basta que medites nisto para reconsiderares no topico da carta que me levon a transvasar d'alma, para aqui todo esse amargor.

Quantas e quantas vezes só, na insipidez monotonica do ambiente que me cerca, a mim mesma inquirio: «Qual o objectivo de minha vida? Para que lucto eu?»

Para manter, tão sómente, no saforo terreno d'este mundo a vida vegetativa da materia que: em breve se decahirá, obtando-me a que lhe possa valer.

E que será então de minha independencia?

Chorará e perecerá, talvez antes de mim.

Emquanto que tu, vives para teus filhinhos pedações de tua alma, tuas meigas esperanças no futuro e teu amparo na ve-hice.

Qual meu ideal? Em que se satisfaz minha alma? Em um ideal retrospectivo: em rever o passado feliz. Em adormecer na saudade, nas temendo sempre o futuro.

Mas, agora reparo, esta já vacu longa além de enfadonha.

Termino-a, pois anhelando que tuas doces esperanças se realizem e que o teu futuro e o de teus filhinhos sejam os mais risonhos possiveis.

Tua amiga que te beija com affecto,

Lucia



O primeiro jornal de senhoras

No ultimo numero de sua apreciada Revista, D. Clara de Miranda Ky, de Ouro-Preto, reivindicou para sua Cidade e seu Estado, a gloria de ter produzido a primeira autora dramatica nacional, D. Beatriz de Assis Brandão, que viveu em 1779 e que dotou a nossa scena com tres dramas originaes e algumas traducções, representadas com grande successo.

Seja-me permitido reivindicar para o meu Estado a gloria de ter sido o berço da primeira jornalista feminina que teve o Brasil. Não é uma questão de bairro, aliás injustificavel, já que a Bahia tem sido o ninho de grandes aguias, mas apenas o desejo de concorrer para a historia do feminismo no Brazil.

Em 1817-1875, viveu na Bahia, D. Violante Atabalipa Ximenes de Rivar, espirito formosissimo, que soube escapar a acanhada comprehensão philosophica de sua epoca, que era de obscurantismo. Como faz hoje a illustre directora da Revista Feminina, D. Virgínia de Souza Salles, sonou ella com a intensificação da cultura feminina e, sob o titulo O JORNAL das SENHORAS, publicou nesta Cidade da Bahia, o primeiro orgão de imprensa feminina, no Brasil.

A sua duração foi efemera, mas ainda se devem encontrar em algumas bibliothecas, exemplares do Jornal das Senhoras, cuja elevação de vista e a imprensa masculina de então, não cessava de elogiar. Além de jornalista foi D. Violante autora dramatica de merecimento, tendo traduzido do italiano, a comedia de Goldoni, Pamela solteira e Pamela casada; e do francez, o Chaille de cachemira, de A. Dumas.

Quando alguém se lembrar do organizar a historia da evolução do espirito feminino brasileiro o nome daquella distincta bahiana não poderá ser esquecido.

Bahia, 15 novembro 1916

Jeanne de Moraes Telles

OS MESTRES DA LINGUA

VIVIA aqui ha coisa de cincoenta para sessenta annos, n'esta boa terra de Portugal, um figurão exquisitissimo que tinha inquestionavelmente o instincto de descobrir assumptos dramaticos nacionaes — ainda, ás vezes, a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar, não sem merito, as figuras: mas ao pô-las em acción, ao coloril-as, ao fazel-as falar... boas noites! Era semsaboria irremediavel.

Deixou uma collecção immensa de peças de theatro que ninguém conhece, ou quasi ninguém, e que nenhuma soffreria, talvez, representação; mas rara é a que não poderia ser arranjada e appropriada á scena. Que mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas coisas se não podem extrahir dos treze volumes e grandes — do theatro de Ennio Manuel de Figueiredo! Algumas d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um estylo mais animado, fariam comedias excellentes.

Estão-me a lembrar estas: O Casamento da cadêa —, ou talvez se chame outra coisa, mas o assumpto é este; comedia cujos caracteres são habilmente esboçados; funde-se naquella nossa antiga lei que fazia casar da prisão os que assim se suppunha poderem reparar certos danos de reputação feminina.

O fidalgo de sua casa —, satira mui graciosa de um tão commum ridiculo nosso.

As duas educações —, bello quadro de costumes; são dois rapazes, ambos estrangeiramente educados, um francez, outro inglez, nenhum portuguez. E' eminentemente comico, frisanse, ou, segundo agora se diz á moda, «palpitante de actualidade».

O Gioso —, comedia já remoeçada da antiga comedia de Ferreira e que em si tem os germens todos da rica e original composição.

O Avaro dissipador —, cujo só titulo mostra o ingenho e invenção de quem tal assumpto concebeu: assumpto ainda não tratado por nenhum de tantos escriptores dramaticos de nação alguma e que é todavia um vulgar ridiculo, todos os dias encontrado no mundo.

São muito mais, não fica n'estas, as composições do ferillissimo escriptor, que, passadas pelo crivo de melhor gosto, e animadas sobretudo no estylo, fariam um razoavel repertorio para acudir á mingua dos nossos theatros.

Uma das mais semsaboras porém, e que vulgarmente se haverá talvez pela mais semsabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e sympathica de seu tom ma-

guado e melancolicamente chôcho, é a que tem por titulo Poeta em annos de prosa...

E foi por esta, foi por amor d'esta que me eu deixei decahir na digressão dramatico litteraria do principio d'este capitulo; pegou-se-me á penna porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capitulo não sahia, ou ella havia de sahir primeiro.

Poeta em annos de prosa —! Oh, Figueiredo, Figueiredo, que grande homem não foste tu, pois imaginaste esse titulo que só elle em si é um volume! Ha livros, e conheço muitos, que não deviam ter titulo, nem o titulo é nada n'elles.

Faça o favor de me dizer o de que serve, o que significa o Judeu errante posto no frontispicio d'esse interminavel e mercatorio romance que ahi anda pelo mundo, mais errante, mais sem fim, mais immorredouro que o seu prototypo?

E ha titulos tambem que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possivel escrever que os desempregados como elles merecem. Poeta em annos de prosa é um d'esses.

Eu não leio nenhuma das raras coisas que hoje se escrevem verdadeiramente bellas, isto é, simples, verdadeiras, e por consequencia sublimes, que não exclame com sincero pesadume cá de dentro: Poeta em annos de prosa! Pois este é seculo para poetas? ou temos nós poetas para este seculo?... Temos sim, eu conheço tres: Bonaparte, Sylvio-Pélico e o barão Rothschild.

O primeiro fez a sua Iliada com a espada, o segundo com a paciencia, o ultimo com o dinheiro.

São os tres agentes, as tres unidades, as tres divindades da epoca. Ou cortar com Bonaparte, ou ter paciencia, com Sylvio-Pélico.

Todo o que fizer d'outra poesia — e d'outra prosa tambem — é todo... Vieram-me estas mui judiciosas reflexões, a proposito do capitulo antecedente d'esta minha obra prima; e lancei-as aqui para instrução e edificação do leitor benevolo.

Acabei com ellas quando chegamos á ponte da Assêca.

Esquecia-me dizer que d'aquelles tres grandes poetas só um está traduzido em portuguez — o Rothschild;

não é litteral a traducção, agallegou-se, ficou muito suja de erros de imprensa, mas como não ha outra... Ora d'onde veio este nome de Assêca? Algures d'aqui perto deve haver sitio, logar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e d'ahi talvez o admiravel rifaço portuguez que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que de certo encerra algum grande dictame

de moral primitiva: andou Secca (Assêca?) e Meca e Olivães de Santarem. — Os taes oitvaes ficam logo adiante. E' uma etymologia como qualquer outra.

A ponte da Assêca corta uma varzea immensa que hade ser um vasto paul de inverno; ainda agora está a desangrar-se em agua por toda a parte.

E' notavel na historia moderna este sitio. Aqui n'um recontro com os nossos foi Junot gravemente ferido, na cara. *Il ne sera plus beau garçon*, disse o parlamentar francez que veio, depois da acção, tratar, creio eu, de troca de prisioneiros ou coisa semelhante. Mas enganou-se o parlamentar; Junot ainda ficou muito guapo e gentil homem depois d'isso.

Tenho pena de nunca ter visto o Junot nem o Maneta, as duas primeiras notabilidades que ouvi acclamar como taes e cujos nomes conheci... Engano-me: conheci primeiro o nome de Bonaparte. E lembra-me muito bem que nunca me persuadi que elle fosse o monstro disforme e horroroso que nos pintavam frades e velhas n'aquelle tempo. Imaginei sempre que para excitar tantos odios e malquerença era necessario que fosse um grande homem.

Desde pequeno que fui jacobino; já se vê, e de pequeno me custou caro. Levei bons puchões de orelhas de meu pae por comprar na feira de San'Lazaro no Porto, em vez de galfinhas e registos de santos ou de outros bugigangas que os rapazes compravam... não imaginam o quê... um retrato de Bonaparte.

Foi inguico, diria uma senhora de meu conhecimento que acredita n'elles: foi inguico que se não desfez e que toda a vida me tem perseguido.

Quem me diria, quando, por esse primeiro peccado politico da minha infancia, por esse primeiro tratamento duro e — perdô-me — a respeitada memoria de meu santo pae — injustissimo, que me trouxe o mero instincto das idéas liberas, que me diria que toda a vida, que apenas sahido da puberdade havia de ir a essa mesma França, a patria d'esses homens e d'essas idéas com que a minha natureza sympathizava sem saber nature, buscar asylo e guarida?

Não vi quasi nenhum d'aquelles que tanto desejaria conhecer: as ruinas do grande Imperio estavam dispersas; os seus generaes mortos, desterrados, ou travajam interesses e cobardes as libras do vencedor...

De todas as grandes figuras d'essa epoca, a que melhor conheci e tratei foi uma senhora, typo de graça, de amabilidade e de talento. Pouco foi

D. J. MARTINS & COMP.

ENGENHEIROS ELECTRICISTAS

ELETRIC-TECHNICAL PAULISTA. Importação de materias electricas para forca e luz. Installações electricas domesticas e industriaes. Tel. 2953 Rua do Cardeal, 1020 — Endereço Telegraphico ELECTRO Diretta, 70 S. PAULO

Associação Paulista de

* Sports Athleticos *

FOOT-BALL

O ultimo domingo do mez de outubro foi um verdadeiro dia sportivo. Primeiramente, tivemos a recepção dos irmãos Prates, que acabam de chegar da sua arrojada excursão fluvial a Buenos Ayres. Esta festa foi patrocinada pela A. dos Circulistas Sportivos e demais sociedades de desportos da nossa Capital. O local escolhido para a realização do programma em honra dos nossos Bandeirantes foi o Club Regatas Tietê. Foi uma encantadora festa. No campo do Palmeiras, às mesmas horas que se realizava a festa nautica do Tietê, dava-se inicio do match de foot-ball entre as "equipas" do A. A. Makenzie e Ypiranga. O jogo foi cheio de peripetias. Quem diria que assistiríamos oito goals, feitos pelos dois "teams", que se comparam? O torneio principal foi o melhor auspicio para o Makenzie e quasi que se poderia dizer que a "Deusa da Victoria" não desampararia o sympathetic team da rua Maria Antônia. Mas infelizmente não foi assim! porque mais força do que ella tinha o *Juiz* que serviu nessa pugna. O *Juiz* escolheu o Ypiranga. Mas infelizmente não foi assim! porque mais força do que ella tinha o *Juiz* que serviu nessa pugna. O *Juiz* escolheu o Ypiranga. Mas infelizmente não foi assim! porque mais força do que ella tinha o *Juiz* que serviu nessa pugna.

Para terminar tão festivo domingo, os Circulistas Sportivos de S. Paulo inauguraram a sua modesta, mas elegante sede, no Palacete Michel. A Associação dos C. Sportivos está confortavelmente instalada, apresentando um aspecto encantador e cheio de bom gosto. Ao acto inaugural compareceram avultado numero de pessoas. O sr. Oival Costa sympatico Presidente da A. C. S., declarou inaugurada a sede social e deu a palavra ao sr. Armando Mondago, que saudou os diversos Clubs de sport, que concorreram para a realisação tão desejada como era a criação d'essa sede. Também, saudou effusivamente os irmãos Prates. Falou, depois, o sr. Laraya Filho, dando as boas vindas aos mesmos senhores, os quaes agradeceram as homenagens recebidas por intermedio do dr. Xisto Nogueira. Falou, por fim, o sr. Oival Costa, saudando o Jockey Club paulistano e os criadores paulistas, alli presentes. O distincto guitarrista portuguez, sr. Salgado do Carmo, acompanhado do violão pelo sr. Armando Duque, proporcionou aos innumeros convites alguns excellentes numeros de musica. Os convidados ashiram bem impressionados e gratos pela maneira captaivante, com que foram tratados. A A. C. ofereceu nos seus convidados uma taça de champagne, e assim terminou tão deliciosa festa, que ficará, por muito tempo grada em nossos corações.

DIA 1.º DE NOVEMBRO

PAULISTA VERSUS PALMEIRAS

Encontraram-se pela segunda vez neste anno, em "retroscena", o sempre glorioso Paulistano e o laureado Palmeiras. As archibancadas do campo official da Associação já muito antes se lembravam de afeccionados do bello sport bretão. Os torcedores de ambos os partidos estavam inquietos e ao mesmo tempo curiosos para ver qual *Juiz* escolhido, sr. Lagreea, do "S. Bento", d'esse signal de inicio para o match. As 4 horas ouviu-se o trinar do apito chamando á postura os jogadores. O valente Paulistano

começou logo atacando impetuosamente o goal de Baudon, que, si não fosse o seu seu contendor teria marcado dois pontos. O team alivo e rubro sempre atacando sem dar tregua ao adversario, logo promovendo cada vez mais até obrigá-lo a ceder terreno e considerá-lo irremediavelmente vencido. Os torcedores do Paulistano estavam cada vez mais radiantes com o desenvolvimento do jogo, que logo se viu que o vencedor do *Juiz* seria o seu tão sympathetic Club. Como de facto a victoria foi de tres a um.

DIA 6.

Este dia foi cheio de peripetias para aquellos que admiram as luctas do tão salutar sport. Aqui em S. Paulo havia duas grandes pugnas: uma patrocinada pela Liga Paulista entre os dois rivales, Americano e Cerinthias, e outra, da Associação entre o Makenzie e o Palestra. Em Santos houve o "retroscena" entre o Palmeiras e o Santos F. C. O jogo desenvolvido pelas duas equipas no Parque Antarctica foi bom e houve lances magnificos, principalmente por parte do Itago, o admiravel e sempre feliz defensor do goal do Americano. Apesar d'isso, os Cerinthias conseguiram a victoria contra seu antagonista, por um score de um a zero. Passemos a falar o que foi o jogo do Palestra o Makenzie. Este match foi um verdadeiro promovido pelo Comtee Feminino Pro-Patria. As archibancadas estavam repletas e demais dependencias da Floresta do que havia de muita fôrça. Os dois jogadores entraram em campo com a maxima vontade de ganhar, não só pelo facto de ser um match de campeonato, como, tambem, porque se disputaria uma rica taça de onze medalhas de ouro. Até o final do primeiro tempo parecia que o vencedor seria o Palestra, que conseguiu marcar o primeiro ponto. No segundo tempo os Makenzistas tomaram brío e começaram a atacar com vontade, não dando tregua ao "Alleguack" adversario. Por fim os Garibaldinos, como os collegas do outros Clubs lhes chamam, conseguiram quasi em seguida marcar dois goals. Nessa occasião dois jogadores do Makenzie, Claudino e Zecelli, deixaram a liga por estarem contundidos. Com a retirada desses elementos parecia que novamente ia mudar de resolução aquella que dirige a roda da fortuna, galgando com a corôa da victoria o Palestra. Mas assim não aconteceu, porque os collegas da camisa encarnada continuaram sempre e com mais vigor a atacar o goal tricolor, conseguindo, mais uma vez, vassal-o, apossando-se assim do troféo offerecido pelo cav. Mattarazzo. O resultado deste match foi de tres a um. Os Santistas tambem tiveram o seu dia de sport, o "Palmeiras" bateu-se contra o Santos F. C., sahindo este vencedor por um score de dois a zero. Com mais esta derrota desahinhou de vez o Club da Floresta; elle que já tão bem no começo do campeonato... Dizem os torcedores... que a culpa foi do *Juiz* do Club Taubaté, que trouxe para o Palmeiras a urucubaca. Os companheiros de Jêjá affirmam que o mesmo, é como o Dudá, tão encantado; fez justissima coisa, e a verdade é, que desde que o Palmeiras foi derrotado pelo Taubaté, não conseguiu mais vender um match, sendo esta a sua ultima derrota.

DIA 12 — MAKENZIE VERSUS S. BENTO

O que foi este match nem é bom falar. Esperava-se um combate renhido entre as duas equipas e foi uma coisa (na gloria do foot-ballers) para os defensores das cores do S. Bento. Verdade se diga que o Makenzie desistido, por não terem comparecido ao campo elementos que se deixaram ficar em Campinas. Nunca podiam entrar que, depois da bella victoria contra o Palestra, o team da camisa vermelha se entregasse como um adversario d'antemão vencido... O S. Bento, pelo contrario, se apresentou de porta em porta, firmes na victoria que haveria de arrancar, custasse o que custasse d'esse team perigoso e respeitado por todos os adversarios que se tem batido com elle. O "S. Bento" precisava dessa victoria porque sinão, travhe-se mais difficuldades para o futuro. O score da victoria da esquadra azul e branca foi inesc-

plivei e inesperado, e quem diria que o sympathico Makenzie perderia por quatro a zero...!

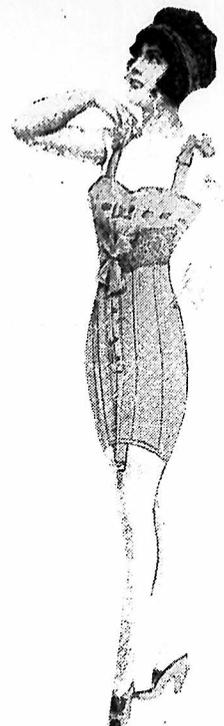
DIA 15 — YPIRANGA VERSUS PALMEIRAS

Dia lindo e cheio de sol. Todos os que foram assistir o encontro entre estas duas esquadras quasi que tinham certeza de presenciar um combate admiravel e de lances extraordinarios e de indomavel bravura, emfim uma açõo de continuidade do que foi executado pela manilá nos campos da Mococa pela nossa gallarda Força Publica. Mas isso não deu, apesar de se tratar de evitar a ultima collocação do campo de 1915. Sentimos dizer isso, e é com o coração nas mãos, que, o que presenciámos nos causou verdadeira dôr. Nunca poderíamos suppor que um team, tão valoroso o cheio de brío, que enfrentava todo e qualquer adversario com confiança e certeza na sua força e coesão, ficaria reduzido a tão lastimavel estado de desorganisação e dismantelo. Os palpites do dia eram pela nona derrota do Palmeiras e assim, com a victoria do Ypiranga foi dada a zorra de misericórdia no tão decantado Club das margens do Tietê. O resultado foi de um a zero.

DIA 19 — PAULISTANO VERSUS S. BENTO

Grande dia aquelle para o valoroso Paulistano. Quem diria que o team Alvirubro derrotaria o seu adversario campeão de S. Bento por um score de novo a zero! Poucas vezes tem se visto uma tão numerosa assistencia fazendo lembrar as pugnas inemoráveis de nossos "players" e argentinios, uruguayos e inglezes. Todos, ou quasi todos que foram presenciar a match, contavam com a derrota do Paulistano ou, então, quando muito, com um empate e esta ultima previsão era a mais acertada, pela preparação devida nos treinos e coesão das duas equipas. Os unicos que contavam com a victoria do "glorioso", eram os torcedores que não tinham a certeza e o palpilhamento da Estrella, que tem ultimamente marcado o destino do rejuvenescimento do Paulistano. As duas equipas entraram em campo debaixo de uma electricidade salva de palmas. O *Juiz* escolhido foi o dr. Benedicto Montenegro, sendo magnifico. Ao signal do *Juiz*, foi dado o "place-kick" e os vinte e dois luctadores tiveram o primeiro contacto, tendo todos elles em mente que ia-se disputar o troféo tão almejado, que era a taça da victoria. Ao principio, o S. Bento ia tirando melhor partido, mas o seu antagonista soube reagir com valentia indomavel e pouco a pouco, foi se apossando do terreno e a medida que o assediava ia preparando o ataque ao "goal", sendo feito logo após vinte e cinco minutos do jogo por Flaviano, que abriu o score com pericia e denodo, d'ali por deante notou-se um enfraquecimento gradual do S. Bento. Pouco depois do goal descripto repetiu-se mesma façanha pelo primeiro "center-half" da America do Sul, vasando o portão guardado por Orlando a uma distancia de quarenta metros. Logo a seguir Mauricio antes de terminar o primeiro tempo consegue para o seu team mais um ponto. O entusiasmo e a alegria dos paulistanos então transbordavam, ouvindo-se, com arreio de satisficção o "Alleguack", canto de guerra d'esse club, cantado pelos mais afamados torcedores do Paulistano. Pouco depois o *Juiz* dava signal de descanso. Quando novamente voltaram já o S. Bento estava convencido da estrotonda derrota que o esperava e assim o S. Bento já não atacava mais e tratava só de se defender como podia. Cinco minutos depois já Mauricio mais a quarta e quinta goals. Rubens o sexto e setimo e Agnello e Mauricio respectivamente o oitavo e o nono. Assim terminou a memoravel pugna, tão silenciosamente esperada. Deixamos para o fim enaltecer os heroicos feitos do menino Sergio, que foi, no mesmo vez, o herôe do dia, por ter completamente inutilizado o jogo combinado, dos tão extraordinariamente envolvidos campeões, Maclean e Hopkins, figurando de maior importancia, firmes na inter-estadaes e internacionais. Para terminar, tambem levantamos tres Alleguacks, guack, guack, herôe, herôe. Distanciamos esta victoria, está o Paulistano em primeiro lugar e em condições de tornar-se o campeão de 1916.

D' Arlagnan.



Madame
A. BAUDON
Colléteira
Especialidade em cintas
e collêtes para Senhoras
e soutien gorges
Rua Barão de Itapetiningá 57
S. PAULO

A. Baudon

Fabricante deapparelhos Orthopedicos

Para todas as deformidades
ESPARTILHOS Orthopedicos contra MAL DE POTT Desvios do Busto Bandagens Herniarios de todos SYSTEMAS Corsets de Sport para HOMENS
Cinturas de todos os SYSTEMAS Pernas e Braços Artificiaes, Pé aleijado, Ankylosis, Coxaleia Espalda de Malt-tieu
RUA BARÃO DE ITAPETININGA N. 57 — SÃO PAULO

Caspida Senna

hoção Vigorisadora dos Cabellos e que extingue completamente a caspa.



Rua das Palmeiras, 12 - S. PAULO

lopes & Senna - Telephone, 787

Pharmacia e Drogaria Santa Cecilia
Completo sortimento de productos chimicos e pharmaceuticos
Esmerado avultamento de receitas medicaes
Abre-se a qualquer hora da noite

Grande Fabrica de Moveis de vime

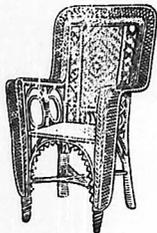
e de junco

— J. CARNEIRO BRAGA —

RUA BRIGADEIRO TOBIAS N.º 124

TELEPHONE N. 243 -- SÃO PAULO

N's Exmas. Familias rogamos uma visita a este estabelecimento onde temos a exposiçao mais completa de vime e junco que se pode imaginar em moveis e muitos outros objetos de vime e de junco.



Peçam preços, catalogos e informações que enviaremos gratis a quem solicitar citando o nome desta Revista.

Atenção a mais importante Fabrica de moveis, de vime e de junco, a



Rua Brigadeiro Tobias N. 124

Escovas de ferro de da fabrica.

Espanadores

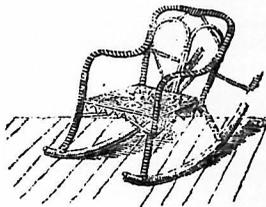
-- de todas as qualidades --

Escovas

-- de qualquer systema --

Cestas

de qualquer qualidade

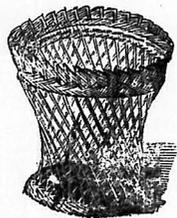


Capotas e

Viveiros

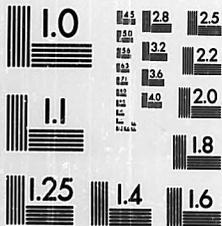
Escrudeiras para soalhos

Vassouras de cabelo fino, para encerados

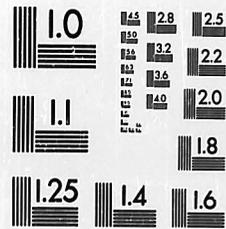


Vassourões de piaçava, para terreiros de café.





PHOTOGRAPHIC SCIENCES CORPORATION
770 BASKET ROAD
P.O. BOX 338
WEBSTER, NEW YORK 14580
(716) 265-1600



PHOTOGRAPHIC SCIENCES CORPORATION
770 BASKET ROAD
P.O. BOX 338
WEBSTER, NEW YORK 14580
(716) 265-1600

GR-14X

2.5 cm

5 cm

10 cm

